

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA – MESTRADO

ANA PAULA SOARES CAMPOS

IMPASSES DO SEGUNDO DUALISMO PULSIONAL FREUDIANO

Orientadora: Prof^ª Dr^a Fátima S. Caropreso

Juiz de Fora

2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA – MESTRADO

ANA PAULA SOARES CAMPOS

IMPASSES DO SEGUNDO DUALISMO PULSIONAL FREUDIANO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Psicologia por Ana Paula Soares Campos.
Orientador: Prof^a. Dr^a Fátima S. Caropreso.

Juiz de Fora
2015

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Campos, Ana Paula Soares.
Impasses do segundo dualismo pulsional freudiano / Ana Paula Soares Campos. -- 2015.
93 f.

Orientadora: Fátima S. Caropreso
Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2015.

1. Psicanálise. 2. Freud. 3. Teoria das pulsões. I. Caropreso, Fátima S., orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a minha orientadora Prof^{ta} Dr^a **Fátima Caropreso** pela paciência na orientação e pelo incentivo que em conjunto tornaram possível à conclusão deste trabalho.

Aos examinadores Prof^{ta} Dr^a **Carlota Maria Ibertis de Lassalle Casanave** e Prof. Dr. **Antenor Salzer Rodrigues** pelas contribuições e sugestões apresentadas no exame de qualificação.

Aos **professores** do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora, pelos ensinamentos adquiridos ao longo destes dois anos.

Às minhas amigas **Isabela** e **Eduarda** por terem sentido junto comigo todas as angústias e felicidades. Acompanharam de perto cada passo sempre dispostas a me ouvir e incentivar. Obrigada pela amizade, carinho e pela maravilhosa companhia nestes últimos anos.

Aos **colegas** do mestrado pelos momentos de alegria.

Aos **amigos** do Departamento de Ciência da Computação da Universidade Federal de Juiz de Fora, obrigada pelos momentos agradáveis compartilhados.

À **Andrea Veloso** pelo carinho e pela contribuição na finalização deste trabalho.

Ao **Heder** pelo amor e companhia em todos os momentos e por acreditar em meu potencial. A conclusão deste trabalho também foi fruto de seu valioso e incansável apoio.

Aos meus amados pais **Geraldo** e **Maria Helena** e aos meus segundos pais **Hélio** e **Joana D'Arc** pelo amor, carinho e confiança. Sobretudo pela compreensão das várias vezes em que estive ausente.

Aos meus familiares, obrigada por terem sido companheiros e por todos os gestos de amor, carinho e atenção que me impulsionaram a continuar.

À **UFJF** e à **CAPES** pelos auxílios disponibilizados, que foram fundamentais para o meu desenvolvimento acadêmico.

Dedicatória

Ao Heder que tornou minha caminhada mais significativa com sua companhia, apoio e amor.

RESUMO

Com a impossibilidade de sustentar o primeiro dualismo, Freud se viu diante da ameaça de ter que admitir um monismo pulsional. No entanto, Freud sempre considerou fundamental pressupor um dualismo. Em *Além do princípio do prazer* (1920), ao refletir sobre a relação entre a compulsão à repetição e a atividade pulsional, ele chega ao conceito de pulsão de morte. Em oposição a esta nova classe de pulsão, Freud apresenta a pulsão de vida e, assim, substitui o primeiro dualismo pulsional. Ambas as classes de pulsões teriam entrado em ação com o surgimento da vida a partir da matéria inorgânica. Enquanto a pulsão de morte buscaria retornar ao estado inorgânico, a pulsão de vida buscaria complexificar a vida, dificultando a morte do organismo. Mas a hipótese do segundo dualismo apresenta uma série de dificuldades, que colocam em questão até que ponto Freud conseguiu sustentá-la. Ele próprio reconhece, na obra de 1920, que o novo dualismo pulsional não apresenta o mesmo grau de certeza que os passos anteriores do desenvolvimento de sua teoria das pulsões. O objetivo deste trabalho é, em primeiro lugar, analisar a teoria apresentada em *Além do princípio do prazer* e discutir alguns dos principais problemas presentes na argumentação freudiana. Em seguida, procuramos analisar as hipóteses elaboradas por Freud sobre as duas classes de pulsões em textos posteriores, tendo em vista analisar em que medida ele consegue sustentar a primariedade e a independência das duas classes de pulsões no restante de sua teoria. Concluímos que os impasses presente no texto de 1920 não são plenamente solucionados e procuramos apontar as principais questões que permanecem em aberto na teoria freudiana acerca do segundo dualismo pulsional.

Palavras-chave: Psicanálise; Freud; teoria das pulsões; pulsão de vida; pulsão de morte.

ABSTRACT

With the impossibility of sustaining the first dualism, Freud was faced with the threat of having to admit a drive monism. However, Freud always considered fundamental to assume a dualism. In *Beyond the Pleasure Principle* (1920), when reflecting on the relationship between the repetition compulsion and drive activity, he gets the concept of the death drive. In opposition to this new drive class, Freud presents the life drive and, thus, replaces the first drive dualism. Both drive classes would act with the emergence of life from inorganic matter. While the death drive would return to the inorganic state, the life drive would make the life more complex, making the death of the organism harder. However, the second dualism hypothesis presents a number of difficulties which begs the question if Freud was able to sustain this. In his work of 1920, he recognizes that the new drive dualism does not present the same degree of certainty that the previous steps of the development of his theory of drives. The objective here is, first, to analyze the theory presented in *Beyond the Pleasure Principle* and discuss some of the main problems present in Freud's argument. Then we analyzed the hypotheses developed by Freud regarding the two drive classes in later works in order to analyze how he can sustain the primarity and independence of the two drive classes in the remaining of his theory. We conclude that the impasses in the text of 1920 are not fully solved and we try to point out the main issues that remain open in the Freudian theory about the second drive dualism.

Keywords: Psychoanalysis; Freud; theory of drives; life drive; death drive.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
1 QUESTIONAMENTOS EM ALÉM DO PRINCÍPIO DO PRAZER.....	6
1.1 Repensando a soberania do princípio do prazer.....	6
1.2 A função da compulsão à repetição.....	15
1.3 Pulsão de vida versus Pulsão de morte.....	21
1.4 Recurso à biologia.....	25
1.5 Estabelecendo o segundo dualismo.....	29
1.6 Considerações finais.....	34
2 O SEGUNDO DUALISMO APÓS 1920.....	37
2.1 A primeira tópica do aparelho psíquico.....	37
2.2 A segunda tópica do aparelho psíquico.....	41
2.3 Supereu herdeiro do complexo de Édipo.....	45
2.4 Supereu herdeiro do id.....	49
2.5 Pulsão de vida e pulsão de morte em O eu e o id.....	52
2.6 Considerações finais.....	57
3 O DUALISMO PULSIONAL NO FINAL DA OBRA FREUDIANA.....	59
3.1 O embaraçamento dos princípios.....	59
3.2 Os representantes da pulsão de morte.....	62
3.3 O segundo dualismo em O mal-estar na civilização.....	67
3.4 O masoquismo e a pulsão de morte.....	69
3.5 Pulsão de morte e o sentimento de culpa.....	73
3.6 Considerações finais.....	77
CONCLUSÕES.....	78
BIBLIOGRAFIA.....	82

INTRODUÇÃO

O conceito de *Trieb*¹ é, sem dúvida, um dos mais polêmicos da obra freudiana. Freud considera como “o elemento mais importante e mais obscuro da pesquisa psicológica” (Freud, 1920/2010, p. 198). Mas, apesar dessa obscuridade que envolve este conceito, a pulsão é fundamental para a teoria freudiana. Segundo Laplanche e Pontalis (1982/2001), embora o termo *Trieb* somente apareça em 1905, ele tem sua origem no *Projeto para uma psicologia científica* (1950 [1895]/1982) como noção energética na distinção que Freud faz entre dois tipos de excitação a que o organismo está submetido – forças externas e forças internas –, estas últimas produzem um afluxo constante de excitação a que o organismo não pode escapar e que é o propulsor do funcionamento do aparelho psíquico. Caropreso (2010) também aponta que as primeiras formulações da noção de pulsão como uma representação psíquica da necessidade corporal já estaria presente no *Projeto*. Muito também se discute sobre qual seria a melhor tradução do termo *Trieb* (instinto, pulsão, impulso). Não vamos entrar nesta discussão. Nossa intenção, neste início de trabalho, é contextualizar o significado do termo “pulsão” em alguns momentos da obra freudiana.

Laplanche e Pontalis (1982/2001) ressaltam que algumas vezes a própria pulsão aparece como o representante psíquico das excitações provenientes do interior do corpo; outras, a pulsão é assimilada ao processo de excitação somática, ou seja, ela é que será representada no psiquismo por representantes da pulsão. No artigo *Três ensaios sobre uma teoria da sexualidade* (1905/1978) Freud define a pulsão como sendo o representante psíquico de um estímulo somático, diferenciando-o do estímulo que é produzido por excitações isoladas vindas de fora. Nesta época a pulsão é definida como um dos conceitos da delimitação entre o psíquico e o somático.

Nos artigos metapsicológicos observamos que Freud emprega o termo pulsão de dois modos diferentes. A primeira dessas definições é apresentada no artigo *Os instintos e seus destinos* (1915/2010a). Neste artigo Freud usa a mesma definição de pulsão usada anteriormente no artigo de 1905, isto é, a pulsão não é o estímulo interno, ela é o representante psíquico deste estímulo. É um conceito limite entre o somático e o psíquico. Segundo Monzani (1989), no corpo existem estímulos e não pulsão. A pulsão aparece quando tais estímulos ganham uma representação psíquica, ou seja, a pulsão é a representação do estímulo no aparelho

¹ Vale ressaltar que na realização deste trabalho foram consultadas as obras traduzidas diretas do alemão por Paulo César de Souza e publicadas pela *Companhia das Letras*. Embora este tradutor tenha optado pelo uso de *Instinto* em referência ao termo alemão *Trieb*, a presente dissertação emprega preferencialmente o termo *Pulsão*, devido à maior tradição e consenso no uso desse termo, assim, ambos são encontrados ao longo do texto. As traduções publicadas pela editora *Amorrotu* também são consultadas, visto que nem todas as obras foram publicadas pela *Companhia das Letras*.

psíquico. Caropreso (2010) comenta que esta mesma definição também é usada por Freud na discussão do caso Schreber (1911).

No artigo *A repressão* (1915/2010b), a pulsão é concebida de forma diferente. Segundo Caropreso (2010), Freud passa a diferenciar a pulsão de seu representante psíquico, assim, a pulsão seria o estímulo orgânico que é representado no psíquico pelo representante de pulsão. No artigo *O inconsciente* (1915/2010c), Freud também apresenta essa definição. Ele acrescenta que a pulsão não pode jamais se tornar objeto da consciência, apenas a ideia que a representa. Também no inconsciente a pulsão não pode ser representada senão pela ideia ou pelo afeto. Deste modo, é necessário que a pulsão se prenda a uma ideia ou apareça com um estado afetivo, caso contrário, nada poderíamos saber sobre ela.

Nos artigos *A repressão* (1915/2010b) e *O inconsciente* (1915/2010c) notamos que a definição de pulsão difere de representante psíquico. Nestes artigos, como coloca Monzani (1989), a pulsão é de ordem biológica e ela só se faz conhecer quando é representada no psíquico, ou seja, a pulsão é incognoscível, ela só é conhecida através dos seus representantes. Sobre esta definição, Garcia-Roza (2008) comenta que a pulsão, ela própria, está para além da distinção entre consciente e inconsciente, para além, portanto, do espaço da representação, não se fazendo presente no psiquismo a não ser por seus representantes psíquicos (*Vorstellung e Affekt*). Diante dessas diferentes definições Monzani (1989) aponta que se trata sempre de um processo que, de tempos em tempos, opera uma transformação das moções biológicas em moções psíquicas e onde uma energia orgânica se transforma em energia psíquica.

Em *Além do princípio do prazer* (1920/2010) Freud inicialmente volta a diferenciar a pulsão do estímulo interno e a igualá-la ao representante psíquico. Neste texto ele afirma que as mais ricas fontes de excitação interna são as pulsões, os representantes de todas as forças procedentes do interior do corpo, que são transmitidas ao aparelho psíquico e que constituem o elemento mais importante e mais obscuro da pesquisa psicológica. Esta definição é a mesma empregada em *Três ensaios sobre uma teoria da sexualidade* (1905/1978) e *Os instintos e seus destinos* (1915/2010a). A pulsão aparece como delegadora de um comando somático ao psíquico.

Caropreso (2010) observa que na etapa inicial da teoria freudiana, a pulsão era um conceito que dizia respeito exclusivamente ao aparelho psíquico. Mas, com a introdução da compulsão à repetição, o entendimento da pulsão se amplia passando a ser considerada um impulso inerente à vida orgânica, que visa o retorno a um estado anterior. Assim, neste mesmo artigo de 1920, Freud amplia a definição do termo em debate. A pulsão é, então, entendida como um impulso, presente em todo organismo vivo, tendente à restauração de um estado anterior, que esse ser vivo teve de abandonar por influência de perturbadoras forças

externas, uma espécie de elasticidade orgânica. No entanto, em *Esboço de psicanálise* (1940 [1938]/1980) Freud coloca que as forças que supõe existir por trás das tensões causadas pelas necessidades do id são chamadas de pulsões. Elas representam as exigências somáticas que são feitas à mente.

Constatamos, então, que ao longo da construção da teoria psicanalítica Freud refere-se ao termo pulsão de três modos: a pulsão como representante psíquico, ela sendo representada por seu representante e a pulsão sendo algo para além do aparelho psíquico.

Na *Conferência XXXII* (1933/2010b), Freud diz que a pulsão, embora nunca estejamos certos de vê-las com precisão, não pode ser ignorada em nenhum instante. A teoria das pulsões é, por assim dizer, uma mitologia. Segundo Hanns (1999), as definições do termo pulsão estão próximas e correlacionadas com o núcleo básico: propulsionar e colocar em movimento. Nota-se, então, que o termo pulsão, de modo geral, consiste numa pressão ou força que ataca o organismo a partir de dentro e o impele a realizar ações específicas suscetíveis de provocarem uma descarga da excitação.

Apesar de o termo pulsão ser um conceito que causa muitas discussões entre os teóricos da psicanálise, parece ser um consenso entre estes que Freud sempre procurou sustentar uma concepção dualista das pulsões. Segundo Monzani (1989) essa concepção sempre esteve implícita nas posições teóricas freudianas se tornando evidente com a publicação do artigo *A perturbação psicogênica da visão segundo a psicanálise* (1910/1979), no qual Freud anuncia seu primeiro dualismo pulsional, opondo as pulsões sexuais cuja energia é de ordem libidinal, sendo estas pulsões as responsáveis pela preservação da espécie, e as pulsões de autoconservação (pulsões do eu)², que têm por objetivo a conservação do indivíduo. Garcia-Roza (2008) ressalta que Freud, em alguns poucos momentos, utiliza o termo “interesse” para se referir à energia de investimento das pulsões de autoconservação, sempre assinalando que se trata de uma energia distinta da libido. A natureza desta energia não é esclarecida por Freud, mas como argumenta Garcia-Roza, o propósito não era apresentar a definição do que seria essa energia de “interesse”, o que estava em questão para Freud era manter um lugar não sexual na teoria das pulsões. Neste artigo de 1910, Freud supõe que a causa da cegueira histórica tem como base um conflito entre a pulsão sexual e a pulsão do eu. Não há neste artigo uma descrição de como este dualismo se constitui, isto é, Freud não discute os parâmetros deste dualismo, ele não esclarece por que as pulsões devem ser de classes diferentes. Ele apenas defende que a pulsão sexual tem objetivos opostos aos da pulsão do eu. A nosso ver, a concepção de um dualismo é um pressuposto na teoria psicanalítica, que possibilita Freud interpretar os fenômenos com os quais ele se depara. O conflito é, para a

² Os termos pulsões de autoconservação e pulsões do eu são empregados como sinônimos. Pulsões de autoconservação designam as necessidades ligadas às funções corporais cujo objetivo é a conservação da vida do indivíduo. Por se supor que o eu esteja a serviço da conservação do indivíduo, faz-se corresponder as pulsões de autoconservação às pulsões do eu, empregando-se os termos como sinônimos.

psicanálise, constitutivo do ser humano. Como comenta Garcia-Roza (1936) o dualismo, não somente o pulsional, atravessa toda a produção teórica de Freud. Segundo Garcia-Roza, é o conflito que “institui a ordem humana, assim como é o conflito que produz a clivagem do psiquismo. Trata-se, portanto, de uma das noções mais fundamentais da psicanálise e que está presente, nas suas mais variadas formas, em qualquer texto psicanalítico” (p. 125).

O dualismo entre pulsão sexual e pulsão do eu não foi mantido inalterado até o fim. Em 1914, no texto *Introdução ao narcisismo*, Freud evidencia que, ao menos parte das pulsões do eu, também eram de natureza libidinal, que teriam tomado o próprio eu por objeto. Desse modo, a libido direcionada ao eu foi chamada de narcísica (libido do eu). Assim sendo, a oposição entre pulsão sexual e pulsão do eu tornou-se obscurecida, uma vez que o eu é visto agora como investido libidinalmente. A rigor, como coloca Monzani (1989), seria correto falar de libido do eu e libido objetal. De acordo com Freud (1920/2010), a descoberta da libido narcísica não altera a fórmula anterior para as neuroses de transferência, apenas seria necessária uma modificação, em vez de um conflito entre pulsões sexuais e pulsões do eu, seria melhor considerar um conflito entre investimento objetal e investimento do eu.

Com o investimento primário da libido no eu, parece que se dissolve a necessidade de distinguir uma energia sexual (a libido) de uma energia não sexual (o interesse) própria da pulsão de autoconservação e, por consequência, estando ambas as pulsões em uma única classe, parece ser desnecessário falar em um dualismo entre classes diferentes. No entanto, Freud continuou sustentando a concepção dualista das pulsões, mesmo parecendo não respeitar muitos os fatos. Nakasu (2007) comenta que nos artigos metapsicológicos de 1915 a concepção dualista é sustentada à custa de provas pouco convincentes. Segundo ela: “Freud afirma, por exemplo, que o fato de as pulsões de autoconservação serem reconhecidas como libidinais não prova que não existam outras pulsões funcionando no ego” (p. 110).

O último esforço em defesa da dualidade primária foi apresentado na *26ª Conferência introdutória sobre psicanálise* (1917/1978), na qual Freud tenta estabelecer uma diferença entre a libido do eu (egoica) e o interesse (energia da pulsão do eu). Todavia, como comentam Laplanche e Pontalis (1982/2001) “se conceitualmente a distinção entre pulsões do ego e libido do ego é nítida, nos estados narcísicos (sono, doença somática) ela deixa de ser.” (p. 268). Ou seja, a libido e o interesse do eu têm o mesmo destino e são, portanto, impossíveis de distinguir entre si. Apesar do esforço, Freud não consegue manter essa diferença e, em *Além do princípio do prazer* (1920/2010), reconhece que a oposição inicial entre as pulsões do eu e as pulsões sexuais não poderia mais ser sustentada. Nesta mesma obra,

Freud apresenta o novo dualismo pulsional entre a pulsão de vida e a pulsão de morte.

Mas como Freud chega ao novo dualismo? Procuramos mostrar ao longo desta dissertação a lógica argumentativa que o leva a anunciar o segundo dualismo pulsional, tendo em vista discutir em que medida ele consegue sustentar a primariedade e independência das duas classes de pulsões. O método de trabalho teve como base a epistemologia da psicanálise delineada por Monzani (1990), a qual visa analisar as articulações conceituais internas que constituem a estrutura da teoria freudiana, com o objetivo de esclarecer o desenvolvimento do pensamento de Freud, seus impasses e limitações.

Buscamos analisar as obras em que Freud aborda o tema do segundo dualismo: *Além do princípio do prazer* (1920), *O eu e o Id* (1923), *O problema econômico do masoquismo* (1926), *O mal-estar na civilização, Novas conferências introdutórias à psicanálise: Conferência XXXII: Angústia e instintos* (1933), *Análise terminável e interminável* (1937) e *Esboço de psicanálise* (1940). No entanto, essa seleção de obras não exclui demais textos freudianos que possam ser pertinentes para o estudo, assim como a contemplação de fontes secundárias que contribuam para a contextualização e discussão do tema de pesquisa.

Em relação à estrutura, esta dissertação está organizada em três capítulos. O primeiro consiste em uma revisão do artigo *Além do princípio do prazer*, tendo em vista esclarecer o percurso teórico e os impasses presentes na argumentação freudiana. Nos capítulos posteriores analisamos em que medida esses impasses, presentes no texto de 1920, são resolvidos de forma a permitir a Freud sustentar a existência das duas classes de pulsões.

No segundo capítulo, discutimos como Freud situa o segundo dualismo no aparelho psíquico. O artigo *O eu e o id* serviu-nos de guia. É neste artigo que Freud apresenta as noções de id e supereu, que são essenciais nas argumentações sobre a pulsão de morte. No capítulo três abordamos os textos *O problema econômico do masoquismo* e *O mal-estar na civilização*, nos quais Freud consegue grandes avanços na elaboração do segundo dualismo pulsional.

As incongruências na teoria dualista pulsional têm sido motivo de vários estudos, os quais objetivam esclarecer esses pontos obscuros. Acreditamos que este trabalho possa promover e facilitar a compreensão do pensamento freudiano aos leitores da teoria psicanalítica.

1 QUESTIONAMENTOS EM ALÉM DO PRINCÍPIO DO PRAZER

1.1 Repensando a soberania do princípio do prazer

Freud inicia o texto *Além do princípio do prazer* (1920/2010), retomando a hipótese do princípio do prazer considerado, até o momento da teoria, como o princípio fundamental que governa os processos psíquicos. De acordo com ele, o aparelho psíquico busca sempre manter a quantidade de excitação não ligada no nível mais baixo possível. Nesse sentido, os estímulos que chegam até ele instigam o funcionamento psíquico a tomar uma direção, tal que o seu resultado final coincide com um abaixamento dessa tensão. O princípio de prazer se caracteriza portanto, como “uma tendência que se acha a serviço de uma função, à qual cabe tomar o aparelho psíquico isento de excitação, ou conservar o montante de excitação dentro dele constante ou o menor possível” (Freud, 1920/2010, pp. 236-237). O objetivo deste princípio é evitar o desprazer e obter prazer. Na definição freudiana de 1920, prazer e desprazer, abordados sob uma perspectiva econômica, estão ligados à quantidade de excitação presente no aparelho psíquico. Esta excitação pode estar no estado móvel (energia livre) ou no estado tônico (energia ligada). Estes dois estados de energia apresentam diferentes modos de escoamento. É essa distinção que caracteriza a separação entre processo primário e processo secundário. Assim, do ponto de vista econômico-dinâmico, no processo primário, a energia psíquica escoava livremente, ou seja, busca a satisfação da forma mais direta possível. No processo secundário, a energia psíquica é descarregada de forma mais controlada, ou seja, a satisfação é adiada.

A hipótese do princípio do prazer é, então, formulada em termos econômicos: quando a quantidade de energia livre (não ligada) aumenta, há desprazer, quando a quantidade de energia livre diminui, há prazer. No entanto, ele reconhece que a relação entre as sensações de prazer e desprazer e as modificações correspondentes na quantidade de excitação livre não ocorre numa proporção direta, ou seja, não há uma relação direta entre a quantidade de energia livre e as sensações de desprazer e prazer, nem uma mera proporção. Sobre isso, Freud faz as seguintes considerações:

Decidimos relacionar prazer e desprazer com a quantidade de excitação — não ligada de nenhuma maneira — existente na vida psíquica, de tal modo que o desprazer corresponde a um aumento, e o prazer, a uma diminuição dessa quantidade. Nisso não pensamos numa relação simples entre a força das sensações e as modificações a elas correspondentes; tampouco — após tudo o que nos ensinou a psicofisiologia — numa proporção direta; provavelmente o fator decisivo para a sensação é a medida de diminuição ou aumento num dado período de tempo (Freud, 1920/2010, p. 163).

Como observado, Freud sugere que o fator decisivo talvez sejam aumentos e diminuições em um dado período de tempo, uma vez que ele reconhece que há tensões, que são sentidas como agradáveis, tais como as manifestações da sexualidade (sadismo e masoquismo) que colocam em questão a identificação entre prazer e diminuição do nível de excitação. Esta questão é retomada e abordada de modo mais sistemático em *O problema econômico do masoquismo* (1924/2011). Na colocação de Plastino (2001), “os critérios quantitativos utilizados para apreender o que seja prazer ou o desprazer são radicalmente insuficientes para compreender a sua significação” (p. 106).

Analisando a obra psicanalítica freudiana, observamos como aponta a metáfora do movimento espiralado usada por Monzani, que “as mesmas questões são abordadas, 'esquecidas', retomadas, mas não no mesmo nível em que estavam sendo tratadas anteriormente. Sempre temos uma progressiva rearticulação e redefinição dos conceitos determinada por sua lógica interna e pela progressiva integração dos dados da experiência” (1989, p. 303). É com base nesta visão, que alguns teóricos da psicanálise consideram o artigo *Projeto para uma psicologia científica* (1950 [1895]/1982), ou simplesmente, *O Projeto*, como ficou conhecido, importante na gênese da teoria. Apesar de este texto ter sido escrito em 1895, somente foi publicado em 1950, depois da morte de seu escritor. Muitas das hipóteses apresentadas em *Além do princípio do prazer* possuem grandes semelhanças com as hipóteses “rascunhadas” no *Projeto*. Parece que Freud resgata no texto de 1920 antigas hipóteses que haviam sido elaboradas no *Projeto*, mas que foram deixadas de lado (Caropreso, 2010).

A mesma autora, citada acima, aponta que no *Projeto*, apesar de um “princípio do prazer” não ser mencionado, Freud sugere uma identificação entre a tendência primária à inércia e a tendência da vida psíquica para evitar o desprazer. Segundo as hipóteses deste texto o princípio de inércia seria o princípio fundamental e originário da atividade nervosa. Regidos por este princípio os neurônios aspirariam a libertarem-se da quantidade de energia pela via mais bem facilitada, por meio de movimentos reflexos. A tendência primordial do aparelho neuronal seria permanecer no estado zero de estímulo. Este princípio seria eficaz quando se tratasse de estímulos externos, no entanto, o aparelho neuronal também receberia excitações do próprio corpo: os estímulos internos. Em relação a estes últimos estímulos, o mecanismo reflexo de descarga não seria suficiente. As excitações internas somente poderiam ser eliminadas adequadamente através de ações específicas, isto é, ações realizadas no meio externo que seriam capazes de cessar a excitação interna, como por exemplo, a ingestão de alimento no caso da fome, sendo necessário certa reserva de energia. Assim, o funcionamento do aparelho regido pelo princípio de inércia sofreria uma alteração, tornando-se capaz de tolerar uma quantidade mínima de energia para realizar a ação específica e, assim, poder eliminar a excitação. Desse modo, a tendência primária à inércia seria substituída pela “tendência à constância”, capacitando o

aparelho a desempenhar processos mais complexos do que a resposta reflexa.

Freud passa a falar em um “princípio do desprazer” no texto *A interpretação dos sonhos* (1900/1979), mas esse princípio não é entendido da mesma forma que o princípio de inércia. Um funcionamento regido pelo princípio do desprazer além de trabalhar no sentido de evitar o desprazer seguindo os caminhos mais diretos possíveis também seria capaz de evitar caminhos que levassem ao desprazer, capacidade essa que seria uma aquisição secundária no *Projeto* de 1895 (Caropreso & Simanke, 2006). Na obra de 1900, Freud diz que o sistema inconsciente seria regido exclusivamente pelo princípio do desprazer, enquanto que o pré-consciente seria regido pelo que ele chamaria posteriormente, em *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico* (1911/1980), de “princípio de realidade”. Nesse último texto, Freud passa a nomear “princípio do prazer” o que antes era chamado de princípio do desprazer.

Seguindo com o artigo *Além do princípio do prazer*, Freud reconhece que as principais teses psicofísicas de Gustav Theodor Fechner coincidem com a tendência do princípio do prazer que se empenha em conservar a quantidade de excitação existente no aparelho psíquico a mais baixa possível ou ao menos constante. Segundo o psicofísico, as sensações de prazer e de desprazer possuem relação psicofísica com situações de estabilidade e instabilidade, partindo daí a hipótese de que todo o movimento psicofísico que supera o limiar da consciência é acompanhado de prazer, quando se aproxima da estabilidade e de desprazer, quando se afasta dela, havendo entre os dois limites uma margem de equilíbrio. A relação que Freud infere entre o princípio da constância e o princípio do prazer é que este último é um caso particular do primeiro, “ao aprofundar a discussão, veremos que esse empenho do aparelho psíquico [*conservar a quantidade de excitação nele existente a mais baixa possível, ou ao menos constante*], que nós supomos, subordina-se, como caso especial, ao princípio fechneriano da tendência à estabilidade” (Freud, 1920/2010, p. 164, [*acréscimo colocado*]).

Chamamos a atenção para o fato de Freud equivaler à tendência do aparelho psíquico em conservar a quantidade de excitação nele existente a mais baixa possível com manter essa quantidade constante. Parece que há um erro nesta argumentação, pois manter a excitação no nível mais baixo não é o mesmo que mantê-la estável. Contudo, como explica Figueiredo (1999), apesar de Freud ter sido infeliz na sua forma de expressar a hipótese de constância como equivalente do princípio do prazer, sua argumentação, ainda assim, é válida. Figueiredo explica que no século XIX o cientista Fechner descobriu que a sensação é uma função logarítmica da estimulação e, assim, quando a estimulação inicial está pouco acima do limiar, qualquer pequena variação pode ser percebida. Quando está muito acima do limiar, variações da mesma magnitude passam completamente despercebidas e o sujeito não reage a elas, para ele há estabilidade, ou seja, essas variações já

não perturbam o sujeito. Ou seja, haveria dois modos de entender o conceito de excitação, o modo objetivo, segundo o qual a excitação se refere à estimulação real que incide sobre o organismo, e o modo subjetivo, segundo o qual a excitação se refere à sensação produzida pelo estímulo. Assim, quando Freud equiva o princípio de constância de Fechner com o princípio do prazer afirmando que o aparelho psíquico se esforça em manter a estimulação tão baixa ou ao menos constante ele está se referindo ao modo subjetivo, na qual a baixa estimulação ou a estimulação acima do limiar não serão perceptíveis para o organismo.

Após retomar a hipótese do princípio do prazer, Freud questiona o domínio deste princípio como regulador primário do aparelho psíquico. Ele nota que há uma contradição entre a função assumida por este princípio e a experiência empírica de sensação de prazer. Freud observa que o princípio do prazer participa apenas de uma parte muito limitada dos processos psíquicos e argumenta que a maioria dos processos mentais não são acompanhados de prazer. De fato o que acontece, completa Freud, é a existência de “uma forte tendência ao princípio do prazer, à qual se opõem determinadas forças ou constelações, de modo que o resultado final nem sempre corresponde à tendência ao prazer” (Freud, 1920/2010, p. 165).

As circunstâncias que fazem Freud duvidar da dominância do princípio do prazer são retiradas do trabalho clínico. Ele analisa algumas situações que, supostamente, evidenciam a sobreposição da sensação de desprazer sobre a sensação de prazer. O objetivo de Freud é encontrar evidências de um funcionamento no aparelho psíquico que se coloca em oposição ao princípio do prazer. O primeiro caso de inibição do princípio de prazer diz respeito à substituição deste princípio pelo princípio de realidade devido às constantes exigências do mundo externo, como ele explica na seguinte passagem:

O primeiro caso de uma tal inibição do princípio do prazer nos é familiar, apresentando-se com regularidade. Sabemos que o princípio do prazer é próprio de um modo de funcionamento primário do aparelho psíquico, e que, para a auto-afirmação do organismo em meio às dificuldades do mundo externo, já de início é inutilizável e mesmo perigoso em alto grau. Por influência dos instintos de auto-conservação do Eu é substituído pelo princípio da realidade, que, sem abandonar a intenção de obter afinal o prazer, exige e consegue o adiamento da satisfação, a renúncia a várias possibilidades desta e a temporária aceitação do desprazer, num longo rodeio para chegar ao prazer (Freud, 1920/2010, p. 165).

Contudo, Freud ressalta que em algumas situações o princípio de prazer consegue se sobrepor ao princípio de realidade, em especial no funcionamento das pulsões sexuais, que ora ou outra conseguem a satisfação imediata. A substituição do princípio do prazer pelo princípio de realidade é responsável por uma pequena parte do desprazer.

Uma segunda inibição do princípio do prazer está relacionada aos conflitos dentro do aparelho

psíquico. Freud coloca que quase toda energia que preenche o aparelho psíquico vem das pulsões inatas, mas estas não são todas admitidas nas mesmas fases do desenvolvimento do eu, algumas pulsões são incompatíveis nas suas metas e exigências com o eu. As pulsões incompatíveis são afastadas do eu por meio da repressão e são impedidas de satisfação. No entanto, mesmo reprimidas essas pulsões almejam a sua satisfação; quando conseguem expressão, seja diretamente ou substitutivamente, a sensação que antes seria de prazer é sentida como desprazer para o eu, ou seja, é prazer que não pode ser sentido como tal.

O desprazer sentido nestes dois casos – substituição do princípio do prazer pelo princípio de realidade e os conflitos psíquicos – não cobrem a maioria das vivências desprazerosas. Segundo Freud, o desprazer produzido nestas vivências não parece contradizer o domínio do princípio do prazer, pois ambas resultam da tentativa de obter prazer e, assim, estão de acordo com este princípio. A conclusão que ele chega é que o desprazer sentido nestas vivências é desprazer de percepção, ou seja, as vivências não causam desprazer de fato, mas o aparelho psíquico é que reconhece tais vivências como desprazerosas. Nas palavras de Freud “a maior parte do desprazer que sentimos é desprazer de percepção, seja percepção da premência de instintos insatisfeitos ou percepção externa, que é penosa em si ou que provoca expectativas desprazerosas no aparelho psíquico, sendo por ele reconhecida como ‘perigo’” (Freud, 1920/2010, p. 167). Em qual vivência poderíamos observar, de fato, a inibição do princípio do prazer? Freud aposta que a reação psíquica ao perigo externo poderá fornecer alguma evidência do problema por ele tratado.

O artigo *Além do princípio do prazer* foi escrito um ano após a Primeira Guerra Mundial. Devido a esta guerra Freud recebeu, em seu consultório, vários casos de neurose traumática e pode observar que tal doença não resulta de uma lesão orgânica no sistema nervoso³. Ele afirma que as catástrofes naturais, os acidentes graves e os atos de guerra são circunstâncias capazes de provocar neuroses traumáticas ou neuroses de guerra. Estes tipos de neuroses sobrevêm após uma experiência dolorosa súbita e de grande intensidade, capaz de produzir distúrbios funcionais no aparelho psíquico. Nestes fenômenos, ele observa que a pessoa fixa-se na vivência traumática e na repetição frequente do mesmo episódio doloroso sob a forma de sonhos. O que intriga Freud em tais fenômenos é a repetição do sofrimento que parece contrariar o funcionamento do princípio de prazer.

Freud recorda que tanto Breuer quanto ele já haviam reconhecido essas fixações nos casos de histeria, nos quais o sujeito sofre de reminiscências; e também nas neuroses de guerra, identificadas por Ferenczi e Simmel, quando os sintomas motores são causados pela fixação ao momento do trauma. O que difere estes eventos dos sonhos nas neuroses traumáticas é que os sujeitos que sofrem desta última não apresentam prejuízos de nenhuma natureza quando estão acordados. Outra diferença é que este novo fenômeno também

³ *Introdução à psicanálise das neuroses de guerra* (1919/1979).

não parece ser explicado pela hipótese do sonho como sendo uma realização de desejo, pois não parece ser coerente dizer que o indivíduo que sofre de neurose traumática tem como desejo reviver o evento causador de sua doença. Como saída para este impasse Freud considera, provisoriamente, que na neurose traumática a função do sonho é desviada de seu propósito, caso contrário ele teria que explicá-la a partir das enigmáticas tendências masoquistas do eu.

No texto *Além do princípio do prazer* Freud afirma que não conhecia suficientemente a neurose traumática. Ele apenas havia notado que a condição para o surgimento desta neurose dependeria da incapacidade do sujeito de lidar com uma experiência marcada pelo fator do medo e do susto, cujo tom afetivo fosse excessivamente intenso. E caso esta condição ocorresse simultaneamente a um dano físico, em geral, a neurose não seria desencadeada. Freud considera válido diferenciar alguns conceitos que, por terem relação com o termo perigo, são empregados erradamente e que são importantes para entender os fenômenos das neuroses. Ele explica que o *medo* é o estado de ficar amedrontado por causa de um objeto; *susto*⁴ é o estado que o sujeito fica quando vivencia uma situação de perigo sem estar preparado, nesta situação o fator de surpresa é enfatizado; e a *angústia* é o estado de expectativa do perigo, é a preparação para a situação de perigo, mesmo o perigo sendo desconhecido. Mas qual é a contribuição que o fenômeno da neurose traumática traz para as investigações do princípio do prazer? Antes de Freud apresentar alguma conclusão sobre este assunto, ele inicia novas investigações abordando agora as brincadeiras infantis, a neurose de transferência e a compulsão de destino.

Freud observa que o conteúdo das brincadeiras infantis são representações das situações vividas pela criança, e que estas representações são compulsoriamente repetidas. Mas Freud chama a atenção para o fato de que, assim como acontece nas neuroses traumáticas, as experiências de desprazer também são repetidas. Foi observando o neto brincando (episódio que ficou conhecido como jogo do *fort-da*, ou jogo do carretel), que Freud elabora algumas contribuições sobre a inibição do princípio do prazer. Freud narra a brincadeira do neto, que:

com habilidade lançava o carretel, seguro pelo cordão, para dentro do berço, através de seu cortinado, de modo que ele desaparecia, nisso falando o significativo o—o—o—o, e depois o puxava novamente para fora do berço, saudando o aparecimento dele com um alegre “da” [“está aqui”]. Então era essa a brincadeira completa, desaparecimento e reaparição, de que geralmente via-se apenas o primeiro ato, que era repetido incansavelmente como um jogo em si, embora sem dúvida o prazer maior estivesse no segundo ato (Freud, 1920/2010, p. 172).

Na visão de Freud, o jogo representa uma conquista cultural do neto - a renúncia à satisfação pulsional

4 Na tradução consultada o termo “Schreck” foi traduzido por “terror” mas optamos em usar o termo “susto”.

- ao permitir a ausência da mãe sem reclamar. A questão que envolve este jogo é que a criança repete na brincadeira uma vivência que foi, sem dúvida, desprazerosa para ela. Como pode essa vivência dolorosa se harmonizar com o princípio do prazer? Freud sugere três possíveis interpretações. A encenação teria, ao final, a sensação de prazer devido o reaparecimento. Essa interpretação é considerada por Freud pouco provável, pois algumas vezes a brincadeira não chegava à reparação. A brincadeira também poderia representar a passagem da posição passiva para a ativa. A criança ao transformar a vivência em jogo parece esforçar-se para sair da condição de passividade que se encontrava para uma posição ativa. A encenação de lançar o objeto também poderia representar a satisfação da pulsão que foi reprimida pela realidade, ou seja, representa o desejo da criança de vingar-se da mãe por ter desaparecido para ele. Sobre esta última interpretação da brincadeira Freud se questiona “se a tendência a elaborar psiquicamente algo impressionante e dele apropriar-se inteiramente pode se manifestar de modo primário e independente do princípio do prazer” (Freud, 1920/2010, p. 174). A conclusão ao qual ele chega é que a repetição de uma impressão desagradável pode ocorrer na brincadeira se essa repetição estiver ligada a uma obtenção de prazer de outro tipo.

Freud não concluiu qual das três interpretações sobre o jogo teria maior validade. Segundo ele, é natural a criança repetir e brincar com o que lhe produziu uma forte impressão na vida, até mesmo, as vivências de desprazer não são inadequadas para o brinquedo. Freud destaca que igualmente o adulto revive nas encenações teatrais experiências dolorosas, mas que, no contexto artístico são consideradas como fontes de prazer. Essas evidências são provas de que “também sob o domínio do princípio do prazer há meios e caminhos para tornar objeto de recordação e elaboração psíquica o que é em si desprazeroso” (Freud, 1920/2010, pp. 175-176). Dessa forma, o estudo dos jogos infantis também não sustenta a existência de um funcionamento no aparelho psíquico para além do princípio do prazer. Os três casos analisados por Freud – a substituição do princípio do prazer pelo princípio da realidade; o conflito psíquico e a brincadeira infantil – não asseguram sua hipótese de que há um funcionamento contrário ao princípio do prazer.

Freud também disserta sobre a neurose de transferência, fenômeno no qual o sujeito é impelido a repetir experiências passadas como se fossem vivências atuais, ao invés de recordá-las como parte do passado. Este fenômeno ocorre quando o conteúdo considerado inapropriado para o eu fica reprimido, devido à força da resistência, embora continue em busca de expressão recorrendo a incessantes tentativas de se tornar consciente. Freud chama este comportamento de repetir situações passadas de “compulsão à repetição”. Embora a hipótese de uma compulsão à repetição tenha sido apresentada de modo mais sistemático no texto de 1920, segundo Armengou (2009), a lógica da compulsão à repetição está presente em toda a obra freudiana. Freud fala na obra *O inquietante* (1919/2010) sucintamente da compulsão à repetição da mesma forma como é elaborada no texto *Além do princípio do prazer*. No texto

O inquietante, encontramos a seguinte fala:

Como o efeito inquietante do retorno do mesmo pode remontar à vida psíquica infantil é algo que posso apenas mencionar aqui, indicando para isso uma exposição detalhada, já pronta, realizada em outro contexto. Pois no inconsciente psíquico nota-se a primazia de uma compulsão de repetição vinda dos impulsos instintuais, provavelmente ligada à íntima natureza dos instintos mesmos, e forte o suficiente para sobrepor-se ao princípio do prazer, que confere a determinados aspectos da psique um caráter demoníaco, manifesta-se claramente ainda nas tendências do bebê e domina parte do transcurso da psicanálise do neurótico. As considerações anteriores nos levam a crer que será percebido como inquietante aquilo que pode lembrar essa compulsão de repetição interior (Freud, 1919/2010, p. 356).

A compulsão à repetição até poderia estar dentro da lógica do princípio do prazer, se não fosse pelo fato de que ela rememora vivências consideradas de desprazer por natureza, ou seja, que no momento em que foram vividas não despertaram nenhuma satisfação. Este fato incita Freud a admitir a hipótese de que poderia existir no psíquico algo além do princípio do prazer, isto é, um funcionamento que seria mais primário.

A experiência de reviver sucessivas vezes a experiência de desprazer, observada nos neuróticos, também ocorre na vida de indivíduos não neuróticos, este evento é chamado de compulsão de destino. Neste caso, tem-se a impressão de que um destino demoníaco persegue o indivíduo, que revive as mesmas experiências de fracasso e de desprazer. Segundo Freud, a psicanálise sempre viu “esse eterno retorno do mesmo” como, em boa parte, preparado pelo próprio indivíduo e determinado por influências da primeira infância.

Freud observa que a repressão está a serviço do princípio do prazer, pois este quer evitar o desprazer que seria gerado pela liberação do conteúdo reprimido. E ainda que, a compulsão à repetição deve ser atribuída ao reprimido inconsciente, que está a todo tempo buscando sua expressão. Tendo ressaltado essas relações, ele estabelece que, se a repressão está em oposição ao reprimido, e visto que, a repressão está a serviço do princípio do prazer e a compulsão à repetição é a manifestação do reprimido, logo parece ser possível dizer que a compulsão à repetição se posiciona contra o princípio do prazer. Freud parece supor que há uma relação de oposição entre o princípio de prazer e a compulsão à repetição. Segundo ele, a maior parte do que a compulsão à repetição faz reviver parece estar contra o princípio do prazer por trazer ao eu consciente as pulsões reprimidas. Mas ele nos lembra que este desprazer já foi considerado como desprazer de percepção – prazer para um sistema e desprazer para outro –, ou seja, não se opõe ao princípio do prazer.

No entanto, o fato novo que se destaca no fenômeno da compulsão à repetição é que esta traz de volta à consciência experiências que no passado não foram prazerosas. Essas vivências são situações não desejadas e

emoções dolorosas que não podiam proporcionar prazer naquele tempo. Estas vivências se caracterizam pela ação das pulsões que deveriam levar à satisfação, mas naquela época produziram somente desprazer. Em pessoas não neuróticas também é observado a ação da compulsão à repetição. Nestes casos, parece que o destino é implacável sempre fazendo o indivíduo repetir as experiências que lhe foram penosas, como a repetição do abandono ou de uma traição. Com base nas observações extraídas da transferência e do destino demoníaco, Freud supõe que na vida psíquica haveria uma compulsão à repetição que sobressai o princípio do prazer. A partir dessa colocação, ele levanta a possibilidade de que tal fenômeno também estaria envolvido nos sonhos das vítimas de neurose traumática e no impulso que leva as crianças a brincar. Mas, nestas situações, é preciso considerar que em raras ocasiões podemos notar somente os efeitos da compulsão à repetição, sem o concurso de outros motivos.

Freud nota que na análise das brincadeiras infantis, nos fenômenos de transferência e na compulsão de destino, a satisfação prazerosa da pulsão e a compulsão à repetição estão entrelaçadas. O estudo da neurose traumática revelou-se para Freud como o mais indicado para observar a ação isolada da compulsão à repetição, o que não exclui a importância dos demais exemplos, uma vez que, nestes, muitas coisas não foram explicadas. Mediante estas reflexões Freud justifica a hipótese da compulsão à repetição e ressalta ser ela mais primordial do que o princípio do prazer:

O que ainda resta é bastante para justificar a hipótese da compulsão de repetição, e esta quer nos parecer mais primordial, mais elementar, mais instintual do que o princípio do prazer, por ela posto de lado. Se houver na psique uma tal compulsão à repetição, porém, então gostaríamos de saber algo sobre ela, a qual função corresponde, em que condições pode evidenciar-se, e que relação tem com o princípio do prazer, ao qual até agora, afinal, confiamos o domínio sobre o curso dos processos de excitação na vida mental (Freud, 1920/2010, p. 184).

Monzani (1989) argumenta que nenhum dos fatos apresentados até o momento, se forem tomados isoladamente, permitem que Freud afirme a existência de um funcionamento além do princípio do prazer. No entanto, considerando estes fatos em conjunto, é possível observar que todos se referem a uma atividade que não parece visar diretamente o prazer. É com base neste conjunto de fatos que Freud consegue extrair a conclusão de uma compulsão à repetição. Segundo Giacoia (2008) o conceito de compulsão à repetição vem para dar conta de um fenômeno observável tanto no comportamento infantil quanto em psicopatologias. Vale ressaltar que, até o momento, Freud pode apenas dizer que haveria um funcionamento mais primário e independente do princípio do prazer. Mas nada é apresentado que justifica Freud

dizer que a compulsão à repetição é contrária a este princípio.

1.2 A função da compulsão à repetição

A existência de uma compulsão à repetição está colocada. Freud parece convencido que o princípio do prazer não é o funcionamento primário do aparelho psíquico. Mas o que é este fenômeno, qual é sua função e que relação tem com o princípio do prazer? Freud tenta responder a todas essas questões. O percurso argumentativo parte de uma minuciosa análise dos processos psíquicos e do aparelho por inteiro – sua formação e função – e se direciona para o problema da ausência da barreira de proteção contra as excitações internas e para a análise dos efeitos da neurose traumática.

Até o momento das análises de Freud, grande parte das argumentações foi elaborada tendo como base o trabalho clínico. A estratégia que ele emprega para investigar a compulsão à repetição é mais densa e cansativa, ora recorre à biologia, ora à clínica e ora à especulação. Laplanche e Pontalis (1982/2001) acrescentam que a noção de compulsão à repetição faz parte da investigação especulativa de Freud, com suas limitações, impasses e mesmo contradições. Segundo estes autores, tais fatores são “uma das razões por que, na literatura psicanalítica, a discussão do conceito é confusa e muitas vezes retomada: ela faz necessariamente entrar em jogo opções sobre as noções mais cruciais na obra freudiana, como as de princípio de prazer, pulsão, pulsão de morte, ligação” (2001, p. 83).

Na tentativa de expor com mais clareza o que seria a compulsão à repetição, Freud retoma algumas ideias sobre a origem da consciência apresentadas na obra *A interpretação dos sonhos* (1900/1979) e nos textos metapsicológicos de 1915. Freud resgata a primeira teoria do aparelho psíquico e, de forma especulativa, descreve a gênese do aparelho psíquico associando-o com a formação de um organismo bem rudimentar, a qual ele chama de vesícula viva. A construção dessa hipótese é marcada por analogias e por um movimento, de muitas idas e vindas, que cansam e confundem o leitor. Monzani (1989) comenta que esta construção foi muito bem ressaltada por Laplanche, que “mostrou, à exaustão, a extrema ambiguidade dessa montagem de Freud, onde nunca se sabe exatamente se ele está falando de um organismo simples, do sistema nervoso, do aparelho psíquico ou mesmo do ego” (p. 158).

Freud inicia sua hipótese descrevendo a vesícula viva em um meio carregado de intensas energias. Provavelmente este organismo morreria se não fosse constituído por uma

proteção contra tais estímulos. Portanto, na teoria de Freud a camada mais externa dessa vesícula sofre uma modificação devido aos incessantes choques dos estímulos. Essa estrutura protetora tem a função de amortecer a intensidade dos estímulos externos, de modo que apenas frações deles atingiriam o interior da vesícula. Essa proteção é essencial para o desenvolvimento da vesícula, pois graças a ela, as camadas mais internas permanecem vivas. Vizinha a essa estrutura está outra camada. Segundo Freud, essa segunda camada apresenta condições favoráveis para a recepção dos estímulos externos, que chegam em menor intensidade devido a ação da camada de proteção.

Além da vesícula viva ser constituída por camadas e sofrer influências dos estímulos externos, ela também possui uma reserva própria de energia, das quais também tem que se proteger. Sua função consiste, então, em manter equilibrada a quantidade de energia interna que, o tempo todo é perturbada pela influência da energia externa. Freud aponta que em relação ao interior é impossível a proteção, as excitações internas se propagam de forma direta, e são elas as responsáveis pelas sensações da série prazer-desprazer. Segundo Freud:

Contra o exterior existe uma proteção, as quantidades de excitação que chegam terão um efeito reduzido; em relação ao interior é impossível a proteção, as excitações das camadas mais profundas se propagam de forma direta e não atenuada no sistema, na medida em que determinadas características de seu curso produzem a série das sensações de prazer-desprazer (Freud, 1920/2010, p. 191).

Antes dessa colocação, Freud afirma que a camada receptiva de estímulos da vesícula se tornará o 'sistema Consciente' do aparelho psíquico, deste modo, parece que nesta citação ele está se referindo simultaneamente à camada sensível da vesícula e ao 'sistema Consciente'. Neste momento da argumentação fica visível o motivo da especulação sobre a vesícula viva. Todas as reflexões sobre este organismo é transferido para a elaboração da hipótese do aparelho psíquico. E, assim, Freud estabelece uma analogia entre o modo como a vesícula viva se estrutura e constrói seu sistema de defesa com o modo como o aparelho psíquico se defende dos perigos vindos do mundo interno e do mundo externo. Sendo assim, podemos dizer que o aparelho psíquico, ao mesmo tempo, que tem que lutar contra o estímulo interno, também tem que manter o equilíbrio entre a quantidade de energia interna que é o tempo todo perturbada pela influência da energia vinda do mundo externo.

Deste modo, Freud propõe que o aparelho psíquico seja formado por sistemas, sendo

que o mais externo tem a função de proteger os demais sistemas dos excessos de excitações externas, assim como foi suposto para a vesícula e sua camada de proteção. Assim, o aparelho também desenvolveu uma membrana protetora, mas não há nada que amenize os estímulos provenientes do interior. Estes últimos estímulos internos incidem sobre o aparelho de forma intensa produzindo as sensações da série prazer-desprazer.

Até o momento, toda a argumentação de Freud gira em torno da dominância do princípio do prazer e, ainda, nada foi apresentado que possa evidenciar sua oposição à compulsão à repetição. “Vamos dar um passo adiante” é o que diz Freud. Segundo ele, as excitações externas que incidem sobre o organismo, são fortes o suficiente para romper a barreira de proteção e produzir o trauma. Inicialmente Freud analisa a condição para o trauma mecânico para posteriormente falar da neurose traumática, pois como apontamos, este é o fenômeno em que a ação da compulsão à repetição mais se evidenciou de forma isolada.

Tendo descrito toda a gênese do aparelho psíquico - descrição que está amparada pela especulação da vesícula viva-, Freud argumenta que o trauma mecânico acontece quando as excitações externas conseguem romper a barreira de proteção. A invasão de grandes quantidades de excitações provoca um distúrbio no gerenciamento da energia do organismo e coloca em movimento todos os mecanismos de defesas. Assim, parece que no trauma o princípio do prazer é colocado fora de ação. Quando o aparelho psíquico é invadido pelo excesso de excitação externa, a ação do princípio do prazer não encontra as possibilidades para atuar, pois não há energia de investimento suficiente para se ligar às excitações invasoras. Outra tarefa é necessária, a de controlar o excesso de estímulo e de ligá-los, para posteriormente serem descarregados.

Um fenômeno mais simples que traz clareza para o entendimento do trauma mecânico é a dor física. Esta tem um papel crucial na evidência da hipótese da compulsão à repetição, pois o desprazer gerado nesta situação não resulta da tentativa de obter prazer (como até então foi visto) e, assim, parece estar contrário ao princípio do prazer. A dor física acontece quando a membrana protetora é atravessada numa área limitada, a dor de uma queimadura localizada é suficiente para exemplificá-la. Os estímulos atravessam ininterruptamente a membrana, fazendo com que a intensidade se assemelhe ao dos estímulos internos.

A ruptura da membrana e a invasão de grandes quantidades de excitações constituem apenas a condição básica para que ocorra a dor física, mas estas não são suficientes para

caracterizá-la. O aspecto principal que caracteriza a dor é a concentração de energia de investimento no local da lesão. Para conter a invasão, o aparelho psíquico convoca toda a energia de investimento “a fim de criar, em torno do local da irrupção, investimentos de energia correspondentemente elevados. Produz-se um enorme 'contrainvestimento', em favor do qual todos os demais sistemas psíquicos empobrecem, de modo que há uma extensa paralisação ou redução do funcionamento psíquico restante” (Freud, 1920/2010, p. 192).

Diante destas constatações Freud infere que um sistema altamente investido é capaz de acolher a nova energia que invade o aparelho psíquico e transformá-la em investimento ligado. Monzani (1989) compara o trabalho psíquico, diante do fenômeno da dor, com uma formação bélica, na qual os soldados usando todas as suas forças tentam fixar o inimigo num determinado ponto impedindo que ele avance. Importante observação feita por Monzani é que a dor física não é causada pelo aumento da excitação, ela é consequência do encontro da energia desligada, que tende a fluir livremente pelo aparelho, com a energia evocada para bloqueá-la e ligá-la. Deste modo, o trabalho psíquico de transformar a energia livre em energia ligada é representativo da dor.

Freud recorre ao uso da analogia e infere que todo o processo que ocorre na dor física também ocorre na neurose traumática, porém em maiores proporções. Na neurose traumática, a destruição da membrana protetora ocorre em larga escala e, conseqüentemente, a tentativa de ligar este excesso de energia livre é potencialmente mais catastrófica. Como estratégia Freud recorre às explicações do traumatismo físico, para embasar o fenômeno do traumatismo psíquico. Mas ressalta que a concepção psicanalítica da neurose traumática não é idêntica à teoria do choque. Nesta última, a lesão acontece direto na estrutura molecular e o que Freud procura investigar é o dano causado pela ruptura da barreira de proteção. Ele relembra que para desencadear uma neurose traumática é necessário que aconteça, além do trauma físico, um elemento surpresa que surpreenda o sujeito no momento em que acontece. O susto ganha, então, importância nos estudos de Freud. Este fenômeno é determinado por um estado de não-preparação em que o sujeito se vê frente a situação traumática.

Freud argumenta que o sujeito se assusta porque no momento do trauma ele não estava preparado psiquicamente para dominar a invasão dos estímulos. Freud coloca que não houve a angústia, que funciona como sinal alertando o sujeito para mobilizar suas defesas. Ou seja, se o organismo não está investido de energia, ele não se encontra em boas condições de ligar as

quantidades de excitações que o invadem. Assim:

a preparação para a angústia, com o sobreinvestimento dos sistemas receptores, representa a última linha da barreira contra estímulos. Em toda uma série de traumas, a diferença entre os sistemas não preparados e aqueles preparados pelo sobreinvestimento pode ser o fator decisivo para o resultado final (Freud, 1920/2010, p. 195).

Monzani esclarece que:

tanto no caso da dor como no caso do traumatismo, os mesmos dispositivos defensivos são colocados em ação. O operador central é sempre a mobilização de energias que o sujeito possui e o fazer com que elas funcionem como anticatexias que bloqueiam e imobilizam essa energia invasora. Assim, é preciso que se conte com um 'estoque' de energia 'armazenada' para que se possa colocá-la em ação no momento devido, pois, caso contrário, a catástrofe será inevitável (Monzani, 1989, p. 164).

Resumindo a argumentação até o momento, tem-se que a função do princípio do prazer é evitar o desprazer e obter prazer. Frequentemente o prazer é obtido pela descarga das excitações (embora o aumento delas possam produzir prazer em alguns casos). Mas, mediante a intensa invasão de excitações livres, este princípio nada pode fazer e, portanto, é colocado fora de ação. Nesta situação, o funcionamento psíquico se mobiliza a fim de ligar todas as excitações em estado livre, e somente após este processo será possível que o princípio do prazer entre em ação.

A função da compulsão à repetição, diante da invasão de grande quantidade de excitação, consiste em dominar o excesso de energia livre por meio de ligações, o que seria condição preparatória para o domínio do princípio do prazer. Portanto, não é possível que este princípio entre em ação sem antes atuar a compulsão à repetição. E em casos como a neurose traumática, onde há uma intensa quantidade de energia livre, o aparelho psíquico que se encontrava estruturado e sob o domínio do princípio do prazer se desequilibra e retorna ao funcionamento primitivo da compulsão à repetição. Com estas novas reflexões, Freud conclui a hipótese que havia levantado anteriormente sobre os sonhos traumáticos, segundo a qual estes não estão a serviço do princípio do prazer. Tais sonhos têm por objetivo o domínio retroativo da excitação, eles recriam uma situação na qual a preparação para a angústia foi insuficiente:

Mas podemos supor que desse modo eles contribuem para outra tarefa, que deve ser resolvida antes que o princípio do prazer possa começar seu domínio. Tais sonhos buscam lidar retrospectivamente com o estímulo, mediante o desenvolvimento da angústia, cuja omissão tornara-se a causa da neurose traumática (Freud, 1920/2010, p. 195).

Desse modo, os sonhos são realizações de desejo a partir do momento em que o princípio do prazer passa a dominar o aparelho psíquico. Antes disso, sob o domínio da compulsão à repetição, obedeciam a finalidade de dominar os estímulos. Monzani observa que:

se existe algo que antecede o princípio do prazer é lógico também supor que nessa etapa a função dos sonhos não era a realização de desejos. E toda vez que, mesmo após a vigência do princípio, certas condições forem violadas, os sonhos exercerão sua função original (Monzani, 1989, p. 173).

Para Figueiredo (1999), os sonhos traumáticos têm a função de reproduzir a angústia que prepara o indivíduo para o encontro com a alta intensidade energética, trabalhado pela angústia, o indivíduo não se traumatiza e nas repetições do mesmo pesadelo a força traumática do acontecimento “passado” iria se atenuando.

Após este percurso, Freud conclui que é possível afirmar a existência de uma função do aparelho psíquico que é independente dele e parece mais primitiva do que a intenção de obter prazer e evitar desprazer. No entanto, Freud não encontra nada que justifique a hipótese da compulsão à repetição ser contrária ao princípio do prazer. No final do artigo *Além do princípio do prazer* Freud ressalta que a relação entre a compulsão à repetição e o princípio do prazer não está respondida. Pois segundo ele, os casos que ocorrem independentemente do princípio do prazer não significa que estão opostos a este princípio e, portanto, “continua não resolvido a relação entre os processos instintuais de repetição e o domínio do princípio do prazer” (Freud, 1920/2010, p. 236).

Após este longo percurso, Freud desenvolveu um conjunto de argumentos que evidenciam a existência da compulsão à repetição a qual, como vimos, tem a função de defender o aparelho psíquico, quando o princípio do prazer está fora de ação, dominando o

excesso das energias livres e de preparar o terreno para que este princípio entre em ação. Viu-se que a neurose traumática é desencadeada devido a uma invasão de estímulos externos que causam um choque grave a estrutura psíquica. No entanto, essa não é a única condição. Estímulos vindos do interior da estrutura também podem ocasionar situações semelhantes às aquelas produzidas nas neuroses traumáticas. O próximo passo na argumentação de Freud tem como objetivo conhecer qual seria, então, a função da compulsão à repetição em relação aos estímulos internos.

1.3 Pulsão de vida *versus* Pulsão de morte

Freud inicia novas reflexões sobre a analogia que fez entre a anatomia da vesícula viva e o aparelho psíquico, focando agora as excitações provenientes do interior do organismo, ou seja, as pulsões. Segundo ele, o fato de não existir uma barreira que proteja o aparelho psíquico das pulsões, fará com que tais excitações adquiram uma importância econômica e amiúde ocasionem distúrbios econômicos comparáveis às neuroses traumáticas. O que fez Freud supor que as pulsões podem ocasionar distúrbios comparáveis às neuroses traumáticas?

Se, como nos lembra Figueiredo (1999) “o trauma é a quebra da barreira externa – o rompimento da crosta –, nada de comparável poderia ocorrer nas relações das estimulações internas exatamente porque aí não haveria barreira de proteção a ser rompida” (p. 77). Para que possa existir uma comparação entre a neurose traumática e as pulsões é preciso considerar que o aparelho psíquico seja constituído por certa quantidade de energia em estado livre (isto é, certo acúmulo de tensão), característico do processo primário, juntamente com certa quantidade de energia em estado ligado, característico do processo secundário. E ainda que, desde sempre, deve estar presente o trabalho de ligação (substituição do processo primário pelo secundário). Proposto isso, este autor ainda considera que o trabalho de ligação ocorre de forma harmônica sem desafiar a estrutura do aparelho psíquico. Neste nível o aparelho está sob o domínio do princípio do prazer. Mas, como escreve Freud (1920/2010), “o malogro desse ligamento provocaria um distúrbio análogo à neurose traumática” (p. 199). Neste momento, apenas a ação da compulsão à repetição tem precedência, não em oposição ao princípio do prazer, mas de forma independente dele. Feita essas colocações, Freud relembra que a compulsão à repetição observada nas primeiras atividades da vida psíquica infantil (as

brincadeiras) e no fenômeno da transferência exhibe, em alto grau, um caráter pulsional. No primeiro caso, a repetição exaustiva a que a criança se submete não se opõe ao princípio do prazer “nisto não é contrariado o princípio do prazer; obviamente a repetição, o reencontro do idêntico, é em si mesma fonte de prazer (Freud, 1920/2010, p. 201)”. No caso de uma pessoa em análise, pelo contrário, a compulsão à repetição na transferência dos acontecimentos da infância evidentemente despreza o princípio de prazer sob todos os modos. Freud notou que os traços das experiências primeiras, que foram reprimidas pelo eu, não se encontram em estado ligado, mas também, não são capazes, em certa medida, de obedecer ao processo secundário.

Como o caráter pulsional se relaciona com a compulsão à repetição? Freud nos responde que: “Um instinto seria um impulso, presente em todo organismo vivo, tendente à restauração de um estado anterior, que esse ser vivo teve de abandonar por influência de perturbadoras forças externas, uma espécie de elasticidade orgânica ou, se quiserem, a expressão da inércia da vida orgânica” (Freud, 1920/2010, p. 202). Assim, a relação que podemos estabelecer entre elas é que na repetição evidenciamos o caráter compulsoriamente regressivo da pulsão. Esta relação marca um passo importante na teoria freudiana. Freud neste momento amplia a noção de pulsão reconhecendo na compulsão à repetição uma característica geral a todas as pulsões. Sendo assim, Freud observa que a tendência do organismo é sempre voltar para um estado, que de lá foi retirado pelas forças perturbadoras externas, isto é, os processos de desenvolvimento do ser vivo são, então, decorrentes das pressões externas. Esta constatação o leva a colocar as forças externas como as responsáveis pelo desenvolvimento da vida, e não mais as forças internas (pulsões) como no *Projeto*.

Sobre isso, Freud ressalta que “Tal concepção do instinto soa estranha, pois já nos habituamos a ver nele o fator que impele à mudança e ao desenvolvimento, e devemos agora reconhecer ali a expressão da natureza conservadora do vivente” (1920/2010, p. 202). Este caráter conservador da pulsão parece se opor à concepção inicial, na qual a pulsão era apresentada como um fator que impele à mudança e ao desenvolvimento. Parece que neste ponto Freud se depara com uma contradição na teoria das pulsões. Nas colocações de Giacoia (2008), tendo Freud, firmado e justificado a relação entre pulsão, regressão e repetição, torna-se inevitável uma revisão na teoria das pulsões, pois anteriormente a *Além do princípio do prazer*, elas eram vistas como “potências tendentes à conservação e ao desenvolvimento da vida” (Giacoia, 2008, p. 50).

Caropreso (2010) nos lembra que Freud havia afirmado no *Projeto*, que os estímulos provenientes do interior do organismo funcionavam como a “mola pulsional do mecanismo psíquico”, pois estes não podiam ser descarregados pela via reflexa e exigiam do aparelho psíquico atividades bem mais complexas para sua eliminação. Essa mesma visão é retomada no artigo *Os instintos e seus destinos* (1915/2010a) quando Freud aponta que “os instintos, e não os estímulos externos, são os autênticos motores dos progressos que levaram o sistema nervoso, tão infinitamente capaz, ao seu grau de desenvolvimento presente” (p. 56).

Mas parece que Freud está disposto a atribuir a possibilidade do desenvolvimento do organismo para as excitações externas, uma vez que tendo admitido o caráter conservador da pulsão, tudo indica que este organismo não mudaria se não fossem as influências externas. Segundo ele:

se todos os instintos orgânicos são conservadores, historicamente adquiridos e orientados para a regressão, o restabelecimento de algo anterior, temos de pôr os êxitos do desenvolvimento orgânico na conta de influências externas, perturbadoras e desviantes. O ser vivo elementar não pretenderia mudar desde o seu início; permanecendo iguais as condições, ele repetiria sempre o mesmo curso de vida (Freud, 1920/2010, p. 203-204).

Na hipótese de Freud, as pulsões conservadoras, ao longo da vida do organismo, acolhem as mudanças impostas pelas influências externas e as preservaram para a repetição, e assim produzem a enganadora impressão de forças que aspiram à transformação e ao desenvolvimento, quando apenas tratam de alcançar uma antiga meta por vias antigas e novas. Mas qual é este estado inicial que o organismo busca retornar? Analisando tudo o que foi apresentado até o momento Freud chega a uma conclusão decisiva para sua teoria. Partindo da hipótese de que todas as pulsões querem restabelecer um estado inicial e considerando que todo ser vivo morre por razões internas e assim retornaria ao estado inorgânico, Freud afirma que “o objetivo de toda vida é a morte, e, retrospectivamente, que o inanimado existia antes que o vivente” (Freud, 1920/2010, p. 204).

Como ocorre a passagem do estado inanimado para o vivo? Essa ação, segundo Freud, é devido a forças de natureza desconhecida. O que se sabe é que dessa passagem surgiu uma tensão que procurou anular a vida, e assim nasceu a primeira pulsão, a de retornar ao inanimado. Freud especula que no início a vida nascia da matéria inanimada e rapidamente

voltava ao estado inorgânico, mas decisivas influências externas atuaram no curso da vida e cada vez mais a desviavam de sua meta da morte. Este rodeio é seguido pelas pulsões de autoconservação. Estas pulsões têm a função de desviar a vida de perigos externos assegurando que nenhum atalho a impeça de seguir seu próprio caminho para a morte, assim, a função das pulsões de autoconservação de conservar a vida do organismo está na verdade atendendo ao propósito único da vida, o de chegar à morte por meio de seu próprio caminho. O que Freud está propondo é que haveria um esforço interno ao ser vivo em direção à morte que se rebelaria contra toda a intervenção de fatores. Este esforço de retorno ao inorgânico, inerente a todo ser vivo, é o que Freud denomina como pulsão de morte.

Diante destas reflexões, ficamos com a impressão de que todas as pulsões têm como meta final o alcance da morte do organismo. No entanto, Freud ressalta que há outras pulsões que impelem à criação de novas formas e ao progresso, isto é, elas se opõem às pulsões conservadoras. As pulsões sexuais reaparecem na discussão e segundo Freud, as células germinativas dos organismos seriam suas representantes. Estas células possuem a capacidade de conservar a estrutura original da substância viva por meio da copulação, dando origem a um novo indivíduo. Assim, se até o momento, vimos como os organismos buscam assegurar o caminho até a morte, Freud observa que as células germinais, ao se fundirem entre si, trabalham contra a morte da substância viva. Nestas pulsões é reconhecido o esforço de Eros para reunir o orgânico em unidades cada vez maiores. Isto é, Freud define que as pulsões sexuais são as verdadeiras pulsões de vida, é a partir desta classe de pulsão que ele tentará justificar que ainda é possível falar de um dualismo pulsional, propondo a oposição entre pulsão de vida e pulsão de morte. O novo dualismo pulsional que começa a surgir ainda está bem próximo ao dualismo anterior. Vemos que Freud defende que desde o início, quando a vida surgiu da matéria inanimada, a oposição entre a pulsão sexual e a pulsão de autoconservação (pulsão do eu) já se colocava em ação:

Ainda que a sexualidade e a diferença dos sexos certamente não existissem no começo da vida, é possível que os instintos depois designados como sexuais tenham entrado em atividade desde o princípio, não tendo empreendido somente num instante posterior o seu trabalho contra o jogo dos 'instintos do Eu' (Freud, 1920/2010, p. 208).

Como resultado dessas investigações tem-se uma nítida diferenciação entre pulsões

sexuais (enquanto pulsão de vida) e pulsões do eu (enquanto pulsão de morte). No entanto, Freud diz que esta teoria é, sob muitos aspectos, insatisfatória para sustentar a teoria dualista das pulsões.

1.4 Recurso à biologia

Como vimos anteriormente, Freud apresenta a hipótese de que toda pulsão possui por natureza uma compulsão a repetir. Nas pulsões do eu, vistas como pulsão de morte, o caráter conservador exerce pressão no sentido da morte. Essa especulação tem como base a sequência de argumentações que o leva a formular a hipótese de que “os instintos do Eu procedem da animação da matéria inanimada e querem restaurar a condição inanimada” (Freud, 1920/2010, p. 211).

Mas se a compulsão à repetição é agora uma característica da pulsão em geral, Freud busca indicar qual seria o caráter conservador da pulsão sexual. Ele, então, problematiza que apesar da pulsão sexual reproduzir os estados primitivos do vivente, o que está em questão é a fusão de duas células germinativas diferenciadas. Quando não se realiza essa união, morre a célula germinativa. Assim, apenas com a união celular é que a função sexual consegue prolongar a vida e dar-lhe aparência de imortalidade. Freud se depara com a dificuldade de atribuir a compulsão à repetição à pulsão sexual. Antes de se debruçar nesta questão, ele põe à prova a hipótese da pulsão de morte. Qual seria o motivo que lhe fez retornar à pulsão de morte?

Como vimos, a oposição entre pulsão sexual e pulsão do eu fracassou em muitos aspectos. A teoria do dualismo pulsional fica ameaçada de um monismo. Mas se o percurso teórico que levou Freud concluir a existência da pulsão de morte for confirmado, então será possível continuar falando de um dualismo pulsional. Para tanto, Freud repensa a hipótese da morte natural do organismo. Ele, então, propõe que se tal hipótese fosse refutada, a causa última da compulsão à repetição não seria o retorno ao estado inanimado, logo a suposição de uma pulsão de morte também deveria ser refutada.

Freud recorre à biologia a fim de verificar qual é a causa da morte. Para o seu espanto, ele percebe que a questão da morte natural não é unânime entre os biólogos. Na visão de Wilhelm Fliess, todos os fenômenos vitais, incluindo a morte, estão ligados ao cumprimento

de determinados prazos, nas quais se expressa a dependência de duas substâncias vivas, uma masculina e outra feminina. Inicialmente Freud argumenta que o fato dos animais superiores apresentarem uma duração de vida estaria em prol de sua tese. Mas em seguida ele ressalta que algumas árvores e animais podem atingir idades incalculáveis o que anula a impressão de existir uma morte natural. Freud ressalta que a concepção de Fliess perde a credibilidade, pois desconsiderada a influência de forças externas que podem precipitar ou atrasar o período de vida dos organismos.

Outro estudioso sobre a duração da vida e da morte foi o geneticista Weismann. Segundo este cientista, a substância viva se dividia em uma parte mortal e outra imortal. A primeira parte é representada pelo soma, que se refere ao corpo, sendo sujeito à morte natural. A segunda é representada pelas células germinativas que são, em determinadas condições, capazes de desenvolver um novo corpo. Freud declara surpreso por encontrar familiaridade entre a teoria das pulsões e as pesquisas de Weismann. No entanto, ele ressalta que sua teoria não diz respeito à substância viva, mas às forças que atuam nela:

O que aí nos impressiona é a inesperada analogia com nossa própria concepção, que desenvolvemos por caminho tão diverso. Weismann, considerando morfológicamente a substância viva, nela vê um componente fadado a morrer, o soma, o corpo sem o material responsável pelo sexo e a hereditariedade, e um imortal, o plasma germinativo que é útil à conservação da espécie, à procriação. Quanto a nós, não recorremos à substância viva, mas às forças nela atuantes, e fomos levados a distinguir duas espécies de instintos, aqueles que pretendem conduzir a vida à morte e os sexuais, que sempre buscam e efetuam a renovação da vida. Isto soa como um corolário dinâmico da teoria morfológica de Weismann (Freud, 1920/2010, p. 214).

No entanto, nas investigações de Weismann a distinção entre soma mortal e plasma germinativo imortal é válida somente nos organismos superiores, nos animais unicelulares o indivíduo e a célula de procriação ainda são a mesma coisa. Assim, os unicelulares seriam potencialmente imortais e a morte natural seria própria dos organismos superiores. Neste caso, a morte se apresenta como uma aquisição tardia dos seres vivos e, portanto, não auxilia a investigação de Freud que objetiva mostrar a existência das pulsões de vida e de morte, desde o início da existência da substância viva. Sobre isso ele afirma que “Essa morte dos seres vivos superiores é certamente uma morte natural, por causas internas, mas não se baseia numa qualidade primordial da substância viva, não pode ser apreendida como uma necessidade

absoluta, fundamentada na essência da vida” (Freud, 1920/2010, pp. 214-215).

A imortalidade dos organismos unicelulares foi testada no laboratório por Woodruff. Este biólogo evidenciou que em condições específicas tais organismos se reproduziam mantendo sua identidade e vitalidade ao longo de várias gerações. Aparentemente esses organismos seriam imortais. Entretanto, dando continuidade a este experimento, outros pesquisadores – Maupas e Calkins – descobriram que havia uma progressiva perda de vitalidade à medida que não fosse trocada a substância na qual os organismos estavam imersos. Assim, estes também morriam após uma fase de declínio senil, tal como os animais superiores. O que mostra que Weismann também estava errado em dizer que a morte é uma aquisição tardia dos organismos.

Dessas pesquisas Freud extrai duas observações que o ajudam na elaboração da teoria das pulsões: o organismo vivo sobrevive caso receba algum estímulo externo, que pode ser a troca do líquido em que se encontram, um estímulo químico ou mecânico e, também, a copulação entre eles; o organismo morre se permanecer no seu próprio metabolismo. Nesse caso, ocorre a morte natural do organismo devido ao seu próprio processo vital. Freud encontra nas investigações biológicas não apenas evidências da pulsão de morte (representada pela morte do organismo devido aos produtos de seu próprio metabolismo) como também evidências da pulsão de vida (representada pela propriedade de rejuvenescimento da copulação de dois seres).

Mas seria prudente buscar evidências da morte natural do organismo estudando seres tão rudimentares? Freud problematiza que “A organização primitiva dessas criaturas pode nos ocultar importantes condições que também neles se acham presentes, mas que só nos animais superiores, onde obtiveram expressão morfológica, podem ser percebidas” (Freud, 1920/2010, p. 218). Na opinião dele, é indiferente que a morte natural dos protozoários possa ser demonstrada ou não, mesmo que as observações dos biólogos nos autorizem a supor que nestes organismos existiriam tais processos internos que conduzem à morte, uma vez que:

Neles a substância depois reconhecida como imortal não se separou ainda, de maneira alguma, daquela mortal. As forças instintuais que querem conduzir a vida à morte poderiam atuar desde o início também neles e, no entanto o seu efeito poderia ser coberto de tal modo pelo das forças conservadoras da vida, que seria muito difícil a comprovação direta de sua existência (Freud, 1920/2010, p. 219).

Apesar de Freud acreditar que as observações biológicas autorizam a suposição de que também nos protozoários há processos internos conducentes à morte, ele desqualifica os estudos com estes organismos como adequados para testar tal suposição. Talvez, como coloca Figueiredo (1999), “neste nível os processos movidos pela pulsão de morte não sejam visíveis, embora estejam presentes” (p. 96).

Freud conclui que “a expectativa de que a biologia prontamente afastasse o reconhecimento dos instintos de morte não se realizou” (Freud, 1920/2010, p. 219). Deste modo ele confirma a hipótese de que o organismo morre por razões internas e, como consequência, reafirma a existência da pulsão de morte. Parece, então, ser possível falar em um dualismo entre pulsão de vida e pulsão de morte. Segundo Freud, o segundo dualismo pulsional apresenta certa semelhança com o trabalho do filósofo Hering. Ele aponta que de acordo com Hering, na substância viva operariam dois tipos de processos em direções opostas; um construtivo, anabólico e o outro destrutivo, catabólico. Na opinião de Freud estas duas direções seriam correspondentes às pulsões de vida e às pulsões de morte. Curiosamente, outra semelhança com sua teoria dualista é encontrada na filosofia de Schopenhauer “para quem a morte é ‘o autêntico resultado’ e, portanto, o objetivo da vida, enquanto o instinto sexual é a encarnação da vontade de vida”(Freud, 1920/2010, p. 220).

Freud não se dá por satisfeito com essas semelhanças. O próximo passo foi propor transferir as evidências observadas no campo da biologia para o campo psíquico. Freud faz uso da mesma estratégia usada na formulação do aparelho psíquico – vimos que ele especula sobre a formação de uma vesícula viva e depois transpõe as reflexões para sustentar a teoria do aparelho psíquico. Neste momento, ele transpõe as reflexões biológicas sobre a vida e morte do organismo para sustentar a existência das pulsões de vida e de morte no psíquico.

Um passo audacioso, como ele mesmo afirma, mas que permite dar continuidade às especulações sobre o dualismo entre as pulsões de morte e de vida. A argumentação que ele segue para embasar as pulsões de vida apresenta alguns impasses, como veremos na sequência. Como ponto de partida Freud recorre à união entre as células que, como vimos, tem o efeito de prolongar a vida, pois uma célula ajuda a conservar a vida das outras.

A partir dessas análises, Freud estabelece uma ligação entre a teoria da libido e a relação das células entre si. Mais uma vez, a analogia entre processos biológicos e psíquicos é utilizada. Ele especula que as pulsões sexuais atuantes nas células germinativas são as

responsáveis pela união entre elas e pelo prolongamento da vida. A união ocorre entre as células germinativas que se comportam de modo narcísico, elas investem em si mesmas a libido e atraem a libido das outras células. O efeito dessa união é a neutralização parcial da pulsão de morte. Segundo Freud a função libidinal dessas células é garantida pelo sacrifício de outras células que morrem ou perdem em parte as propriedades da matéria viva com a função de propiciar às outras as condições favoráveis para a sobrevivência e proliferação. Nessa medida, as células que morrem ou que deixam imobilizar são tão indispensáveis para a manutenção do vivo quanto as células germinativas são para a vitalização da vida.

Chegado até este ponto Freud propõe retornar e rever todo o desenvolvimento percorrido. Figueiredo (1999) aponta que o movimento de Freud foi de integrar as novas hipóteses às antigas teorias das pulsões seguindo a velha lógica dualista com a qual ele sempre pretendeu trabalhar.

Estabelecido e garantido o lugar da pulsão de morte na teoria, Freud ainda tem que mostrar qual é o estado primário da pulsão de vida. Para isso, ele procura legitimar as pulsões sexuais e assim, concluir o segundo dualismo.

1.5 Estabelecendo o segundo dualismo

Observamos que a existência de um conflito original que coloca em jogo as forças mais primitivas da atividade psíquica é a base da teoria pulsional. No entanto, Freud nos lembra que no início desta teoria não havia nada na psicologia e nenhuma classificação do que era uma pulsão. Foi com os primeiros estudos sobre as neuroses de transferências que ele evidenciou uma oposição entre a pulsão sexual (voltada para o objeto) e outra pulsão, pouco familiarizada por ele que recebeu provisoriamente o nome de pulsão do eu (pulsão de autoconservação).

Outro grande avanço na teoria ocorreu quando Freud percebeu que a libido é retirada do objeto e voltada para o eu. No estudo do desenvolvimento da libido na criança Freud notou que o eu é, na verdade, o reservatório da libido e, assim, as pulsões de autoconservação, seriam também de natureza libidinal as quais, em vez de objetos externos, tomaram o próprio eu como objeto. A libido que permanecia no eu foi chamada de “narcísica” e, então, a

oposição original entre pulsão do eu e pulsão sexual tornou-se insatisfatória. De acordo com Freud, na teoria:

deveremos agora enfatizar o caráter libidinal dos instintos de auto-conservação, quando ousamos dar outro passo, reconhecendo o instinto sexual como o Eros que tudo preserva e derivando a libido narcísica do Eu dos montantes de libido com que as células somáticas se apegam umas à outras (Freud, 1920/2010, p. 223).

Desse modo, Freud deixa de lado a relação, até então estabelecida, entre pulsões de autoconservação e pulsões de morte e propõe que essas primeiras pulsões devem ser consideradas pertencentes à classe das pulsões de vida. No entanto, ele não apresenta nenhum argumento que contradiga a relação entre as pulsões de autoconservação e as pulsões de morte.

O avanço da noção de sexualidade colocou em conflito a teoria dualista das pulsões. Se também as pulsões de autoconservação são parcialmente de natureza libidinal, então, pareceria correto afirmar que apenas haveria uma classe de pulsão. No texto *“Psicanálise” e “Teoria da Libido”* (1923/2011a) Freud chega a dizer que “pareceu que a pesquisa psicanalítica, em seu lento proceder, terminava seguindo a especulação junguiana sobre a libido primordial, sobretudo, porque a transformação da libido objetal em narcisismo acha-se inevitavelmente ligada a certa dessexualização, a um abandono das metas sexuais específicas” (Freud, 1923/2011a, p. 305).

A suposição de que haveria apenas as pulsões libidinais fez a teoria freudiana se aproximar da teoria monista de C. G. Jung, que utiliza libido como única força pulsional. Diante da dificuldade em indicar as diferenças qualitativas entre a pulsão sexual e a pulsão do eu, Freud diz que Jung supõe “uma única libido primordial que podia ser sexualizada ou dessexualizada, que, portanto, coincidia essencialmente com a energia psíquica em geral” (Freud, 1923/2011a, p. 303). A descoberta da libido narcísica também dificultou o trabalho de Freud na defesa contra a acusação de pansexualismo que rondava a teoria da libido desde 1905 com a publicação dos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Entretanto, sobre este impasse, Freud afirma que “desde o princípio nossa concepção era dualista, e hoje é mais claramente dualista do que antes, desde que não mais denominamos os opostos instintos do Eu e instintos sexuais, mas instintos de vida e de morte” (Freud, 1920/2010, p. 224).

Com a introdução da pulsão de autoconservação a classe da pulsão de vida Freud perde o representante da pulsão de morte. Mas isso não o faz desacreditar nesta classe pulsional. Ele prossegue com suas especulações e supõe que existam no eu outras pulsões que não as libidinais, como vemos na seguinte passagem: “É embaraçoso que até agora a psicanálise nos tenha permitido apontar somente instintos libidinais. Mas nem por isso partilharemos a conclusão de que não existem outros” (Freud, 1920/2010, p.225).

Freud insiste no dualismo pulsional, mas a ideia de um segundo dualismo permanece rudimentar. Como pressuposto básico ele afirma que as classes de pulsões surgem juntas no momento em que a vida nasce da matéria inorgânica, isto é, as duas espécies de pulsões são primárias. Caso contrário, sendo uma delas formação derivada e secundária, a consequência necessária seria o monismo pulsional, assim pulsão de vida e morte deve estar presentes desde a origem. Sendo assim, Freud procura indicar um representante para a pulsão de morte, visto que, as pulsões de autoconservação foram incluídas na classe da pulsão de vida. E também procura indicar qual é o estado primário que a pulsão de vida visa retornar. A fim de atender a primeira questão, Freud introduz nas argumentações a questão do sadismo e do masoquismo. Lembra que, no texto *Três ensaios de uma teoria da sexualidade*, já havia reconhecido um componente sádico na pulsão sexual, que poderia se tornar autônomo na forma de perversão. O que Freud questiona em 1920 é que este componente, que visa ferir o objeto, não poderia ser derivado de Eros, conservador da vida. Ele sugere que seria mais coerente dizer que esse sadismo é na verdade uma pulsão de morte que foi empurrada do eu pela influência da libido narcísica, de modo que surge apenas em relação ao objeto. Assim, “se for permitido fazer tal suposição, estará satisfeita a exigência de oferecer o exemplo de um — deslocado, é certo — instinto de morte” (Freud, 1920/2010, p. 225).

Embora essas afirmações pareçam um apelo muito grande na tentativa de resolver o impasse do representante da pulsão de morte, Freud lembra que tal suposição não é novidade na teoria. Nos textos *Três ensaios...* e *Os instintos e seus destinos* já havia apresentado que o masoquismo, o complemento do sadismo, devia ser entendido como uma reversão da pulsão sádica que foi direcionada do objeto, para o próprio eu. A estratégia de Freud, no texto de 1920, foi tentar associar o componente sádico da pulsão sexual a um impulso destrutivo, no intuito de conseguir, por este caminho, apresentar um representante da pulsão de morte. Esta hipótese é apenas formulada no artigo *Além do princípio do prazer*, Freud a desenvolve nos artigos *O eu e o id* e *O mal-estar na civilização*.

Independentemente de conseguir indicar um representante para a pulsão de morte, Freud está seguro

da existência dessa classe de pulsão. Além dele ter encontrado evidências biológicas que sustentam a pulsão de morte, o fator que mais corrobora para sua evidência é a tendência originária do aparelho psíquico em seguir o princípio de Nirvana. Segundo Freud:

O fato de havermos reconhecido como tendência dominante da vida psíquica, talvez da própria vida dos nervos, o esforço de diminuir, manter constante, abolir a tensão interna dos estímulos (o princípio do Nirvana, na expressão de Barbara Low), tal como se exprime no princípio do prazer — é um dos nossos mais fortes motivos para crer na existência de instintos de morte (Freud, 1920/2010, p. 228).

Nesta passagem Freud equipara o princípio de Nirvana (o esforço de diminuir, manter constante, abolir a tensão interna dos estímulos) com o princípio do prazer (obter prazer e evitar o desprazer). Essa comparação tem como fundamento o fato de que, inicialmente, foi associado prazer com abaixamento da tensão e desprazer com o aumento. Em *O problema econômico do masoquismo* (1924/2011), veremos que Freud desfaz essa comparação.

Nas argumentações de Freud também está presente um esforço em apontar evidências de que as duas espécies de pulsões poderiam atuar em estado puro, isto é, seria possível encontrar essas pulsões independentes, sem que uma interfira na ação da outra. A nosso ver, a evidência das classes pulsionais em seus estados puros, viria confirmar a suposição de que ambas as pulsões são distintas uma da outra. Todavia, por mais que Freud tente seguir este caminho, sua argumentação o leva a afirmar que as duas pulsões talvez nunca se expressem de forma isolada.

A mistura entre os elementos da sexualidade e destrutividade observada nos casos de sadismo e de masoquismo evidenciam de forma clara a manifestação em conjunto das pulsões de vida e de morte, tornando-as irreconhecíveis. Maldonado (2005) comenta que o fenômeno do sadomasoquismo exemplifica a ação da pulsão de morte e apresenta de forma bastante evidente elementos de sexualidade e destrutividade. Segundo essa autora, “o sadismo é uma parte da pulsão de morte que é desviada do sujeito e que recai sobre o objeto. Contudo, esta operação de desvio só pode ser realizada por intermédio de Eros, que por sua natureza, volta-se para o exterior em busca de produzir ligações” (Maldonado, 2005, p. 53).

Quanto ao caráter de compulsão à repetição na pulsão sexual, Freud ainda não mostrou o que essas pulsões buscam repetir com a reprodução. Ele afirma que essa dificuldade é um

grande estorvo na argumentação do segundo dualismo (Freud, 1920/2010). Pois o essencial nos processos da pulsão sexual é a união de duas células. Apenas isso garante a imortalidade da substância viva. Quando essa fusão não acontece às células germinativas morrem e o caráter conservador deixa de existir. Freud não obteve sucesso em apresentar outro evento que é repetido na procriação sexual e que confere à pulsão sexual o caráter da compulsão à repetição.

Freud reinicia a investigação sobre o caráter conservador da pulsão sexual. Segundo ele, é necessário obter informação sobre a gênese da reprodução sexual e a origem das pulsões sexuais. Tarefa que, até mesmo, os especialistas não puderam realizar, mas para ele, necessária na sustentação do dualismo. Freud destaca alguns fatos da biologia que podem ser relacionados ao problema em questão. A explicação da gênese da reprodução sexual parece seguir um modo de pensar darwinista. Freud aponta que:

a vantagem da anfimixia, obtida em certo momento pela copulação casual de dois protozoários, foi mantida e depois aproveitada na evolução subsequente. O “sexo”, portanto, não seria muito antigo, e os instintos extraordinariamente arrebatados que visam promover a união sexual estariam repetindo algo que aconteceu casualmente uma vez e que desde então se firmou por ser vantajoso (Freud, 1920/2010, p. 229).

Nesta citação parece ser possível identificar que a pulsão de vida surgiria depois da pulsão de morte, uma vez que Freud teria reconhecido que a pulsão sexual é propriamente a pulsão de vida. Mas Freud reluta em admitir a procedência da pulsão de morte sobre a pulsão de vida. Ele defende que, mesmo a sexualidade sendo tardia aos processos celulares, a pulsão de vida está presente desde o início da formação do organismo.

Freud admite que a investigação da gênese da sexualidade é obscura. Na ciência não foi encontrado nenhuma contribuição significativa. É na filosofia que Freud se depara com uma hipótese que remete à necessidade da pulsão sexual de restaurar um estado anterior. Foi seguindo o mito⁵ de Aristófanes, apresentado em “O Banquete”, de Platão, no qual o acasalamento sexual procuraria restabelecer a unidade anterior perdida devido à separação dos

⁵ Em *Além do princípio do prazer* Freud apresenta o seguinte recorte do mito: “Pois antes o nosso corpo não era formado exatamente como hoje; era muito diferente. Em primeiro lugar havia três sexos, não só o masculino e o feminino, como agora, mas também um terceiro, que unia os dois [...] o homem-fêmea [...]” Mas nestes seres tudo era duplo, tinham quatro mãos e quatro pés, dois rostos, duplos genitais etc. Então Zeus decidiu parti-los em dois, “como se divide os marmelos para fazer conserva [...]”. Como todos se achavam então divididos, o anseio impeliu as duas metades a juntar-se: elas se enlaçavam com as mãos, abraçavam-se, desejando fundir-se [...]”

sexos, que Freud formulou algumas suposições:

Devemos seguir a deixa do filósofo-poeta e arriscar a suposição de que a substância viva, ao ser animada, foi desmembrada em pequenas partículas que desde então buscam reunir-se de novo mediante os instintos sexuais? De que esses instintos, nos quais prossegue a afinidade química da matéria inanimada, gradualmente superam, atravessando o reino dos protozoários, as dificuldades que opõe a tal esforço um meio carregado de estímulos perigosos para a vida, que os obriga a formar uma camada cortical protetora? Que essas dispersadas partículas da substância viva alcançam desse modo a multicelularidade e enfim transferem às células germinais, em elevada concentração, o instinto para reunir-se? (Freud, 1920/2010, p. 232).

No entanto, ele reconhece que a hipótese de que a pulsão de vida visa regressar a um estado inicial de fusão não tem explicação científica e, portanto, não serve como argumento para sustentar o caráter regressivo dessa pulsão. Freud está ciente de que o terceiro passo na teoria das pulsões, o caráter compulsivo da pulsão de vida, não pode reivindicar a mesma certeza dos dois anteriores, a extensão do conceito de sexualidade e a tese do narcisismo.

1.6 Considerações finais

Muitas questões ficam sem respostas no texto de 1920. Parece que a redefinição do conceito de pulsão trouxe uma série de impasses que dificultam a sustentação do segundo dualismo.

Ao propor que toda a pulsão é um esforço natural do orgânico de retornar a um estado anterior, sendo a compulsão à repetição uma característica essencial de toda a pulsão e não apenas da pulsão de morte, Freud não consegue indicar qual seria o estado inicial ao qual a pulsão de vida aspiraria retornar. Por mais que tenha se esforçado em formular uma teoria bem estruturada, o conceito de pulsão de vida parece não se encaixar na nova conceituação de pulsão, principalmente, em relação à hipótese da compulsão à repetição. Caropreso e Simanke (2011) argumentam que este impasse permite sugerir que uma tendência para a morte esteja por trás de todos os fenômenos vitais, inclusive daqueles que aparentemente trabalham no sentido da preservação da vida.

Na tentativa de encontrar uma pista para solucionar essa questão, Freud recorre à biologia e reconhece que tanto a união de numerosas células num agregado vital, quanto à copulação, revelaram ter os efeitos de prolongar e de rejuvenescer a vida das células. Com base nessas informações Freud transpõe a relação das células entre si à teoria da libido e em seguida afirma que a união entre as células é devido à ação das pulsões sexuais presente em cada célula, que neutralizam parcialmente os processos estimulados pelas pulsões de morte. Dessa maneira, as pulsões sexuais coincidiriam com o Eros dos filósofos e poetas, que mantém unido tudo o que vive, isto é, as pulsões sexuais seriam as verdadeiras pulsões de vida.

Sendo assim, Freud tenta sustentar a hipótese de que a reprodução sexual visaria retornar a um estado de fusão que existia quando a vida surgiu do inanimado. Mas nada no campo da ciência foi encontrado que pudesse embasar sua hipótese, apenas a filosofia ofereceu meios para justificar o caráter regressivo da pulsão de vida, mas ele reconhece que o apoio na filosofia não é suficiente para justificar a hipótese. Permanece, então, em aberto, a questão sobre o estado primordial ao qual a pulsão de vida aspiraria regressar.

Outro impasse nas reflexões de *Além do princípio do prazer* envolve as pulsões de autoconservação. No início do texto de 1920, ainda seguindo as ideias do primeiro dualismo pulsional, na qual a oposição entre a pulsão de autoconservação e a pulsão sexual eram as desencadeadoras dos conflitos psíquicos, Freud estabeleceu que as primeiras pertenceriam à classe da pulsão de morte e as segundas formariam a classe da pulsão de vida. Relembrando o *Projeto* de 1895, Freud havia observado que o desenvolvimento da vida era decorrente da impossibilidade do organismo de descarregar o estímulo endógeno pela via do movimento reflexo. A descarga destes estímulos somente é possível mediante uma ação específica, que para ser executada, o organismo é obrigado a abandonar o princípio de inércia em nome do princípio de constância. Este novo princípio permite que o organismo acumule certo nível de estímulos necessários para a descarga das excitações, isto é, este acúmulo fornece ao organismo condições para desempenhar ações mais complexas.

Freud argumenta que a necessidade do organismo de executar ações mais complexas tem como primeiro plano o anseio de descarregar as excitações, ou seja, o objetivo do organismo seria descarregar o estímulo perturbador e assim retornar ao estado em que estava livre do estímulo. Desde modo, podemos considerar que o prolongamento da vida seria o

resultado da descarga das pulsões de autoconservação, e dessa forma, a meta primeira da vida seria alcançar a morte. Caropreso (2009) explica que “o que produz a manutenção da vida teria tido sempre, como meta última, a eliminação total da tensão, e as pulsões de autoconservação teriam que estar também à serviço da pulsão de morte, ainda que de forma menos direta. A vida, como diz Freud, seria apenas um rodeio para a morte” (Caropreso, 2009, p. 205).

Apesar destas considerações que justificam a inserção das pulsões de autoconservação na classe da pulsão de morte, Freud não podia desconsiderar que a oposição entre as pulsões do primeiro dualismo não podia mais ser sustentada, uma vez que, ele havia evidenciado a existência da libido narcísica. Freud não teve outra saída a não ser considerar que a classe da pulsão de vida seria formada tanto pela pulsão sexual como pela pulsão de autoconservação, embora ele não apresente nenhuma argumentação que contradiga o fato desta última pulsão também evidenciar característica que a aproxime da pulsão de morte.

Essa ambiguidade que envolve as pulsões de autoconservação gera outro impasse na teoria, pois ao colocá-las na classe das pulsões de vida, as pulsões de morte perdem seu representante. Para tentar dissolver mais este impasse, Freud inicia uma discussão, na qual relembra que a pulsão sexual apresenta um componente sádico que pode se tornar autônomo e, como perversão, dominar toda a tendência sexual. Freud tenta por este caminho, propor que a agressividade seria própria de uma pulsão não sexual que está em fusão com a pulsão sexual, sendo que, esta agressividade corresponderia à manifestação da pulsão de morte. Mas esta questão não é desenvolvida no artigo de 1920. A agressividade como representante da pulsão de morte é trabalhada por Freud em seus artigos posteriores.

2 O SEGUNDO DUALISMO APÓS 1920

2.1 A primeira tópica do aparelho psíquico

Três anos após a publicação de *Além do princípio do prazer* (1920/2010), Freud nos oferece a leitura de *O eu e o id*⁶ (1923/2011b), no qual propõe uma continuidade às reformulações teóricas iniciada em 1920. As considerações apresentadas por Freud no texto de 1923 têm como propósito ligar as colocações presentes em *Além do princípio do prazer* a fatos da observação analítica, deduzindo novas conclusões a partir dessa relação. A importância desta obra não se limita em sua relação com *Além do princípio do prazer*. Nela Freud desenvolve questões que já vinham ganhando importância ao longo do seu trabalho, tais como o desenvolvimento do eu e também apresenta novas elaborações psicanalíticas, como as instâncias supereu⁷ e id.

Nakasu (2011) observa que para introduzir a ideia do supereu Freud precisou primeiro amadurecer sua teoria da identificação – elaborada nas obras *Luto e melancolia* (1917/2010) e em *Psicologia das massas e análise do eu* (1921/2011) – e posteriormente elaborar a instância id. Nas palavras desta teórica “Foram as noções de id e de pulsão de morte que permitiram a Freud pensar o supereu em toda sua extensão” (p. 198). Monzani (1989) aponta que a importância do texto *O eu e o id* está no fato de Freud situar as pulsões do segundo dualismo no psíquico. Amparadas por questões biológicas, as pulsões de vida e de morte parecem sem lugar no psíquico, isto é, Freud precisa encaixar o segundo dualismo em suas colocações sobre as estruturas psíquicas. A introdução do id e seu substrato biológico vêm conferir lugar a essas pulsões em seu núcleo. Mas quais foram os motivos que levaram Freud a formular uma segunda teoria do aparelho psíquico? Segundo Bonfim (2008), foram várias as motivações:

contradições presentes na primeira tópica freudiana apresentada em 1900, dificuldades teóricas referentes ao problema da inserção da consciência na tópica e à reformulação do ego a partir da teoria do narcisismo, o peso cada vez maior ao

⁶ Tradução de Paulo César de Souza para os conceitos em alemão *Ich* e *Es*. No Brasil estes termos também foram traduzidos por ego e isso.

⁷ Tradução do autor referido acima para o conceito em alemão *Uber-Ich*. Também traduzido no Brasil como superego.

conceito de identificação nessa fase de sua obra e as questões envolvendo o inconsciente e o reprimido (p. 66).

Dessas motivações, Monzani (1989) destaca duas: a reformulação da noção de eu e o problema relacionado aos limites do sistema inconsciente. Abordemos essas duas razões.

Caropreso (2008) afirma que o sentido atribuído ao termo inconsciente depende do ponto de vista que compõe a abordagem metapsicológica (econômico, dinâmico e tópico), além dos vínculos teóricos estabelecidos entre o termo inconsciente com outros conceitos da metapsicologia, tais como os de repressão, processo primário, eu e compulsão à repetição. Encontramos na teoria psicanalítica o uso deste termo em três sentidos: no *sentido descritivo* para designar o conteúdo que, mesmo não estando na consciência, continua existindo como fato psíquico; no *sentido dinâmico* para designar o conteúdo que, mesmo sendo insuscetível de consciência, continua existindo como fato psíquico e, também, exercendo forte influência sobre a consciência; e no *sentido sistemático* se refere ao fato do conteúdo insuscetível de consciência ser regido por leis diferentes das leis, as quais regem o conteúdo suscetível de consciência.

O conceito de psíquico inconsciente foi, pela primeira vez, aceito por Freud no manuscrito *Projeto de uma psicologia científica* (1950 [1895]/1982). Neste texto, Freud reconheceu que o psíquico não coincidia com o consciente, como havia sido suposto em seu texto *Sobre a concepção das afasias* (1891). No *Projeto...*, surge a hipótese de inconsciente em sentido dinâmico e a possibilidade de uso do termo em sentido sistemático. A noção de sistema inconsciente começou a ser elaborada na carta 52 endereçada a Fliess⁸ e foi apresentada no capítulo 7 de *A interpretação dos sonhos* (1900/1979). Neste capítulo, Freud propôs uma divisão por sistemas do aparelho psíquico: sistemas Inconsciente (Ics), Pré-consciente (Pcs) e Consciente (Cs). Freud descreve que estes sistemas correspondiam, respectivamente, ao inconsciente insuscetível de consciência, ao inconsciente suscetível de consciência e à consciência.

Notamos que, nesta primeira divisão, há dois tipos de inconscientes, o que é latente, mas capaz de consciência, e o inconsciente que em si e sem dificuldades não é capaz de consciência. Freud os diferencia da seguinte forma, “Ao que é latente, tão só descritivamente

⁸ Freud discutiu com Fliess, por meio de cartas datadas de 1895, a elaboração de um modelo neurológico do funcionamento psicológico. Essas discussões contribuíram para que Freud elaborasse, ainda em 1895, o texto *Projeto para uma Psicologia Científica*, que somente foi publicado em 1950 após sua morte (Elisha, 2010).

inconsciente, e não no sentido dinâmico, chamamos de pré-consciente; o termo inconsciente limitamos ao reprimido dinamicamente inconsciente” (1923/2011b, p. 17). Segundo Matteo (1986) “o que permite definir a oposição dos dois sistemas, é não somente a relação que cada um mantém com a consciência, mas também e principalmente pela própria maneira diferente de funcionar: o inconsciente através do processo primário e o pré-consciente pelo secundário” (pp. 8-9).

O processo primário está presente no aparelho desde sua origem, ele representa a tendência primordial do aparelho a descarregar toda a excitação que a ele chega. Já o processo secundário se estabelece aos poucos, na medida em que consegue inibir e se sobrepor ao processo primário. Em 1900, Freud já entendia que a completa substituição do processo primário pelo secundário talvez ocorresse apenas na plena maturidade. Sendo assim, ambos os processos coexistem no aparelho.

Nakasu (2011) pontua que é inegável o esforço de Freud em aproximar o eu do sistema Pré-consciente em textos anteriores a *O eu e o id* ou durante a primeira tópica. Na elaboração da primeira tópica, nota-se como Freud atribui ao eu uma relação muito próxima com a consciência. Entretanto, algumas dificuldades nessa aproximação já se apresentam desde os artigos metapsicológicos. Freud percebeu que as funções atribuídas ao eu não determinavam um único sistema. Segundo ele, o eu possuiria características dos três sistemas. A descoberta de que a defesa é um processo inconsciente foi uma das principais razões que levou Freud a não equiparar o eu a pré-consciência. Evidências clínicas mostraram a Freud que os pacientes ofereciam resistência sem estar cômulo dela. Ele descreve que:

durante a análise observamos que o doente experimenta dificuldades quando lhe colocamos certas tarefas; suas associações falham quando devem aproximar-se do reprimido. Aí lhe dizemos que ele se acha sob o domínio de uma resistência, mas ele nada sabe disso, e mesmo que intua, por suas sensações de desprazer, que uma resistência atua nele então, não sabe dar-lhe nome ou descrevê-la. Mas como certamente essa resistência vem do seu Eu e a ele pertence, achamo-nos diante de uma situação imprevista. Encontramos no próprio Eu algo que é também inconsciente, comporta-se exatamente como o reprimido, isto é, exerce poderosos efeitos sem tornar-se consciente, e requer um trabalho especial para ser tornado consciente (1923/2011b, pp. 20-21).

A ideia de defesa inconsciente, como salienta Monzani (1989) já estava presente no pensamento freudiano anterior a 1920, mas somente em *Além do princípio do prazer* ela é

ênfatisada. Ainda segundo Monzani, “este foi o grande motivo pelo qual Freud se viu levado a não confundir mais ego com sistema pré-consciente-consciente como, de forma um pouco incoerente, tinha feito até então” (1989, p. 237).

Freud, então, se depara com um problema. A oposição que antes insinuava entre eu e pré-consciente de um lado e reprimido e inconsciente do outro, não pode mais ser descrita deste modo. A descoberta de que parcelas do eu são inconscientes, no sentido dinâmico, faz com que Freud reconheça que o âmbito psíquico alheio ao eu não corresponde apenas ao sistema Inconsciente. Em 1923, os termos inconsciente e pré-consciente passam a ser usados apenas para designar insuscetibilidade de consciência e suscetibilidade, respectivamente. Assim, o sentido sistemático de inconsciente e de pré-consciente é abandonado. A teoria da primeira tópica é vista como insuficiente para explicar os conflitos psíquicos e os termos inconscientes e pré-conscientes ficam representando apenas qualidades psíquicas. A partir da nova compreensão das relações estruturais da vida psíquica, Freud diz que “temos de substituir essa oposição [*consciente versus inconsciente*] por uma outra: aquela entre o Eu coerente e aquilo reprimido que dele se separou” (1923/2011b, p. 21, [*acréscimo colocado*]).

O estado de insuscetibilidade de consciência não é mais característica exclusiva de um sistema, assim, a parte insuscetível de consciência do psiquismo deixa de coincidir com o reprimido primordial e com o reprimido propriamente dito, como ele havia proposto em seus textos metapsicológicos de 1915. Segundo ele:

continua certo que todo reprimido é ics, mas nem todo Ics é também reprimido. Também uma parte do Eu — e sabe Deus quão importante é ela — pode ser ics, é certamente ics. E esse Ics do Eu não é latente no sentido do Pcs, senão não poderia ser ativado sem tornar-se cs, e torná-lo consciente não ofereceria dificuldades tão grandes (Freud, 1923/2011b, pp. 21-22).

Com o reconhecimento de que parte do eu é inconsciente, no sentido dinâmico, Freud se deparou com mais uma atribuição diferente para o termo inconsciente: o inconsciente do eu. Este não é latente no sentido do pré-consciente, uma vez que ele pode ser ativado sem se tornar consciente, mas também não é de todo modo inacessível à consciência, podendo alcançar à consciência mediante trabalho especial contra as resistências do eu. Ainda no texto de 1923, nota-se que Freud fica com receio de que o uso do termo inconsciente em três sentidos – um inconsciente assimilável ao reprimido; um inconsciente latente e um

inconsciente não reprimido, mas dependente do eu – possa promover certa confusão na teoria, além de causar descrédito à noção de inconsciência. Segundo ele:

Se nos vemos assim obrigados a instituir um terceiro Ics, um não reprimido, temos de conceder que a característica da inconsciência perde alguma importância para nós. Torna-se uma qualidade ambígua, que não autoriza as conclusões abrangentes e inevitáveis para as quais desejaríamos utilizá-la. Mas não devemos negligenciá-la, pois a qualidade de ser consciente ou não é, afinal, a única luz na escuridão da psicologia das profundezas (1923/2011b, p.22).

Freud, então, formula uma nova hipótese para pensar o aparelho psíquico, segundo a qual este seria composto pelas instâncias id, eu e supereu. Passemos ao comentário dessas três instâncias.

2.2 A segunda tópica do aparelho psíquico

Para explicar como a noção de eu ganha tamanha extensão, contendo qualidades consciente, pré-consciente e, sobretudo, para explicar a parte do eu que lhe é inconsciente, evidenciada com a análise dos processos defensivos, Freud introduz na teoria a noção de id⁹.

Em *O eu e o id* Freud sugere que denominemos o eu, a entidade, que parte do sistema Perceptível (*Pcp*) e é inicialmente pré-consciente, e de id, segundo o uso de Groddeck, a outra parte da psiquê, na qual ela prossegue, e que se comporta como inteiramente inconsciente. Deste modo, o indivíduo seria formado, segundo Freud, por “um Id [um algo] psíquico, irreconhecido e inconsciente, em cuja superfície se acha o Eu, desenvolvido com base no sistema Pcp, seu núcleo” (Freud, 1923/2011b, p. 30).

A elaboração da noção de id estabelece um importante passo na construção da teoria psicanalítica. Monzani (1989), resumindo as ideias de Laplanche, aponta quatro aspectos relevantes da introdução da noção de id. Primeiro, a instância id traz uma referência mais direta ao polo pulsional e, através deste, ao nível biológico. A noção de id também significa

⁹ Freud tirou o termo *id* do trabalho de G. Groddeck titulado como *Livro d'isso* (1923). A expressão id atrai Freud na medida em que ilustra a ideia desenvolvida por Groddeck de que “aquilo a que chamamos o nosso ego se comporta na vida de uma forma totalmente passiva e [...] somos 'vividros' por forças desconhecidas e indomáveis”; essa expressão concorda igualmente com a linguagem espontânea dos pacientes em fórmulas como “aquilo (id) foi mais forte do que eu, isso me veio de repente, etc” (Laplanche & Pontalis, 1982/2001, p. 219).

uma possibilidade de indicar a origem da psicanálise. Em terceiro, o id acentua fortemente o fator impessoal daquilo que nos move, isto é, destrona o sujeito consciente e autônomo. Além de também acomodar o aspecto inconsciente revelado nas instâncias do eu e do supereu.

O primeiro aspecto está diretamente relacionado com o nosso tema de pesquisa. Em *Além do princípio do prazer* observamos que a formulação de hipóteses biológicas foi essencial na definição das pulsões de vida e de morte. Segundo Monzani (1989) a construção do novo par de oposto do segundo dualismo implicou um mergulho no biológico, que até então, se colocava como problemático para a psicanálise. Este autor comenta que assumir o segundo dualismo requer de Freud aceitar uma antiga hipótese, emitida no artigo *O inconsciente*, de que há um substrato biológico no aparelho psíquico. Parece que a noção de id consegue trazer para a teoria essa articulação entre biológico e psíquico que faltava. Na *Conferência XXXI: Dissecção da personalidade psíquica* (1933/2010a) Freud parece se referir a esta questão. Ele descreve o id como “sendo aberto em direção ao somático na extremidade, ali acolhendo as necessidades dos instintos, que nele acham expressão psíquica, mas não sabemos dizer em qual substrato” (Freud, 1933/2010a, p. 215). Parece, então, que Freud reconhece que no aparelho psíquico há uma parte biológica, a partir da qual tudo se inicia. No entanto, permanece desconhecida a natureza de como ocorre essa ligação ou imbricamento.

Ressaltamos também o último aspecto apontado por Monzani. Com a introdução da noção de id, Freud pode explicar como alguns conflitos entre as instâncias eu e supereu podem ocorrer de modo inconsciente. Além de poder estabelecer uma relação próxima entre estas instâncias e a pulsão de morte. Essa aproximação entre pulsão de morte, eu e supereu possibilita, na visão de Monzani, que se pense com maior clareza em certos aspectos mortíferos ou destrutivos dessas duas instâncias. De fato, a segunda tópica possibilitou uma descrição mais coerente das origens e efeitos dos conflitos psíquicos.

Freud aponta na *Conferência XXXI* que podemos conhecer o id a partir do estudo do sonho e da formação do sintoma neurótico, e a maior parte disso é de caráter negativo, pode ser descrita somente em contraposição ao eu. Esta instância não conhece juízos de valor, não conhece bem e mal, não conhece moral, nela acredita-se existirem apenas investimentos pulsionais que exigem descarga. Freud se refere ao id como “um caos, um caldeirão cheio de excitações fervilhantes” (1933a, p. 215). Em uma passagem do artigo *Esboço de psicanálise*

(1940 [1938]/1980) Freud deixa claro que o id é a mais antiga dentre as instâncias psíquicas e acrescenta que nele:

contém tudo o que é herdado, que se acha presente no nascimento, que está assente na constituição - acima de tudo, portanto, os instintos, que se originam da organização somática e que aqui [*no id*] encontram uma primeira expressão psíquica, sob formas que nos são desconhecidas (Freud, 1940/1980, p. 143, [*acréscimo colocado*]).

O id seria, assim, o polo pulsional do aparelho psíquico. Já o eu, como descreve Freud em *O eu e o id*: “representa o que se pode chamar razão e circunspeção, em oposição ao id, que contém as paixões” (1923/2011b, p.31). Mas o eu e o id não são tão diferentes. É possível reconhecer que o eu é uma parte do id que se modificou pela influência direta do mundo externo. A constituição do eu é essencial para a sobrevivência do id. Roudinesco (1944/1998) pontua que “sem a intervenção do eu, o id caminharia inelutavelmente para sua perdição” (p. 399). Assim, o eu se esforça em fazer valer a influência do mundo externo sobre o id e os seus propósitos, empenha-se em colocar o princípio da realidade no lugar do princípio do prazer, que prevaleceria no id.

O eu torna-se uma instância intermediária, se por um lado está ligada ao mundo externo, através do sistema Percepção-Consciência, por outro, tem ligação com o id, com o qual ele se funde, mas sobre o qual se empenha em exercer uma função inibitória. Na *Conferência XXXI* (1933/2010a), Freud descreve as seguintes relações entre o eu, o mundo externo e o id:

A relação com o mundo externo tornou-se decisiva para o Eu, ele assumiu a tarefa de representá-lo junto ao id, para salvação do id, que, sem considerar esse ingente poder exterior, não escaparia à destruição, no cego afã da satisfação instintual. Cumprindo essa função, o eu tem de observar o mundo externo, registrar uma imagem fiel dele nos traços mnemônicos de suas percepções, conservando afastado, mediante o “exame da realidade”, o que nesse quadro do mundo externo for acréscimo oriundo de fontes internas de excitação. Por ordem do Id, o Eu domina os acessos à motilidade, mas entre a necessidade e o ato ele interpõe a dilação que é o trabalho do pensamento, durante o qual utiliza os traços mnemônicos da experiência. Assim destrona o princípio do prazer, que governa irrestritamente o curso dos processos no Id, e o substitui pelo princípio da realidade, que promete mais segurança e maior sucesso” (pp. 217-218).

Para ilustrar a superioridade das forças do id e a estratégia do eu para contê-lo, Freud faz uso da seguinte analogia entre o cavalo e o cavaleiro:

assim, em relação ao Id ele [*o eu*] se compara ao cavaleiro que deve pôr freios à força superior do cavalo, com a diferença de que o cavaleiro tenta fazê-lo com suas próprias forças, e o Eu, com forças emprestadas. Este símile pode ser levado um pouco adiante. “Assim como o cavaleiro, a fim de não se separar do cavalo, muitas vezes tem de conduzi-lo aonde ele quer ir, também o Eu costuma transformar em ato a vontade do Id, como se ela fosse a sua própria” (Freud, 1923/2011b, p. 31, [*acréscimo colocado*]).

No entanto, o eu não é apenas a parte do id modificada por influência do sistema Perceptivo. Em *O eu e o id*, Freud destaca que não só as coisas mais profundas do eu são inconscientes, também funções mais complexas podem ocorrer de modo inconsciente. No trabalho analítico Freud se depara com pessoas, cujas ações psíquicas altamente valorizadas, como a autocrítica e a consciência moral, são inconscientes e enquanto tais produzem os efeitos mais importantes. Estas evidências levam-no a formular a hipótese do supereu.

Algumas das hipóteses relacionadas ao eu e ao supereu já vinham sendo formuladas antes de 1923, o que resultou em uma primeira diferenciação do eu. Como bem lembra Nakasu (2011) desde os primórdios da teoria Freud já notava nos casos clínicos que estudava, a ação de uma entidade crítica, “represálias sacrificiais na histeria, autocastigo na neurose obsessiva, e delírio de observação na paranóia são os sinais da atuação da instância crítica”, diz Nakasu (p. 184). Mas foi em *Introdução ao narcisismo* (1914/2010), que ele propôs uma divisão do eu. Neste texto, ele introduz a expressão “ideal do eu”. As variações desta expressão levaram a formação da noção de supereu¹⁰ apresentada pela primeira vez em *O eu e o id*. A novidade que exige explicação no texto de 1923 é o fato dessa parcela do eu ter relação mais estreita com a inconsciência do que com a consciência, revelando uma íntima relação com o id e dela ser autônoma em relação ao eu.

Veremos que o supereu tem papel de destaque na teorização da pulsão de morte. Mas antes de comentarmos a relação entre supereu e pulsão de morte, vamos entender como Freud chegou a este conceito.

¹⁰ Em *O eu e o id* Freud utiliza como sinônimos os termos ideal de eu e supereu, apenas distinguindo-os na *Conferência XXXI* (1933/2010a). Na escrita desta dissertação optamos em não igualar estes termos.

2.3 Supereu herdeiro do complexo de Édipo

Iniciamos nosso percurso com o texto *Introdução ao narcisismo* (1914/2010). Neste texto, Freud apresenta as hipóteses do narcisismo primário e do narcisismo secundário, e explica que a gênese do ideal do eu tem como base o narcisismo primário, estado precoce em que a criança investe toda a sua libido em si mesma antes de escolher um objeto exterior. O narcisismo primário é reforçado pelo amor dos pais que projetam nos filhos toda a perfeição narcísica que eles tiveram que renunciar diante da realidade externa. Segundo Freud, o narcisismo do filho é o narcisismo do pai renascido¹¹. Com o desenvolvimento da criança e com o despertar da consciência moral, as satisfações narcísicas sofrem recriminações e a criança é impedida de permanecer neste estado de perfeição. No entanto, o sujeito nunca abandonará a satisfação de perfeição. Como saída o narcisismo primário é posto como ideal para o eu.

Freud reconhece, nesta época, que o eu possui duas entidades: a “consciência moral” e o “ideal do eu”. Essas entidades se diferenciam na medida em que a consciência moral é a introjeção da crítica dos pais. No curso do tempo, foram somadas à consciência moral as críticas dos educadores e todas as demais pessoas do convívio da criança (Freud, 1914/2010). O ideal do eu é o modelo de perfeição imposto ao eu. No entanto, o eu se revela rebelde, e não obedece ao seu ideal por livre e espontânea vontade. Para assegurar a satisfação narcísica a partir do ideal do eu, a consciência moral é implacável com o eu tendo que observar, julgar e punir suas atitudes. O ideal do eu traz grandes dificuldades ao eu, Nakasu coloca que:

Serão justamente as exigências da formação do ideal as grandes responsáveis pela repressão. A repressão se originaria, nesse sentido, do 'autorrespeito do eu': todo e qualquer impulso instintual que entrasse em conflito com as ideias morais-ideais seria reprimido pelo eu, que reconhece que o que é importante para o ideal é também importante para si (2011, p. 189).

A divisão do eu em uma parte que observa e outra que é observada trouxe clareza na compreensão dos sintomas da paranoia; o delírio de ser notado ou, mais corretamente, observado. Segundo Freud (1914/2010), os doentes se queixam de que todos os seus

¹¹ A relação entre ideal do eu e instância parental é explicado em *Psicologia das massas e análise do eu* (1921), como veremos adiante.

pensamentos são conhecidos, todas as suas ações notadas e vigiadas. Essa queixa é justificada, e tal sensação também ocorre em todos os não-doentes, mas nos paranoicos apareceria como uma hostil interferência de fora. Nas palavras de Freud:

a revolta contra essa instância censória vem de que a pessoa, consoante o caráter fundamental da doença, quer se livrar de todas essas influências, começando pela dos pais, e retira deles a libido homossexual. A sua consciência moral lhe aparece então, em forma regressiva, como hostil interferência de fora” (1914/2010, p. 43).

O quadro melancólico foi essencial para que Freud pudesse observar e estudar mais a fundo como ocorrem às divisões que constituem o eu. Segundo ele, as acusações que recaem sobre o eu do melancólico, sobretudo, as mais fortes, não são próprias do doente. Elas inicialmente foram destinadas ao objeto amoroso, que deste voltaram para o próprio eu (Freud, 1917/2010).

Anteriormente à publicação de *O eu e o id*, especificamente, antes da introdução do id como instância psíquica, Freud havia escrito em *Introdução ao narcisismo* (1914/2010), que a libido era alojada no eu, podendo ser investida no objeto (escolha do objeto) e depois reintroduzida (narcisismo secundário)¹². Em *Luto e melancolia* (1917/2010) Freud afirma que o investimento no objeto e o recuo da libido ao eu faz parte do processo de identificação. A identificação é, então, o estágio preliminar da escolha de objeto e o primeiro modo como o eu destaca um objeto. Em *O eu e o id* (1923/2011b), vemos Freud dizer que a identificação é um processo necessário na formação e no desenvolvimento do eu, é por meio dela que o eu se apropria dos atributos dos objetos, sendo ele, portanto, um precipitado dos investimentos objetivos abandonados.

O processo de escolha do objeto e identificação com o objeto fica evidente, quando Freud em *O eu e o id* explica os casos de melancolia e luto. A escolha de objeto nada mais é do que a ligação da libido ao objeto. Mas por influência de uma real ofensa ou decepção vinda deste objeto amoroso, ou até mesmo, a sua morte como no caso do luto, ocorre um abalo nessa ligação. O resultado é a retirada da libido desse objeto e posteriormente o seu deslocamento para outro objeto. Entretanto, o abandono do objeto somente ocorre mediante a introjeção dos seus atributos no eu. O recuo da libido objetal ao eu caracteriza o narcisismo

¹² Em *O eu e o id* (1923/2011b) Freud reconhece que o id é o grande reservatório da libido. E que a libido que flui para o eu através da identificação produz o narcisismo secundário.

secundário. Uma vez o eu tendo se identificado com o objeto perdido, a libido objetal se transforma em libido narcísica (ou libido dessexualizada) e o id pode novamente escolher um novo objeto amoroso. Este processo descrito é característico do luto.

Na melancolia é evidenciada uma ruptura no processo. Após o recuo da libido objetal ao eu, não acontece nova escolha do objeto pelo id. A libido fica retida no eu, o que faz dele o objeto para qual a instância crítica (consciência moral) direciona sua hostilidade. O eu identificado com o objeto perdido fica a mercê da avaliação da instância crítica. As atribuições do objeto que foram incorporadas pelo eu devem ser compatíveis com o que é esperado pelo seu ideal. A instância crítica tem a tarefa de compará-los e, caso essas atribuições não sejam tão perfeitas quanto exige o ideal, o eu será severamente punido pela instância crítica. Freud (1917/2010) já havia colocado que a identificação com o objeto se torna substituto do investimento amoroso que foi perdido, deste modo, o eu identificado com o objeto se torna alvo de todas as recriminações e agressões, as quais gostaria de ter aplicado no objeto perdido, assim como é evidenciado na melancolia. Deste modo, a perda do objeto se transformou numa perda do eu e o conflito entre o eu e o objeto amado, numa cisão entre a crítica do eu e o eu modificado pela identificação. Segundo Freud:

Se o amor ao objeto (...) refugia-se na identificação narcísica, o ódio atua em relação a esse objeto substitutivo, insultando-o, rebaixando-o, fazendo-o sofrer e obtendo uma satisfação sádica desse sofrimento. O automartírio claramente prazeroso da melancolia significa, tal como o fenômeno correspondente na neurose obsessiva, a satisfação de tendências sádicas e de ódio relativas a um objeto, que por essa via se voltaram contra a própria pessoa (Freud, 1917/2010, p. 184).

As novas reformulações e acréscimos na teoria vão aos poucos dando subsídios para a introdução do supereu. Na obra *Psicologia das massas e análise do eu* (1921/2011), Freud dá um grande passo na construção da noção de supereu. Será com a dissolução do complexo de Édipo que Freud desvenda a ligação da figura parental com o ideal do eu e, também, a hostilidade com que a consciência moral trata o eu. Nakasu (2011) afirma que, neste texto de 1921, Freud incorpora, definitivamente, a autoridade ao eu e, pela primeira vez, a identificação é associada ao complexo de Édipo. Será por meio da identificação com a figura parental, ocorrida na dissolução do Édipo, que Freud compreende como o ideal do eu reflete a imagem dos pais e como esta instância adquire seu aspecto agressivo.

Freud explica em *Psicologia das massas e análise do eu* (1921/2011), que o complexo de Édipo ocorre do seguinte modo: o garoto revela um interesse especial por seu pai, gostaria de crescer e ser como ele, tomar o lugar dele em todas as situações, ou seja, ele identifica-se com o pai e coloca-o como seu ideal. Junto com a identificação com o pai, o menino também empreende um investimento objetal na mãe. Ele mostra, então, duas ligações psicologicamente diferenciadas: com a mãe, um investimento objetal direto; com o pai, uma identificação que o toma por modelo. As duas ligações coexistem por um tempo, sem influenciar ou perturbar uma à outra. Mas com o desenvolvimento do menino essas ligações entram em conflito e surge o complexo de Édipo. O menino percebe que o pai é um obstáculo entre ele e a mãe; sua identificação com o pai adquire então uma tonalidade hostil e torna-se idêntica ao desejo de substituir o pai também junto à mãe. Fica evidenciado que a identificação é ambivalente, pode tornar-se tanto expressão de ternura como desejo de eliminação. Em *Psicologia das massas e análise do eu*, Freud destaca a característica ambivalente da identificação em que ocorre após a dissolução do complexo de Édipo: uma negativa por rivalidade e outra positiva por imitação.

Em *O eu e o id*, Freud revê o complexo de Édipo e reconhece que, após sua dissolução, a relação que surge entre eu e supereu não se limita ao comando do supereu dirigido ao eu de ser como o pai “*Assim, você deve ser*”, essa relação também abrange a proibição “*Assim você não pode ser*”, isto é, o supereu proíbe o eu de fazer tudo o que o pai faz.

Após a dissolução do complexo de Édipo, além do eu colocar a instância parental como seu ideal, ele também introjeta o aspecto proibitivo, característico dos pais. Essa contradição de ordens deriva da ação do ideal do eu que se posiciona contra o desejo de aniquilar o pai, isto é, o ideal do eu se empenha na repressão do complexo de Édipo. Segundo Freud, a repressão dos desejos edípicos não foi tarefa fácil para o eu, “o eu infantil fortificou-se [*tomou emprestada a força do pai*] para essa obra de repressão, estabelecendo o mesmo obstáculo dentro de si” (Freud, 1923/2011b, p. 43, [*acréscimo colocado*]).

Essa ação gerou como consequência a conservação do caráter do pai no íntimo do supereu. Nakasu (2011) acrescenta que “a identificação presente no desenlace do conflito edipiano é a ponte que faltava para Freud colocar em evidência, em *O ego e o id*, a função legisladora do supereu e vincular sua formação à incorporação da autoridade parental. Isso o

permite, aliás, introduzir sua clássica definição do supereu como herdeiro do complexo de Édipo e, com isso, retirar definitivamente a consciência moral dos domínios do eu” (p. 193). Na *Conferência XXXI* (1933/2010a), Freud diz que “a instauração do supereu é um caso bem sucedido de identificação com a instância parental. Essa concepção tem como base o fato de que a nova instância tem sua criação ligada ao destino do complexo de Édipo, de modo que o supereu aparece como herdeiro dessa ligação afetiva” (p. 201).

Compreendemos que foi após a descoberta da introjeção no eu do aspecto coercitivo da instância parental (em *O eu e o id*), que Freud introduz a noção de supereu. Porém a diferenciação entre os termos somente foi apresentada na *Conferência XXXI*. Vemos, neste texto de 1933, Freud distinguir ideal do eu de supereu, colocando o primeiro como uma das funções do segundo. Freud descreve que ao supereu é atribuído “a auto-observação, a consciência moral e a função de ideal” (1933/2010a, p. 205).

Até o momento vimos a gênese do supereu relacionada ao complexo de Édipo. Mas Freud também considera que o supereu é herdeiro do id e sub-rogado das pulsões de morte.

2.4 Supereu herdeiro do id

Vimos como a noção de supereu foi desenvolvida e a importância do complexo de Édipo na sua constituição. Mas Freud observa que o supereu tem forte ligação com o inconsciente e é motivado por este fato, que ele formula a hipótese do supereu como herdeiro do id. Nakasu (2012) aponta que “as bases conceituais utilizadas por Freud para unir o supereu ao id e às pulsões de morte nos conduz à década de 1920, à introdução da segunda teoria das pulsões e da segunda tópica” (p. 468). Retornemos então à relação entre o id e o eu na tentativa de elucidar o papel do id na formação do supereu.

Em *O eu e o id*, ao pensar na relação entre o id e o eu, Freud nota que o id é o grande reservatório da pulsão de vida e da pulsão de morte. A energia gasta nas funções do eu é retirada do id, especialmente, sob a forma de energia dessexualizada e sublimada, como vimos na seção anterior. Isso se faz possível pelo fato do eu ser uma parte do id diferenciada. O id, guiado pelo princípio do prazer, se defende do desprazer buscando a satisfação imediata das exigências da pulsão. Como se sabe, tal satisfação imediata é impedida devido às

exigências do mundo externo. Desta forma, o id conta com o auxílio do eu que se coloca como objeto de amor e apodera-se da libido liberada pelo id. A libido objetal é dessexualizada e convertida em libido narcísica. Essa transformação ocorre junto com o processo de identificação. Em *O eu e o id* Freud diz que talvez a identificação com o objeto perdido é condição, para que o eu possa abandonar o objeto.

Freud entende que as identificações com os objetos abandonados são cruciais para a vida do indivíduo, principalmente, as realizadas na tenra infância. Este é o ponto que temos que retornar para compreendermos a gênese do supereu como herdeiro do id. Em *O eu e o id*, após a menção da pulsão de morte e do id, Freud volta a pensar na gênese do supereu reconhecendo que por trás da origem do ideal do eu esconde-se a *identificação primária*, aquela com os pais da pré-história pessoal, sendo esta a mais significativa para o indivíduo. Freud não está se referindo às identificações que surgem após a passagem do complexo de Édipo, pois segundo ele, a *identificação primária* não parece ser consequência de um investimento objetal, “é uma identificação direta, imediata, mais antiga do que qualquer investimento objetal” (1923/2011b, p. 39). As escolhas de objeto relativas ao período do complexo de Édipo resultam na identificação parental e reforçam a identificação primária. Desta forma, as identificações que constituem o supereu não são apenas aquelas relacionadas ao complexo de Édipo. Freud concebe a formação do supereu a partir de uma dupla gênese: ele é formado pelas aquisições filogenéticas do id (primeiras identificações objetais do id) e ele é o herdeiro do complexo de Édipo.

A aquisição filogenética do id concede ao supereu laços com a herança arcaica do indivíduo. Deste modo, segundo Freud, “o que fez parte do que é mais profundo da vida psíquica de cada um se torna, através da formação do supereu, no que é mais elevado na alma humana” (1923/2011b, p. 46). Na compreensão de Freud a concepção de um ser superior que pune implacavelmente o indivíduo é explicada pela inclinação destrutiva do supereu. Este ser superior não deve ser atribuído a nenhuma força externa ao indivíduo e, sim, à instância psíquica do supereu. Freud tenta explicar como foi possível o apoderamento do conteúdo arcaico. Ele se pergunta se foi o id ou o eu que se apoderou dos conteúdos mais elevados do ser humano. Segundo ele, o id é incapaz de experimentar vivências externas, sua relação com o mundo externo é mediada pelo eu. Mas também não é possível reconhecer uma transmissão hereditária no eu, pois as vivências do eu parecem inicialmente perdidas para a herança, porém quando se repetem com frequência e força suficiente ao longo das gerações, elas se

transformam em vivências do id, experiências cujas impressões são mantidas hereditariamente. Segundo Freud (1923/2011b), as aquisições filogenéticas do id fazem dele a reencarnação de anteriores formações de eu, que deixaram seus precipitados no id. Assim, o supereu se acha constantemente próximo ao id, e pode representá-lo perante o eu. Está profundamente imerso no id e, por isso, mais distante da consciência do que o eu.

Tendo em vista a gênese do supereu como herdeiro do id, torna-se compreensível que os conflitos do eu com os investimentos objetivos do id também possam originar conflitos do eu com o supereu (Freud, 1923/2011b). A relação estreita entre o supereu e o inconsciente é evidenciada na reação terapêutica negativa, fenômeno em que o doente não quer se livrar da doença. Freud observou que a doença se coloca para o sujeito como uma punição que acredita merecer. Segundo Freud “chegamos a perceber que se trata de um fator moral, digamos, de um sentimento de culpa que encontra satisfação no fato de estar doente e não deseja renunciar o desejo de sofrer” (Freud, 1923/2011b, p. 62). A manifestação do sentimento de culpa fica evidente na melancolia, diz ele, pois nela parece que o supereu “arrebatoou a consciência” e o eu não ousa reclamar, ele se reconhece culpado e submete-se ao castigo.

Como o supereu consegue ser tão crítico e duro com o eu? Voltamos ao processo de identificação: toda identificação tem o caráter de uma dessexualização e de uma disjunção pulsional. Assim, após a dessexualização, o componente erótico perde força e não consegue inibir toda a pulsão de morte. Como consequência ocorre à disjunção pulsional, o eu apodera-se da libido dessexualizada e a pulsão de morte fica livre sendo direcionada para o mundo externo como inclinação agressiva ou destrutiva caracterizando o sadismo. No entanto, uma parte da pulsão de morte é impedida de ser exteriorizada ficando no interior do organismo como masoquismo. Este processo é detalhado em *O problema econômico do masoquismo* (1924/2011). Porém, neste texto de 1924, Freud não explica como a pulsão de morte é impedida de exteriorização e como seu aspecto mortífero é adquirido pelo supereu. Freud esclarece melhor todo este processo em *O mal-estar na civilização* (1930/2010), no qual afirma que a exteriorização da pulsão de morte é impedida pelas exigências da civilização, que exige a renúncia da agressividade. A agressividade renunciada volta para o eu intensificando a agressividade do supereu.

É da disjunção pulsional que o supereu extrai todo o traço severo e cruel com que pune o eu, e é, por este motivo, que Freud afirma que “o que então vigora no supereu é como que

pura cultura do instinto de morte” (1923/2011b, p.66). O eu tendo controlado a libido por meio da identificação, recebe como recompensa a punição do supereu sádico, através da agressividade misturada a libido. Como comenta Nakasu (2012), é no texto *O eu e o id* que Freud aproxima pela primeira vez o supereu e a pulsão de morte. A pulsão agressiva liberada na identificação é a energia mortífera que faz operar o supereu. Esta autora explica que a pulsão de morte pode operar no supereu de duas formas: de forma regular, concedendo ao supereu – via disjunção e identificação – seu traço imperativo; e de forma patológica – melancolia – na qual a pulsão de morte encharca o supereu de destruição e intensifica seu lado imperativo. Nos neuróticos, a simples crítica do supereu pode, se muito intensa, se tornar castigo de morte na melancolia.

2.5 Pulsão de vida e pulsão de morte em O eu e o id

Nesta seção vamos fazer um paralelo entre os textos *Além do princípio do prazer* e *O eu e o id*, discutindo como Freud aborda no segundo texto as reflexões iniciadas no primeiro. Destacamos o início do capítulo IV em *O eu e o id*, no qual Freud aponta que antes de investigar a relação entre a segunda tópica do aparelho psíquico e a segunda teoria dualista é preciso primeiro assegurar a existência do segundo dualismo pulsional, pois como vimos na análise de *Além do princípio do prazer*, Freud havia esbarrado em alguns pontos conflitantes ao tentar sustentá-lo.

Apesar de Freud não justificar de forma satisfatória o porquê de um dualismo entre classes de pulsões diferentes, é evidente que ele se utiliza de uma visão dualista, que aspira pelo conflito para embasar suas teorias sobre os fenômenos psíquicos. Figueiredo (1999) também ressalta este ponto ao afirmar que:

é muito provável que o dualismo fosse também um limite na tentativa de Freud escapar do monismo e de suas implicações metafísicas. O reino do Uno é, exatamente, o reino da estabilidade sem tensões, o reino do não-conflito, ou, pelo menos, do conflito concebido como não-essencial e, nesta medida, superável. É o reino da morte. O dualismo, ao contrário, parece proporcionar uma visão essencialmente dinâmica e vital (p. 106-107).

No quarto capítulo de *O eu e o id* Freud tece as seguintes considerações:

Nosso interesse se volta naturalmente para a questão de se haverá nexos significativos entre as supostas formações do Eu, Super-eu e Id, por um lado, e as duas espécies de instintos, por outro lado; também para a questão de se é possível atribuir, ao princípio do prazer que rege os processos psíquicos, uma posição fixa ante as duas espécies de instintos e as diferenciações psíquicas. Antes de entrar nessa discussão, temos de lidar com uma dúvida que diz respeito à colocação mesma do problema. É certo que não há dúvida em relação ao princípio do prazer, [e] a organização do Eu tem justificação clínica, mas a distinção das duas espécies de instintos não parece bastante assegurada, e é possível que fatos da análise clínica liqüidem tal pretensão (1923/2011b, pp. 52-53).

Nesta passagem, notamos que Freud reconhece a fragilidade do novo dualismo pulsional e que sua justificação ainda carece de argumentos mais sólidos. Assim, em 1923 ele retoma este ponto e argumenta que talvez fatos clínicos possam trazer clareza às discussões em torno do problema das pulsões. A estratégia de Freud é analisar casos em que amor e ódio são dirigidos a um mesmo objeto, isto é, fatos que evidenciam a ambivalência afetiva. Em *Além do princípio do prazer* Freud já havia levantado a possibilidade de sustentar a distinção entre as duas classes de pulsões recorrendo à clássica polaridade entre amor (afeição) e ódio (agressão), porém, pode-se dizer que a distinção naquele artigo, não é claramente apresentada.

Ao dar prosseguimento a questão da ambivalência afetiva em 1923, Freud retoma a questão da paranoia persecutória e do complexo de Édipo e argumenta que a transformação do amor em ódio não pode ser direta, ou seja, um não pode suceder o outro. Temos que considerar o fato de que como as pulsões são de classes diferentes, a transformação direta de uma para outra é incompatível com suas diferenças qualitativas. A transformação tem que ser uma mudança puramente interna, em que não participam variações de conduta do objeto.

Essa discussão faz surgir na argumentação à hipótese da existência de uma energia passível de deslocamento, cuja localização inicial é desconhecida (seja no id ou no eu), mas que é capaz de passar de uma pulsão erótica para outra destrutiva sem desencadear na transformação direta de uma em outra. Assim, segundo Freud, parece que nestes casos temos que supor que “Desde o início está presente uma atitude ambivalente, e a transformação ocorre por meio de um deslocamento reativo do investimento, quando se subtrai energia do impulso erótico e se introduz energia no impulso hostil” (Freud, 1923/2011b, p. 54). Mas o que seria essa energia deslocável, de onde procede a que pertence? Segundo ele, “parece

plausível que essa energia operante no Eu e no Id, deslocável e indiferente, provenha da reserva de libido narcísica, seja Eros dessexualizado. Pois os instintos eróticos nos aparecem como mais plásticos, desviáveis e deslocáveis do que os instintos de destruição” (Freud, 1923/2011b, p. 56).

Assim, Freud conclui que por motivos econômicos, a substituição de uma atitude hostil (que não tem perspectiva de satisfação) por uma atitude amorosa (que oferece maior perspectiva de satisfação, ou seja, de descarga) pode de fato ocorrer ao introduzir a libido dessexualizada na pulsão destrutiva. Como desdobramento, podemos apontar que a função da libido dessexualizada é evitar que ocorra algum represamento impossibilitando a descarga, ou seja, ela trabalha para o princípio do prazer. Parece que aqui temos um impasse, pois afirmar que a libido trabalha a favor da descarga é contradizer a atuação da pulsão de vida que consiste em provocar novas excitações e não de cancelá-las. Nesse caso, temos a impressão de que a libido dessexualizada está trabalhando a favor da pulsão de morte.

Mas apesar dessas novas colocações na teoria, a intenção de Freud em justificar a diferença entre as pulsões de vida e de morte recorrendo a fatos que retomam a transformação de amor em ódio e vice-versa, não parece ter tido êxito. O que fica evidente nestas colocações é que as pulsões atuam em conjunto na descarga da excitação. Assim, o que a ambivalência revela sobre a teoria dualista pulsional é que as classes de pulsões trabalham em conjunto. Apesar do esforço de Freud em justificar que as classes pulsionais são distintas e independentes uma da outra, nada foi apresentado que confirme esta hipótese.

Outro ponto que Freud discute em *O eu e o id* é o caráter conservador das pulsões. Ele reafirma que:

Com base em reflexões teóricas amparadas pela biologia, supusemos que há um instinto de morte, cuja tarefa é reconduzir os organismos viventes ao estado inanimado, enquanto Eros busca o objetivo de, agregando cada vez mais amplamente a substância viva dispersa em partículas, tornar mais complexa a vida, nisso conservando-a, naturalmente. Ambos os instintos comportam-se de maneira conservadora no sentido mais estrito, ao se empenhar em restabelecer um estado que foi perturbado pelo surgimento da vida. (1923/2011b, p. 50).

Nesta citação, ele afirma que a pulsão de vida é conservadora no mesmo sentido que a pulsão de morte. Vimos no artigo de 1920, Freud defender que a tendência da pulsão de morte

é retornar ao estado inorgânico, por meio da compulsão à repetição. Entretanto, ele não encontra evidências de que também a pulsão de vida buscaria retornar a um estado primário. Relembrando, ele afirma em 1920 que:

Mas ainda sentimos como apreciável estorvo, em nossa argumentação, o fato de precisamente quanto ao instinto sexual não podermos demonstrar o caráter de compulsão à repetição que inicialmente nos levou a detectar os instintos de morte. Certamente a área dos processos de desenvolvimento embrionários é pródiga em tais fenômenos de repetição, as duas células germinais da reprodução sexual e a história de sua existência são, elas mesmas, apenas repetições dos primórdios da vida orgânica; mas o essencial nos processos visados pelo instinto sexual é a fusão de dois corpos de células. Apenas isso garante, nos seres vivos superiores, a imortalidade da substância viva (1920/2010, p. 228).

Nesta citação, Freud diz que o caráter da compulsão à repetição na pulsão de vida não está assegurado. Apesar das células reprodutivas repetirem os processos primordiais da vida orgânica, o essencial nestes processos é a união de duas células diferentes. Para sustentar que a pulsão de vida também apresenta um caráter conservador, Freud deveria mostrar que quando a vida nasce da matéria inorgânica, neste mesmo instante, ela foi desmembrada em pequenas partículas que desde então, buscam reunir-se de novo mediante a pulsão sexual. No entanto, este passo na construção da teoria dualista não encontrou embasamento suficiente para ser sustentado. Apesar disso, vemos na sequência argumentativa em *O eu e o id*, que Freud afirma que ambas as pulsões são conservadoras, pois elas estão empenhadas em restabelecer um estado que foi perturbado pelo surgimento da vida.

Ainda sobre o caráter conservador das pulsões, destacamos o fato de que em *Além do princípio do prazer* Freud desenvolveu um longo e minucioso texto, tendo como objetivo principal destronar o princípio do prazer e apresentar a compulsão à repetição como o funcionamento primário do aparelho psíquico, além de reconhecer que a compulsão à repetição é uma característica essencial de toda a pulsão e não apenas da pulsão de morte. Mas em sequência (em 1923) ele omite essa novidade, deixando a entender que o princípio do prazer segue dominando o funcionamento do aparelho psíquico. Acreditamos que a postura de não retomar a hipótese da compulsão à repetição seria uma estratégia para negar certas dificuldades da teoria dualista, uma vez que nada é apresentado em defesa da suposição do caráter regressivo da pulsão de vida. Freud segue o texto *O eu e o id* reafirmando a hipótese

de que a vida ao surgir da matéria inorgânica apresenta duas “tendências” uma no sentido de “continuar a vida” e outra no sentido de “aspirar pela morte”.

Somente no *Esboço de psicanálise* é que Freud reconhece que a natureza conservadora pode apenas ser característica da pulsão de morte. Atribuir esta natureza à pulsão de vida requer que Freud encontre nesta pulsão o impulso de retornar ao estado primário. Freud, então, esclarece que “No caso de Eros (ou instinto do amor), não podemos aplicar esta fórmula. Fazê-lo pressuporia que a substância viva foi outrora uma unidade posteriormente desmembrada e que se esforça no sentido da reunião” (Freud, 1940 [1938]/1980, p. 146-147).

Caropreso e Simanke (2011) nos chamam a atenção para um ponto importante. Segundo estes autores, se o caráter conservador é atribuído apenas à pulsão de morte, também a compulsão à repetição teria que ser uma característica tão somente dessa pulsão e não, como uma característica universal das pulsões, como foi afirmado em *Além do princípio do prazer*. No entanto, após Freud fazer esta colocação no *Esboço de psicanálise*, ele não retoma suas discussões em torno da pulsão de vida. Freud segue sua teoria mantendo a pressuposição de que ambas as pulsões são primárias. Segundo ele, nós temos que “imaginar um estado inicial no qual toda a energia disponível do Eros – que, daqui em diante, chamaremos de ‘libido’ – está presente no eu-isso ainda indiferenciado e serve para neutralizar as tendências destrutivas que estão simultaneamente presentes” (Freud, 1940 [1938]/1980, p. 147).

Acompanhando as argumentações de Freud notamos que justificar a independência das pulsões é uma tarefa difícil para ele. Toda sua argumentação leva-o a indicar que as espécies de pulsões trabalham em conjunto, sendo difícil sustentar que haveriam estados, em que elas se encontram isoladas, sem interferir uma com a outra. Como forma de elucidar os estados puros das classes pulsionais, Freud retoma em *Análise terminável e interminável* (1937/1980) sua antiga hipótese de que todos os seres humanos são bissexuais. Segundo ele, apesar da universalidade da nossa constituição bissexual, em um grupo de pessoas as duas tendências estão em conflitos. A heterossexualidade de um homem não se conforma com a homossexualidade e vice-versa. Freud indaga porque os rivais nem sempre dividem entre eles a quota disponível de libido considerando sua força relativa, assim como ocorre no outro grupo de pessoas em que não há o conflito.

A conclusão de Freud é que a tendência a um conflito é algo especial, algo recentemente adicionado à situação, sem considerar a quantidade de libido. Uma tendência ao conflito desse tipo, a emergir independentemente, segundo ele, dificilmente pode ser atribuída

a algo que não seja a intervenção de um elemento de agressividade livre. Destas colocações Freud infere que:

Se reconhecemos o caso que estamos examinando como expressão do instinto destrutivo ou agressivo, surge imediatamente a questão de saber se essa visão não deve ser estendida a outros exemplos de conflito, e, na verdade, de saber se tudo o que conhecemos sobre o conflito psíquico não deveria ser revisto a partir desse novo ângulo. Afinal de contas, presumimos que, no decurso do desenvolvimento do homem de um estado primitivo para um civilizado, sua agressividade experimenta um grau bastante considerável de internalização ou volta para o interior; se assim for, seus conflitos internos certamente seriam o equivalente apropriado para as lutas internas que então cessaram (Freud, 1937/1980, p. 246).

Neste mesmo artigo de 1937, Freud faz outra tentativa para justificar os estados puros das classes pulsionais, ao apontar que sua segunda teoria dualista é análoga à teoria do filósofo grego Empédocles de Acragas¹³. Neste artigo, Freud afirma que os dois princípios fundamentais de Empédocles – amor e discórdia - são, tanto em nome quanto em função, os mesmos que as duas pulsões primevas, Eros e pulsão de morte.

Apesar destas colocações, parece que elas não certificam a hipótese das pulsões em seus estados puros. Portanto, podemos apenas reconhecer que ambas as classes pulsionais trabalham em conjunto. Assim, uma classe de pulsão sempre é acompanhada de certa quota da outra classe, formando deste modo as mais variáveis mesclas pulsionais.

2.6 Considerações finais

O edifício teórico da psicanálise tem por base a noção de que somos impulsionados por algo, que se situa em 'outro lugar' e que nos é inacessível. Inicialmente Freud trabalhou com a hipótese do sistema inconsciente, mas como vimos, esta noção não pôde mais ser usada para caracterizar este 'outro lugar' que

13 “O filósofo ensinou que dois princípios dirigem os eventos na vida do universo e na vida da mente, e que esses princípios estão perenemente em guerra um com o outro. Chamou-os de amor e discórdia. Desses dois princípios - que ele concebeu como sendo, no fundo, ‘forças naturais a operar como instintos, e de maneira alguma inteligências com um intuito consciente’ -, um deles se esforça por aglomerar as partículas primevas dos quatro elementos numa só unidade, ao passo que o outro, ao contrário, procura desfazer todas essas fusões e separar umas das outras as partículas primevas dos elementos. Empédocles imaginou o processo do universo como uma alternância contínua e incessante de períodos, nos quais uma ou outra das duas forças fundamentais leva a melhor, de maneira que em determinada ocasião o amor e noutra a discórdia realizam completamente seu intuito e dominam o universo, após o que o outro lado, vencido, se afirma e, por sua vez, derrota seu parceiro” (Freud, 1937/1980, p. 247).

Freud colocou como fundamental para a psicanálise. Mas mesmo após Freud ter reconhecido a insuficiência da noção de inconsciente, a primeira tópica não é abandonada. Fazer isso custaria a perda desta noção de lugar inacessível, tão estimada para a formulação psicanalítica. Somente tendo a possibilidade de continuar falando deste lugar, com a introdução do id, é que Freud pôde abandonar a noção de sistema inconsciente e estruturar uma segunda tópica.

A introdução da segunda tópica, dividindo o aparelho psíquico em id, eu e supereu, além de atender a insuficiência da primeira tópica, também atende o problema causado pela concepção de eu que apresenta qualidades consciente, pré-consciente e inconsciente, e assegura um lugar no psíquico para as pulsões do segundo dualismo. A noção de id e seu substrato biológico passa a designar a parte do aparelho psíquico que se comporta como se fosse inconsciente, sendo ela o pólo pulsional. A característica inconsciente revelada nas instâncias eu e supereu também passa a ser explicada com a introdução do id. Isso explicou como alguns conflitos entre estas últimas instâncias podem ocorrer de modo inconsciente. É após a introdução das noções de pulsão de morte e de id que Freud pôde pensar toda a extensão da instância do supereu.

Estas colocações contribuíram para o desenvolvimento da teoria das pulsões, no entanto, Freud admite que a diferença entre pulsão de morte e pulsão de vida ainda carece de melhores explicações. Mas como vimos, apesar de seus esforços em afirmar que estas pulsões são independentes, Freud não consegue sustentá-las. Podemos apenas reconhecer que ambas as classes pulsionais trabalham em conjunto. Assim, uma classe de pulsão sempre é acompanhada de certa quota da outra classe, podendo modificar sua finalidade ou dando condições para realizar sua finalidade.

O fato de Freud afirmar que apenas a pulsão de morte é conservadora parece gerar outro problema. Pois podemos inferir que se a pulsão de vida não é conservadora a compulsão à repetição também não pode se referir a esta classe de pulsão. Assim, compulsão à repetição não seria uma característica geral podendo apenas ser atribuída à pulsão de morte. Mas Freud não levanta estas considerações e continua mantendo a pressuposição de que ambas as pulsões são primárias podendo atuar em conjunto ou isoladas.

3 O DUALISMO PULSIONAL NO FINAL DA OBRA FREUDIANA

3.1 O embaraçamento dos princípios

Na psicanálise freudiana encontramos muitos conceitos, que sofreram reformulações ao longo da teoria. O princípio do prazer, até 1920, não trazia problema para a metapsicologia, no entanto, vimos em *Além do princípio do prazer* Freud dizer que este princípio não domina o curso dos processos psíquicos. O princípio do prazer somente entra em cena em um segundo momento, após a compulsão à repetição ter promovido a ligação do excesso de excitação e, assim, reestabelecendo o equilíbrio no gerenciamento das energias. Este funcionamento seria, então, mais primordial do que a tendência do princípio do prazer de eliminar as excitações.

No início do artigo de 1920, Freud relaciona prazer e desprazer com a quantidade de excitação em estado não ligado, existente na vida psíquica, de tal modo que o desprazer corresponderia a um aumento e o prazer a uma diminuição dessa quantidade de energia não ligada. Ainda neste texto de 1920, ele reconhece que não há uma relação direta entre a quantidade de energia livre e as sensações de prazer e desprazer, supondo que o fator decisivo para as sensações da série desprazer-prazer deva ser a medida de diminuição ou aumento num dado período de tempo. Nesta época, Freud já tinha conhecimento de que não há como desconsiderar a sensação prazerosa no sadismo e no masoquismo, fenômenos em que há um aumento da excitação. Nestes fenômenos fica evidente, que o prazer não pode decorrer exclusivamente da diminuição de excitação. Mas é em *O problema econômico do masoquismo* (1924/2011), que Freud abandona a relação entre prazer e desprazer com a diminuição e aumento da excitação, admitindo que “existem tensões prazerosas e distensões desprazerosas” (p. 186). No entanto, ele não exemplifica quando o abaixamento da tensão, isto é, a distensão, seria sentido de forma desprazerosa. O que ele conclui disso pode ser compreendido a partir da seguinte passagem:

Prazer e desprazer, portanto, não podem ser referidos ao aumento ou diminuição de uma quantidade que chamamos de tensão de vida a estímulos, embora claramente tenham muito a ver com isso. Parece que não dependem desse fator quantitativo, mas de uma característica dele que só podemos designar como qualitativa. Estaríamos bem mais adiantados na psicologia, se soubéssemos indicar qual é esse

traço qualitativo. Talvez seja o ritmo, o transcurso temporal das mudanças, elevações e quedas da quantidade de estímulos; não o sabemos (Freud, 1924, pp. 186-187).

Nesta citação, Freud coloca claramente que o ponto de vista quantitativo da excitação não é suficiente para definir o que é prazer e o que é desprazer. Há de se considerar um fator qualitativo da excitação. O fenômeno clínico do masoquismo é um bom exemplo de como o aumento da excitação, que são da ordem da dor ou do desprazer, podem ser vividos como um prazer. Em *Esboço de psicanálise* (1940 [1938]/1980), Freud retoma este ponto dizendo que “É provável, contudo, que aquilo que é sentido como prazer ou desprazer não seja a altura absoluta dessa tensão, mas sim algo no ritmo das suas modificações”(p. 144).

Segundo Rudge (1998), Freud em *O problema econômico do masoquismo* “deixa no ar a hipótese de que talvez se possam relacionar as sensações de prazer e desprazer ao ritmo nos aumentos e diminuições de tensões, introduzindo um fator temporal, mas essa hipótese não é desenvolvida” (p. 20). Assim, após os artigos de 1920 e 1924, o princípio do prazer passa a ser entendido como um dos princípios que regem o funcionamento do aparelho psíquico, na qual a atividade psíquica tem por objetivo evitar o desprazer e proporcionar o prazer, independente do fator quantitativo da excitação. Sendo assim, é possível que em um funcionamento dominado pelo princípio do prazer haja uma elevação da quantidade de excitação, desde que este aumento produza sensações de prazer.

Admitido isso, Freud ainda em *O problema econômico do masoquismo* repensa a comparação entre princípio do prazer e princípio do Nirvana feita em 1920. Ele tinha reconhecido naquele texto, que ambos os princípios evidenciam a tendência do aparelho psíquico em diminuir, manter constante ou abolir a quantidade de excitação que lhe chegam. A semelhança entre estes princípios se deve ao fato de Freud ter reconhecido que a tendência do princípio do prazer (buscar prazer e evitar o desprazer) também tinha como aspecto econômico a redução das tensões a zero, ou ao menos, mantê-la a mais baixa possível, o que em última análise levaria o organismo ao estado inorgânico, assim como o princípio do Nirvana. Caropreso e Simanke (2011) relembram que Freud afirma em 1920:

que o princípio do prazer seria uma “tendência” à serviço de uma “função” (o princípio de Nirvana) e que ambos participariam da aspiração mais universal de todo o ser vivo de voltar para trás, até o repouso do mundo inorgânico; em suma, ambos os princípios estariam diretamente a serviço das pulsões de morte (p. 139).

Mas como vimos em *O problema econômico do masoquismo*, o princípio do prazer não visa necessariamente à diminuição da tensão. Portanto, Freud reconhece que os princípios devem ser diferenciados, ele propõe que o princípio do Nirvana pertença à pulsão de morte e que sob a ação da pulsão de vida (a libido) se modifique em princípio do prazer. A relação entre os princípios que regem o psíquico e as pulsões fica assim estabelecida:

Assim chegamos a uma pequena, mas interessante cadeia de relações: o princípio do Nirvana exprime a tendência do instinto de morte, o princípio do prazer representa a reivindicação da libido, e a modificação dele, o princípio da realidade, a influência do mundo externo (Freud, 1924/2011, p. 187).

A relação que Freud estabelece parece nos permitir dizer que o princípio de Nirvana é o princípio originário e que estaria diretamente a serviço da pulsão de morte. Na sequência, apesar de não ser compreensível como a libido pode operar uma modificação no princípio de Nirvana e transformá-lo em princípio do prazer, Freud afirma que a pulsão de vida conquistaria sua parte na regulamentação dos processos vitais juntamente com a pulsão de morte. E, por fim, o mundo externo imporá ainda uma modificação no princípio do prazer, transformando-o em princípio de realidade.

Caropreso e Simanke (2011) também apontam que a relação entre estes princípios parece implicar claramente a precedência da pulsão de morte sobre a pulsão de vida. Acompanhando o raciocínio destes autores é possível argumentar que, se o princípio de Nirvana – manifestação da pulsão de morte – é o princípio originário, então, de início, apenas essa pulsão estaria em ação no organismo. E se o princípio do prazer – resultado da modificação do princípio de Nirvana – representa a pulsão de vida, isso implica dizer que a pulsão de morte deve ser considerada como mais originária do que a pulsão de vida, de modo que a dualidade primária entre as duas classes de pulsões fica abalada. Ainda segundo estes autores, essas colocações parecem “conduzir à hipótese de que a pulsão de morte está por trás de todos os processos psíquicos e introduz o problema de por que a vida se teria afirmado a despeito dessa tendência originária para a morte, na ausência de um princípio igualmente originário que se lhe opusesse” (Caropreso & Simanke, 2011, p. 142). No entanto, em nenhum momento Freud reconhece essas evidências, seu discurso sempre defende que ambas as classes de pulsões são igualmente originárias.

A relação entre os princípios e as pulsões se apresenta como um embaraço na teoria,

pois ela deixa ainda mais conflituosa a afirmação de Freud de que ambas as classes pulsionais são primárias. Somado ao fato de Freud ter desconsiderado o caráter conservador da pulsão de vida, estas colocações aumentam as dificuldades em afirmar a primariedade da pulsão de vida, e com isso, parece que a hipótese do segundo dualismo mantém-se problemática.

3.2 Os representantes da pulsão de morte

No primeiro capítulo desta dissertação, apontamos que Freud supõe que o componente sádico da pulsão sexual poderia indicar um representante da pulsão de morte, mas esta questão não é problematizada no artigo *Além do princípio do prazer*. Freud retoma em *O eu e o id* (1923/2011b) esta questão. Seu discurso resgata a especulação em torno do surgimento dos organismos pluricelulares¹⁴ admitindo que o êxito destas novas formas de vida se deve à ação das pulsões de vida, que neutralizam parcialmente a pulsão de morte, desviando seus impulsos destrutivos para o mundo externo. Seguindo esta hipótese, ele destaca que a pulsão de morte “se manifestaria então – mas provavelmente só em partes – como instinto de destruição voltado para o mundo externo e outras formas de vida” (Freud, 1923/2011b, p. 51).

Fazendo um parêntese, observamos que nestas colocações Freud se refere à formação de seres simples, ou seja, nestes seres primitivos supostamente não haveria a constituição de um psíquico. O que reforça a hipótese da originariedade das pulsões em relação à formação do aparelho psíquico. Essas colocações de 1923 parecem conciliar com a reformulação da noção de pulsão de 1920, na qual a pulsão passa a ser algo inerente ao orgânico. Caropreso e Simanke (2011) salientam que a pulsão após 1920 “não mais se restringe a um processo ou mecanismo exclusivo da vida mental, mas é caracterizada como algo muito anterior ao surgimento desta, ou seja, como esse esforço, que surge com a própria vida, de reproduzir uma condição anterior, mais recuada no tempo e mais primordial” (p. 128).

Continuando com nossas reflexões, notamos que foi com base na especulação sobre a formação de seres pluricelulares, que Freud consegue formular um derivado da pulsão de morte. Segundo Freud, pulsão de vida e pulsão de morte estão no interior de cada célula. A união entre as células ocorre mediante a ação das pulsões sexuais que, ao se unirem, inibem

¹⁴Esta especulação está presente no artigo *Além do princípio do prazer*. Freud transpõe a teoria da libido à relação das células entre si, imaginando que a ação das pulsões de vida, atuante em cada célula, neutralize e direcione para o mundo externo boa parte das pulsões de morte.

parte da ação da pulsão de morte desviando-a para o meio externo na forma de pulsão agressiva. Para Freud a pulsão agressiva e o ódio característico desta, satisfazem a necessidade de um representante da pulsão de morte, de tão difícil apreensão. Podemos apontar que o sadismo, assim como a pulsão agressiva correspondem à pulsão de morte direcionada para os objetos externos, isto é, sadismo e pulsão agressiva são representantes da pulsão de morte.

Um passo tão importante quanto apresentar os representantes da pulsão de morte foi Freud ter evidenciado como essa pulsão é tratada no organismo. No artigo *O ego e o id* ele aponta três caminhos para a pulsão de morte: parte dela se une à pulsão sexual e pode permanecer no interior do organismo de forma inofensiva ou pode ser desviada para fora como agressão ou destruição. A terceira parte da pulsão de morte não se funde com a pulsão de vida, e prossegue silenciosamente sem obstáculos conduzindo o organismo à morte. Em *O problema econômico do masoquismo* (1924/2011) Freud expõe estes caminhos de modo mais claro, o que nos permite reconhecer que a parte da pulsão de morte que foi externalizada como agressão é o sadismo e a outra parte que ficou no interior do organismo e que foi considerada inofensiva corresponde o masoquismo primário.

O que podemos depreender do exposto acima, é que Freud admite o masoquismo erógeno em 1924. Vimos que em 1923 a parte da pulsão de morte que fica no interior do organismo e em união com a pulsão de vida é considerada inofensiva, e em 1924 essa mesma parte é referida ao masoquismo primário. Essa relação não está explícita nos argumentos de Freud, mas ao compararmos os três destinos da pulsão de morte, apresentado em *O eu e o id*, com a descrição do sadismo e do masoquismo em *O problema econômico do masoquismo*, essa relação se torna evidente. O fato de Freud dizer em 1924 que o masoquismo primário age de forma silenciosa torna ainda mais consistente à hipótese de sua equivalência com a parte da pulsão de morte que foi considerada inofensiva quando unida a pulsão de vida no texto de 1923.

Laplanche e Pontalis (1982/2001) ressaltam que a existência de um masoquismo primário só foi admitido por Freud depois de colocada a hipótese da pulsão de morte. Em 1920 Freud afirma que tanto o masoquismo quanto o sadismo são primários. A nosso ver, o reconhecimento da primariedade do masoquismo foi resultado das reflexões que levaram Freud a apresentar os três destinos da pulsão de morte. Dessa reflexão, Freud reconhece que originalmente há o masoquismo, e o sadismo é o resultado da externalização de parte da

pulsão de morte em união com a pulsão de vida. Assim, em *O problema econômico do masoquismo* Freud apresenta a ideia do masoquismo primário desfazendo a noção de que o sadismo também seria primário e o masoquismo adviria como decorrência. Andrade (2011) também aponta que, apesar da noção de masoquismo primário ter sido introduzida em 1920, é em *O problema econômico do masoquismo* que Freud “inverte a sequência mantida até “Uma criança é espancada”, e a primazia passa a ser atribuída ao masoquismo, tomando-se o sadismo uma expressão secundária daquela agressividade libidinalmente investida” (Andrade, 2011, pp. 61-62).

No início desta subseção, apontamos que Freud afirma que as pulsões encontram-se no interior de cada célula. Este é um ponto muito debatido por ele. No artigo *Além do princípio do prazer* vimos Freud formular a hipótese da união entre as pulsões tendo como base a teoria do fisiologista E. Hering, que afirmara que na substância viva operam ininterruptamente dois tipos de processos que estão em direções opostas — uns construtivos, anabólicos, os outros destrutivos, catabólicos. Em *O eu e o id* ele retoma essa hipótese ao afirmar que:

A cada uma dessas duas espécies de instintos estaria associado um processo fisiológico especial (assimilação e desassimilação [anabolismo e catabolismo]), em cada fragmento de substância viva estariam ativas as duas, mas em mistura desigual, de modo que uma substância poderia assumir a principal representação de Eros (Freud, 1923/2011, p. 51).

Nesta citação, notamos que Freud propõe que em cada célula existam tanto pulsão de morte quanto pulsão de vida, mas as misturas destas pulsões estariam em proporções diferentes e variariam de uma célula para a outra. Assim, se em algumas células é Eros quem assume maior autonomia, também podemos supor que em outras células é a pulsão de morte quem se sobressai. Parece que é este o raciocínio de Freud em *O problema econômico do masoquismo*. Neste artigo de 1924, ele mantém a hipótese da existência das duas classes de pulsões no interior de cada célula e ressalta que mesmo que seja desconhecido o modo como as pulsões se misturam, essa união sucede regularmente e em larga medida. Como evidenciado na seguinte passagem:

Não temos nenhuma compreensão fisiológica dos meios e vias pelos quais pode-se efetuar esse amansamento do instinto de morte pela libido. No âmbito de ideias da psicanálise, podemos supor apenas que ocorre entre as duas espécies de instintos uma extensa mescla e amálgama, variável em suas proporções, de maneira que não devemos contar com puros instintos de morte e de vida, mas apenas com misturas

deles em graus diversos (Freud, 1924/2011, pp. 191-192).

No início desta citação Freud reafirma que as classes de pulsões encontram-se juntas e em diferentes proporções no interior de cada célula. É com base nesta hipótese que Freud propõe formular explicações para toda a variabilidade de fenômenos da vida psíquica. É por isso que ele diz que não haveria como encontrar pulsão de morte e pulsão de vida em suas formas puras, apenas misturadas em diversos graus, assim, a vida é uma constante luta entre essas classes de pulsões. Essa hipótese também é encontrada na *Conferência XXXII* (1933/2010b), neste texto Freud considera que a mistura das duas espécies de pulsões, é uma relação modelar, ou seja:

todos os impulsos que estudamos consistem de tais misturas e fusões das duas espécies de instintos. Isso nas mais diversas proporções, naturalmente. Os instintos eróticos introduziriam a variedade de suas metas sexuais na mistura, enquanto os outros admitiriam apenas atenuações e gradações de sua monocórdica tendência (Freud, 1933/2010b, p. 254)

Em *Esboço de psicanálise* (1940 [1938]/1980) Freud também aponta que as modificações nas proporções da união entre as pulsões apresentam os resultados mais tangíveis. Segundo ele, “Um excesso de agressividade sexual transformará um amante num criminoso sexual, enquanto uma nítida diminuição no fator agressivo torná-lo-á acanhado ou impotente” (p. 147), ou seja, para cada evento psíquico seria possível indicar qual classe de pulsão estaria se sobressaindo.

Mas em *O problema econômico do masoquismo*, Freud também insiste em afirmar que as classes de pulsões poderiam estar em estado de desunião. Segundo ele, “À agregação dos instintos corresponde, sob determinadas influências, uma desagregação dos mesmos. Não é possível saber, atualmente, a extensão das partes dos instintos de morte que, pela ligação a acréscimos libidinais, escapam a este amansamento” (Freud, 1924/2011, p. 192). No artigo *O eu e o id*, ele também argumenta que “havendo admitido a concepção de uma mescla [ou junção] das duas espécies de instintos, impõe-se-nos a possibilidade de uma — mais ou menos completa — disjunção desses instintos” (Freud, 1923/2011b, p. 51). Segundo ele, neste artigo de 1923, o sadismo que se tornou independente como perversão parece caracterizar o modelo de uma desunião, pois em uma perversão sádica não importa se haverá prazer sexual, o prazer está em causar a dor.

Apesar de Freud, em alguns momentos, apontar que as classes de pulsões poderiam atuar

isoladamente uma da outra, ele não problematiza essa questão. Hanns (1999) comenta que são vagas e raras as referências de Freud aos momentos de um eventual escape da pulsão de morte da fusão com a pulsão de vida. Assim, apesar de Freud insistir que haveria pulsão de vida e pulsão de morte em suas formas puras, isto é, independente uma da outra, ele não apresentou evidências conclusivas que sustente esta hipótese.

O que concluímos a respeito destas discussões é que quando Freud fala de desunião e desagregação, em um primeiro momento entendemos que pulsão de vida e pulsão de morte podem atuar de forma independente, isto é, uma isolada da outra. Mas acompanhando sua argumentação, notamos que desunião para Freud não significa separação. Parece que o que Freud está dizendo é que existe uma relação de autonomia entre a pulsão de vida e pulsão de morte, ou seja, quando ele diz que não há como saber quanto de pulsão de morte escapa do amassamento da pulsão de vida, entendemos que há formas de união entre essas pulsões em que o componente de destruição é mais forte do que o componente libidinal.

Na citação acima, retirada do artigo de 1924, fica evidente o modo como Freud se refere ao termo desagregação. Naquela citação, ele diz que existem partes da pulsão de morte que mesmo ligadas à libido escapam do amansamento. Nestes casos, a pulsão de morte terá autonomia sobre a pulsão de vida. Assim, ressaltamos que há uma relação de autonomia entre as classes pulsionais, isto é, tanto uma classe de pulsão quanto a outra podem ter autonomia dentro da célula, isso dependerá da quantidade de cada classe de pulsão que a célula carrega. Portanto, dizer que pulsão de vida e pulsão de morte são autônomas significa que enquanto em algumas células haveriam mais concentração da pulsão de vida, em outras células haveriam menos quantidade da pulsão de vida. Essas colocações parecem poder ser conciliadas com a hipótese da energia deslocável apresentada por Freud no artigo *O eu e o id*. Nagera (1970) resalta que Freud trabalha com três tipos de energias: a energia libidinal, a energia agressiva e a energia neutra. Ele aponta que:

O equilíbrio de energias libidinais e agressivas fundidas ainda conhece uma outra vicissitude e pode ser modificado por outros meios que não a proporção das pulsões instintuais. Em suas formulações sobre energias neutralizadas, Freud assinalou que a energia deslocável, a qual, neutra em si mesma, pode ser adicionada a um impulso erótico ou destrutivo e aumentar a sua catexia total (Nagera, 1970, p. 83).

Até o momento, constatamos que o sadismo e o masoquismo foram apontados por Freud como representantes da pulsão de morte. Embora, nenhum deles indica a existência da pulsão de morte em seu estado puro. Todos são constituídos pela união entre pulsão de vida e pulsão de morte, sendo que, esta última pulsão tem maior autonomia. Também evidenciamos que o supereu tem sua ação vinda da pulsão de morte.

Este ponto é discutido mais adiante. Freud também consegue algum avanço quanto à primariedade das pulsões, ao apontar que no interior de cada fragmento de substância viva estariam ativas as duas classes pulsionais. Podemos também apontar que Freud elucida o estado puro da pulsão de morte, mesmo que de modo superficial, ao reconhecer que parte desta pulsão não se funde com a pulsão de vida, e prossegue silenciosamente e sem obstáculos o seu trabalho de conduzir o organismo à morte.

No artigo *O mal-estar na civilização* (1930/2010) Freud, em certa medida, complementa as formulações do texto de 1920.

3.3 O segundo dualismo em O mal-estar na civilização

Em *O mal-estar na civilização* (1930/2010), Freud mostra a problemática conciliação entre as exigências pulsionais e as imposições da cultura e, assim, dá continuidade as hipóteses anteriormente formuladas sobre a disputa entre Eros e pulsão de morte pela regulação dos processos vitais. Freud questiona neste texto, que a restrição das pulsões imposta pela civilização é um dos motivos pelos quais o homem não pode ser plenamente feliz e o motivo de não poder haver harmonia entre as exigências da cultura e do indivíduo. Segundo ele “é impossível não ver em que medida a civilização é construída sobre uma renúncia instintual, o quanto ela pressupõe justamente a não-satisfação (supressão, repressão, ou o quê mais?) de instintos poderosos” (Freud, 1930/2010, p. 60).

É no meio cultural que a pulsão de morte ganha expressão, sua exteriorização como pulsão agressiva alavanca a rivalidade e o ódio entre os grupos. Nakasu (2009) comenta que a “o conceito de pulsão de morte só se desenvolve e só tem melhores condições de ser elucidado no domínio das relações que os homens estabelecem com seus semelhantes” (p. 189). Assim, a hostilidade entre os homens encontra-se também contrária a todo o processo de civilização. Para Freud, a inclinação do homem para a agressão é um fator que perturba o relacionamento social e força a civilização a um elevado dispêndio de energia.

Neste artigo de 1930, Freud reafirma a questão da autonomia das pulsões e também reconhece que não há como negar a existência da pulsão de morte em seu estado puro. É neste artigo que Freud sugere que a pulsão de morte poderia aparecer sem qualquer objetivo sexual, isto é, em estado puro, como fica claro na passagem:

Reconheço que no sadismo e no masoquismo sempre vimos as manifestações, fortemente mescladas com o erotismo, do instinto de destruição voltado para fora e para dentro, mas já não entendo que pudéssemos ignorar a onipresença da agressividade e destrutividade não erótica, deixando de lhe conceder o devido lugar na interpretação da vida. (A ânsia de destruição voltada para dentro se subtrai geralmente à percepção, é verdade, quando não é tingida eroticamente (Freud, 1930/2010, p. 87).

Nesta passagem parece que Freud retorna à hipótese de que além da pulsão de morte se evidenciar na forma de sadismo e de masoquismo, há uma terceira parte desta pulsão que não está mesclada com a pulsão de vida. Vimos que ele comenta sobre a pulsão de morte em estado puro no artigo *O eu e o id* (1923/2011b).

Em *O mal-estar na civilização*, Freud parece reconhecer que a teoria do segundo dualismo pulsional progrediu embora os argumentos em torno deste dualismo fossem frágeis. Neste artigo de 1930 ele afirma que no começo expôs apenas tentativas de evidenciar a pulsão de morte, mas com o passar do tempo, a concepção de uma pulsão de morte ganhou considerável expressão. Observamos que em *O mal-estar* Freud está convicto da onipresença da pulsão de morte, segundo ele “o pendor à agressão é uma disposição de instinto original e autônoma do ser humano, e retorno ao que afirmei antes, que a civilização tem aí o seu mais poderoso obstáculo” (1930/2010, p. 90).

Segundo Nagera (1970), em *Além do princípio do prazer*, Freud interessou-se em explicar o funcionamento da pulsão de morte dentro do organismo. Mas em trabalhos posteriores, voltou sua atenção para o modo como ela é direcionada para o mundo externo, tornando-se manifesta na forma de agressividade. Notamos que após reconhecer que a pulsão de morte é exteriorizada como pulsão destrutiva, Freud aponta uma série de fatos em que tal pulsão se coloca como base. A nosso ver, a investigação cultural permite a Freud ampliar os exemplos de atuação da pulsão de morte e de reunir mais dados para validar sua hipótese. Baldi (2009) comenta que:

O desafio tornou-se observar a ação das pulsões de morte já que as pulsões de vida eram facilmente identificadas; e foi esse o ponto em que tornou-se expressamente necessária uma maior ampliação da teoria freudiana do sujeito para a cultura, porque era, justamente na sua expressão para o exterior em forma de agressividade e destrutividade, que as pulsões de morte podiam ser apontadas com maior facilidade (p. 101).

Em *O mal-estar na civilização*, a discussão entre pulsão de vida e pulsão de morte

ganha maior proporção, pois Freud aponta que a luta psíquica entre essas pulsões reflete a luta do homem contra a civilização. Segundo ele, a civilização está a serviço de Eros, ela tende a unir os indivíduos isolados com o objetivo de formar uma grande multidão humana. Para este feito, os indivíduos são ligados libidinalmente entre si. Contrário à civilização e a Eros está a pulsão de morte que, na forma de pulsão destrutiva, visa desunir as massas.

Observamos que, no artigo *O mal-estar na civilização*, o discurso de Freud a respeito da pulsão de morte está bem mais assertivo comparado aos artigos anteriores em que este tema é abordado. Enquanto que nos artigos posteriores Freud se esforça para garantir a pulsão de morte em estado independente, no artigo de 1930 ele afirma que a onipresença da agressividade e destrutividade não erótica (isto é, a pulsão de morte em estado puro) são inquestionáveis. Mas qual é o evento ou fenômeno que possibilitou a Freud mudar seu posicionamento em relação à pulsão de morte?

3.4 O masoquismo e a pulsão de morte

Em *O problema econômico do masoquismo*, Freud chama nossa atenção para o fato de que se os processos psíquicos fossem governados de modo que seu primeiro objetivo fosse a evitação do desprazer e a obtenção do prazer, isto é, sob o domínio do princípio do prazer, o masoquismo seria incompreensível. Colocando o masoquismo em primeiro plano, parece que o princípio de prazer perde seu posto de guardião da vida psíquica, pois a dor e o desprazer perdem seu sentido de alarme para ser o objetivo final da pulsão. Mas essa é apenas a impressão inicial de Freud. Temos que considerar que na sequência deste artigo de 1924, ele reconhece que o princípio do prazer consiste em evitar o desprazer e proporcionar o prazer, independente do fator quantitativo da excitação. O que tornou possível afirmar que no funcionamento dominado por este princípio possa ocorrer uma elevação da quantidade de excitação (isto é, a dor), desde que este aumento produza sensações de prazer. Sendo assim, o masoquismo não se coloca como um problema para o princípio do prazer, pois como apontamos, neste princípio é possível que ocorra o prazer em conjunto com a dor. Neste caso, Freud conclui que “não se pode recusar a denominação de guardião da vida para o princípio do prazer” (p. 187).

A dificuldade inicial de compreender a tendência masoquista, como aponta Fortes (2007), é a coexistência do prazer com a dor, isto é, um prazer que está associado ao aumento da tensão de estímulos. Na visão de Rosenberg (2003) essa característica do masoquismo

erógeno é essencial na preservação da vida do organismo. Este masoquismo constitui o núcleo do eu e assegura à continuidade da excitação, evitando deste modo a necessidade de uma descarga absoluta e imediata, que em outras palavras representaria a morte do organismo. Para este autor, o masoquismo nos aparece como um grande perigo quando o prazer está, exclusivamente, na excitação dolorosa. Os casos de anorexia e mutilações exemplificam o masoquismo erógeno patológico, no qual a satisfação masoquista inibe a ação da pulsão de vida e de autoconservação, tornando-se profundamente ameaçadora.

Retomando ao artigo de 1924, Freud além de descrever o masoquismo primário (prazer vindo da dor), ele coloca outras duas formas: masoquismo feminino (condição de submissão) e masoquismo moral (necessidade de punição). O masoquismo erógeno/primário está na base das duas outras formas. Vimos, em alguns parágrafos anteriores, Freud situar o masoquismo primário na psique retomando à especulação em torno do surgimento dos organismos pluricelulares, assim, masoquismo primário corresponde a parte da pulsão de morte que foi fundida à libido mas que não foi direcionada para o mundo externo, sendo então, o próprio masoquismo do eu (masoquismo predominantemente inconsciente que procura ser punido pelo supereu ou por poderes externos).

Retornando a pergunta do final da subseção anterior: o que levou a Freud concluir que a pulsão de morte trabalha de forma independente, isto é, isolada da pulsão de vida? Freud ao legitimar a noção de masoquismo erógeno ressalta que este fenômeno é a prova da união primária entre as pulsões, isto é, evidencia uma época primária na qual o eu é o objeto libidinal. Nagera (1970) comenta que se subtrairmos o componente erótico do masoquismo temos aí um testemunho de que existe uma tendência primária que tem por objetivo a própria destruição do organismo. Este autor ainda ressalta que para fins práticos, o masoquismo erógeno deve ser entendido como sendo idêntico à pulsão de morte. Apesar de não estar explícito em suas argumentações, parece que a noção de masoquismo erógeno encoraja Freud a afirmar a existência da pura pulsão de morte. Mas a nosso ver, esta noção evidencia apenas que a pulsão de morte, assim como também a pulsão de vida são primárias. Não nos parece possível inferir desta noção o estado puro da pulsão de morte.

Diferente das demais formas, em que há uma satisfação associada ao sofrimento infligido pelo objeto sexual, no masoquismo moral essa relação próxima com a sexualidade é atenuada. Segundo Freud “O que importa é o sofrimento mesmo; se ele é infligido por uma pessoa amada ou outra qualquer não faz diferença; pode ser causado também por poderes ou circunstâncias impessoais, o verdadeiro masoquista sempre oferece a face quando vê perspectiva de receber uma bofetada” (Freud, 1924/2010, p. 194).

Freud associa o masoquismo moral ao sentimento de culpa inconsciente devida a esta forte necessidade de punição. Ele constatou na reação terapêutica negativa que o sujeito tem um ganho com a doença ou sofrimento. O sujeito não reconhece que o estabelecimento do sofrimento tem como causa a necessidade de punição. Para o sujeito não importa qual é a forma do sofrimento, uma pode ser substituída por outra, o que importa é a conservação do estado de sofrimento.

Em *Além do princípio do prazer* (1920/2010), acompanhamos a argumentação de Freud na exposição do conceito de pulsão de morte e em seguida, no texto *O eu e o id* (1923/2011b), vimos este conceito ser articulado com outro, o supereu. Neste segundo texto, ao retomar o estudo sobre a melancolia Freud descobre a relação entre a disjunção pulsional e o supereu. Essa relação é mencionada na seguinte passagem:

Voltando-nos primeiro para a melancolia, vemos que o Super-eu extremamente forte, que arrebatou a consciência, arremete implacavelmente contra o Eu, como se tivesse se apoderado de todo o sadismo disponível na pessoa. Seguindo nossa concepção do sadismo, diríamos que o componente destrutivo instalou-se no Super-eu e voltou-se contra o Eu. O que então vigora no Super-eu é como que pura cultura do instinto de morte, e de fato este consegue frequentemente impelir o Eu à morte, quando o Eu não se defende a tempo de seu tirano, através da conversão em mania (Freud, 1923/2011b, pp. 66-67).

Na melancolia fica explícita à severidade do supereu sobre o eu. A ação do supereu revela a tendência à destruição e ao retorno do orgânico ao inorgânico, aspecto mais primitivo e originário da pulsão de morte. Assim, o supereu daria mostras do aspecto inapreensível das pulsões em estado bruto, colocando em evidência o estado mais irrepresentável das pulsões de morte, sua cultura pura, como comenta Nakasu (2012). Essa autora enfatiza ainda que “ao imprimir a morte no eu, o supereu concretizaria a tendência inerente às pulsões de morte, nos oferecendo uma mostra de atuação desta classe de pulsão” (2012, p. 475).

Em *O eu e o id* vimos que Freud fala de um supereu sádico ao relacionar esta instância à pulsão de morte. Ele aponta que o supereu tem sua força intensificada com o retorno da pulsão de destruição¹⁵ que foi impedida de externalização. Vale ressaltar que o masoquismo moral não é o mesmo que o sadismo do supereu. Como visto, este último é como uma extensão inconsciente da moralidade, caracterizada pela submissão do eu ao supereu sádico.

15 O retorno da pulsão de destruição que não pode ser externalizado como sadismo é o que Freud chama de masoquismo secundário. Parte deste é sobreposto ao masoquismo primário (masoquismo do eu), enquanto outra parte é tomada pelo supereu, intensificando seu sadismo.

No masoquismo moral, o sadismo do supereu e o masoquismo do eu (masoquismo primário) complementam-se e produzem as mesmas consequências, o sentimento de culpa. Freud coloca então que:

A volta do sadismo contra a própria pessoa acontece regularmente na repressão cultural dos instintos, que impede que boa parte dos componentes instintuais destrutivos da pessoa tenham aplicação na vida. Pode-se imaginar que esta porção reificada do instinto de destruição surja no Eu como uma intensificação do masoquismo. Mas os fenômenos da consciência [moral] levam a supor que a destrutividade que retorna do mundo exterior também é acolhida pelo Super-eu sem tal transformação, e eleva o sadismo deste para com o Eu. O sadismo do Super-eu e o masoquismo do Eu complementam um ao outro e se juntam para produzir as mesmas consequências. Apenas assim, creio, pode-se compreender que da repressão instintual resulte — com frequência ou em todos os casos — um sentimento de culpa, e que a consciência venha a ser mais severa e mais sensível quando o indivíduo mais se abstém da agressão a outros (Freud, 1924/2011, p. 201).

Em *O mal-estar na civilização* (1930/2010), o caráter cruel do supereu é melhor elucidado. Para entender como esta instância consegue ser tão dura com o eu, voltamos ao processo de identificação. Segundo Freud, toda identificação tem o caráter de uma dessexualização e de uma disjunção pulsional. Assim, após a dessexualização, o componente erótico perde força e não consegue se vincular a toda a pulsão destrutiva, como consequência ocorre a disjunção pulsional, o eu apodera-se da libido dessexualizada e a pulsão de morte é direcionada para o mundo externo como inclinação agressiva ou destrutiva, caracterizando o sadismo.

Porém, parte do sadismo é impedido de se exteriorizar. Em *O mal-estar na civilização* Freud reconhece que parte da pulsão de destruição sofre repressão da civilização que exige a renúncia da agressividade. Mas como a civilização consegue inibir as pulsões do homem e, ainda, o que sucede nele, que torna inofensivo o seu gosto em agredir? Segundo Freud, um mecanismo central que garantiria a manutenção da civilização diante das pulsões de morte seria a interiorização da agressão que o eu teria gostado de satisfazer sobre os outros. A agressividade seria assumida por uma parte do eu – o supereu – que, como consciência moral, se colocaria contrária ao restante do eu. A esta pressão exercida pelo supereu, Freud denominou sentimento de culpa, o qual se expressaria na necessidade de punição. Deste modo, com a instauração do supereu, o qual vigiaria o eu todo o tempo, a civilização controlaria parte da pulsão agressiva que a ameaçaria. Como observa Nakasu (2007):

O superego entra em cena no contexto da discussão sobre as ameaças que a pulsão de morte impõe à cultura e os recursos de que esta última dispõe para evitar sua dissolução. Ele será o grande parceiro da civilização em sua luta contra este grupo de pulsões (p. 224).

Para Freud, o preço para o desenvolvimento cultural seria pago com a impossibilidade de satisfazer as exigências pulsionais, o que causaria uma intensificação do sentimento de culpa. Em *O mal-estar na civilização* fica claro qual é a relação entre a renúncia pulsional e o sentimento de culpa. Para entender essa relação, voltamos um pouco na discussão para entendermos como surge o sentimento de culpa.

3.5 Pulsão de morte e o sentimento de culpa

O sentimento de culpa surge quando a pessoa comete um ato reconhecido como mau. Mas só a intenção de executar este ato também gera o sentimento de culpa, ou seja, a intenção é comparada à execução. Como isso se torna possível? Antes dessa questão devemos perguntar como a pessoa adquire o juízo do que é bom ou mau? Em um pequeno artigo de 1925, nomeado *A negação*, Freud explica que: “Julgar é uma continuação coerente da inclusão no Eu ou expulsão do Eu, que originalmente se dava conforme o princípio do prazer” (Freud, 1925/2011, p. 281). Isto é, o eu introjeta tudo o que é bom e exclui tudo o que é mau, ou seja, o eu acolhe, afirma (ação de unir da pulsão de vida) o que é bom e expulsa, nega (ação de desunir da pulsão de morte) o que é mau. Nestas colocações, fica claro que a diferença do que é mau ou bom não é algo natural, isto é, para Freud, o homem não nasce dotado desse saber. Essa diferenciação é mediada pela influência da pessoa amada que é vista como uma autoridade será ela que determinará o que é bom ou mau. Dizendo de outro modo, Freud defende que a ameaça da perda do amor e, conseqüentemente, da proteção da pessoa amada faz com que o sujeito se submeta a essa influência externa. Portanto, no pensamento freudiano, “o mal é aquilo devido ao qual alguém é ameaçado com a perda do amor, por medo dessa perda é preciso evitá-lo” (1930/2010, p. 94).

Com a internalização da autoridade na forma de superego o desejo de destruição é contido. Por isso, Freud coloca que não importa se a infração foi cometida ou apenas intencionada, em ambos os casos o perigo para o sujeito aparece, quando o ato reconhecido

como mau é descoberto pela autoridade, seja ela interna ou externa. Portanto, o supereu é de grande valia para os objetivos da civilização. Freud atribuí, então, duas origens para o sentimento de culpa: primeiro surge do medo da autoridade parental e depois do medo ante o supereu. A severidade do supereu é a continuação do rigor da autoridade parental.

Deste modo, podemos entender qual é a relação entre a renúncia pulsional e o sentimento de culpa. Originalmente a renúncia dos desejos pulsionais é resultado do medo da autoridade externa “renuncia-se a satisfação para não perder o seu amor” (1930/2010, p. 97). Depois, com a constituição do supereu, essa renúncia passa a ser imposta pelo supereu. No entanto, no caso do medo ante o supereu a renúncia pulsional não é suficiente, pois o desejo persiste e não pode ser escondido do supereu. Freud ressalta que “O medo do infortúnio que ameaça a partir de fora (perda do amor da autoridade externa) é tratado por uma permanente infelicidade interna, a tensão da consciência de culpa” (Freud, 1930/2010, p. 63). Freud conclui que há uma sequência temporal “primeiro, renúncia instintual devido ao medo à agressão da autoridade externa — pois a isso equivale o medo ante a perda do amor, o amor protegendo dessa agressão punitiva —, depois, estabelecimento da autoridade interna, renúncia instintual devido ao medo a ela, medo da consciência” (Freud, 1930/2010, p. 98).

Qual é o efeito da renúncia pulsional para a consciência? Considerando a renúncia da pulsão destrutiva, Freud diz que a pulsão destrutiva não satisfeita é acolhida pelo supereu¹⁶ e aumenta a agressividade deste com o eu. A relação entre o supereu e o eu (evidenciada pelo sentimento de culpa) é o retorno, deformado pelo desejo, de relações reais entre o eu ainda não dividido (o id) e um objeto externo. Freud então diz que o sentimento de culpa é expressão do conflito de ambivalência, da luta entre pulsão de vida e pulsão de morte ou de destruição. Este conflito é atizado quando os homens buscam o desafio de viver em comunidade. Segundo ele:

enquanto essa comunidade assume apenas a forma da família, ele [*o sentimento de culpa*] tem de se manifestar no complexo de Édipo, instituir a consciência, criar o

16 Neste momento da obra freudiana, o aparelho psíquico já está estruturado em id, eu e supereu. Freud está se referindo aos processos que ocorrem ao longo do desenvolvimento do indivíduo. A formação da inclinação agressiva do supereu não tem nada a ver com a volta da pulsão destrutiva. Vimos que a postura severa do supereu é devido a restrição das primeiras e mais significantes satisfações pulsionais, época em que a criança é obrigada a renunciar a satisfação da agressividade vingativa. Não podendo dirigir sua agressividade contra seus pais, a criança teve que se identificar com as figuras parentais, isto é, com autoridade dessas figuras. O supereu é, então, formado pela identificação com a autoridade parental e é intensificado pela pulsão destrutiva impedida de exteriorização.

primeiro sentimento de culpa. Ao se procurar uma ampliação dessa comunidade, o mesmo conflito prossegue em formas dependentes do passado, é fortalecido e resulta numa intensificação do sentimento de culpa. Como a cultura obedece a um impulso erótico interno, que a faz unir os homens em uma massa intimamente ligada, só pode alcançar esse fim mediante um fortalecimento cada vez maior do sentimento de culpa. O que teve início com o pai se completa na massa. Se a cultura é o curso de desenvolvimento necessário da família à humanidade, então está inextricavelmente ligado a ela — como consequência do inato conflito ambivalente, da eterna disputa entre amor e busca da morte — o acréscimo do sentimento de culpa, talvez a um ponto que o indivíduo ache difícil tolerar (Freud, 1930/2010, p. 104-105; [*acrécimo colocado*]).

Freud considera que a tarefa da civilização de unir os homens em grupos, somente seria possível por meio do reforço sempre crescente do sentimento de culpa. Se a civilização é uma etapa necessária do desenvolvimento desde a família até a humanidade como um todo, diz ele, então, ligado a ela, haveria necessariamente um aumento do sentimento de culpa.

Freud afirma que a energia agressiva da qual imaginamos dotado o supereu dá continuidade a energia punitiva da autoridade externa e também seria a nossa própria agressividade que não tendo encontrado aplicação é voltada para dentro. Em ambas fica evidenciado a agressão dirigida para dentro. Portanto, é por isso que quanto mais o homem inibe sua agressividade mais severa ficará sua consciência e mais implacável será a ação do supereu sobre o eu. A existência desse pendor à agressão, que podemos sentir em nós mesmos e justificadamente pressupor nos demais, é o fator que perturba nossa relação com o próximo e obriga a civilização a seus grandes dispêndios. É devido a essa pulsão de destruição que nos é exigido, que amemos uns aos outros como a nós mesmos. Assim, como coloca Freud:

A civilização tem de recorrer a tudo para pôr limites aos instintos agressivos do homem, para manter em xeque suas manifestações, através de formações psíquicas reativas. Daí, portanto, o uso de métodos que devem instigar as pessoas a estabelecer identificações e relações amorosas inibidas em sua meta, daí as restrições à vida sexual e também o mandamento ideal de amar o próximo como a si mesmo, que verdadeiramente se justifica pelo fato de nada ser mais contrário à natureza humana original (Freud, 1930/2010, p. 78).

A civilização e sua evolução representam para Freud a luta entre pulsão de vida e pulsão de destruição. Essa luta é o conteúdo essencial da vida, e por isso a evolução cultural pode ser designada, brevemente, como a luta vital da espécie humana.

Diante do que foi exposto, Freud em *O mal-estar na civilização*, esclarece que apesar

de alguns teóricos¹⁷ da psicanálise de sua época considerarem que toda a satisfação pulsional reprimida tem por consequência uma elevação do sentimento de culpa, ele ao contrário, reconhece que apenas a pulsão destrutiva quando reprimida produziria tal aumento. A pulsão erótica reprimida apenas elevaria o sentimento de culpa depois de um rodeio, no qual o impedimento da satisfação erótica despertaria um pendor agressivo contra a pessoa que atrapalha a satisfação, e que essa agressividade mesma tem de ser reprimida. Freud conclui disso que “quando uma tendência instintual sucumbe à repressão, seus elementos libidinais se transformam em sintomas, seus componentes agressivos, em sentimento de culpa. Ainda que seja apenas aproximadamente correta, esta frase merece o nosso interesse” (1930/2010, p. 113).

Quando a satisfação é reprimida, o eu introjeta a libido e a pulsão e morte é acolhida pelo supereu. Como exemplo desse processo Freud apresenta os sintomas das neuroses que evidenciam que toda neurose esconde um quê de sentimento de culpa inconsciente, e que por sua vez fortalece os sintomas ao usá-los como castigo. Baldi (2009) comenta que “a civilização ao coibir as pulsões em nome de Eros, acaba por produzir as neuroses e comprometer a si própria, gerando um efeito contrário ao pretendido e trabalhando a favor de Thânatos” (p. 106).

Em *O mal-estar na civilização* fica explícito que na visão de Freud a sociedade fracassa em tentar controlar a pulsão destrutiva do homem. A hipótese de uma pulsão de morte incontável inerente ao homem leva a Freud reconhecer, no texto *Por que a guerra?* (1932/2010), que a guerra é uma prova de que a agressividade não pode ser banida do ser humano e que quando se reprime em excesso essa agressividade, ela se volta contra a própria sociedade. Freud ressalta que “o que retiramos para nossos fins imediatos, das afirmações precedentes, é que não há perspectiva de poder abolir as tendências agressivas do ser humano” (p. 429). Segundo ele, a guerra parece algo próprio da natureza, biologicamente fundamentado e dificilmente evitável na prática.

Freud coloca ainda que a disposição para a guerra seja uma decorrência da pulsão de morte direcionada para fora como pulsão de destruição. Contra ela [guerra], está tudo que produz laços emocionais entre as pessoas. Essas ligações podem ser de dois tipos: primeiro, relações como as que se tem com um objeto amoroso, embora a libido esteja inibida em sua meta. O outro tipo de ligação emocional é o que se dá pela identificação. Tudo que estabelece

¹⁷ Em nota de rodapé Freud (1930/2010) esclarece que está se referindo aos teóricos: Ernest Jones, Susan Isaacs e Melanie Klein.

coisas importantes em comum entre as pessoas produz esses sentimentos comuns, essas identificações. Nelas se baseia, em boa parte, o edifício da sociedade humana.

3.6 Considerações finais

Freud não deixa dúvidas de que o masoquismo e o sadismo representam claramente a ação da pulsão de morte, mas em ambos o trabalho é dividido com a pulsão de vida. São raros os momentos em que Freud apresenta argumentos a favor da independência das pulsões. A respeito da independência da pulsão de vida nada é encontrado. Sobre o estado puro da pulsão de morte, Freud menciona em *O eu e o id*, que uma parte desta pulsão não se une a pulsão de vida e trabalha desimpedida no organismo. Apenas em *O mal-estar* é que encontramos outro argumento semelhante a este. Neste artigo de 1930 ele afirma a existência da pulsão morte totalmente desimpedida da pulsão de vida. Consideramos que esta afirmação feita em 1930 teve como base o que Freud já havia exposto em 1923.

Ao retomar a teoria das pulsões, em *O mal-estar...*, Freud reconhece que a vida civilizada somente é possível graças à inibição, ao menos parcial, das pulsões sexuais e agressivas. A energia das pulsões reprimidas é utilizada para a edificação da cultura, no entanto, essas inibições são fontes de mal-estar inerentes à vida civilizada. Também é no meio cultural, que Freud parece encontrar espaço privilegiado para reunir elementos que lhe permitam reivindicar a universalidade da pulsão de morte.

Segundo Freud, quando a satisfação pulsional é reprimida pela civilização, a libido é introjetada no eu e a parcela destrutiva é acolhida pelo supereu. Mas sempre haverá uma parcela da pulsão de morte que será direcionada para o mundo externo. Essa parcela, segundo Freud, irá gerar os conflitos sociais e promover atos destrutivos, comprometendo o desenvolvimento da civilização. A agressividade que foi acolhida pelo supereu é, então, direcionada para o eu causando o sentimento de culpa. O eu fica submetido a um sentimento de culpa que se expressa na necessidade de punição. Assim, aliada ao supereu, a civilização tenta inibir parte da agressividade que tanto a ameaça, internalizando no indivíduo uma instância que o vigia o tempo todo.

CONCLUSÕES

Em *Além do princípio do prazer* (1920/2010), acompanhamos Freud em um movimento confuso que entrelaça investigações do campo da biologia com as da clínica, na tentativa de sustentar o novo dualismo pulsional. Procuramos, neste trabalho, discutir em que medida Freud consegue sustentar a primariedade e independência das duas classes de pulsões. Ao que tudo indica, Freud procurou formular um dualismo ontológico entre pulsão de vida e de morte, de acordo com os quais, ambas as classes de pulsões estariam presentes desde o início. Sendo que o preço a pagar pela plausibilidade deste segundo dualismo foi a necessária isonomia entre as duas classes pulsionais, ou seja, sua comum originariedade. Assim, manter o dualismo exige a asserção da existência das duas classes de pulsões desde os primórdios (não necessariamente associadas).

No que diz respeito às conclusões alcançadas, o primeiro item a considerar é a reformulação do conceito de pulsão. Com a noção de compulsão à repetição, como essência da pulsão, o entendimento da pulsão se amplia passando a ser considerada como um impulso inerente ao ser vivo de retornar ao estado inicial o qual foi obrigado a abandonar com o surgimento da vida. O primeiro impasse que surge diz respeito à definição do conceito de pulsão. Parece que a pulsão de vida não se encaixa nesta definição. Ao logo da elaboração da teoria pulsional Freud se esforçou em sustentar o caráter conservador desta pulsão, buscando indicar o estado primário, ao qual ela busca retornar. Mas no *Esboço de psicanálise*, texto final de suas escritas, Freud reconheceu que este caráter refere-se apenas à pulsão de morte. Apesar de Freud não ter reconhecido explicitamente isso, esta afirmação dificulta ainda mais o reconhecimento da primariedade das pulsões. Pois se o caráter conservador é atribuído apenas à pulsão de morte, a compulsão à repetição também deveria ser atribuída tão somente a esta pulsão.

Outro agravante na sustentação da primariedade das pulsões é a relação entre os princípios que governam o aparelho psíquico e as pulsões. Em *O problema econômico do masoquismo*, Freud afirma que o princípio do Nirvana (que exprime a tendência da pulsão de morte) experimentou no ser vivo uma modificação, sob a ação da pulsão de vida (libido), que o fez tornar-se princípio do prazer; este último por influência do mundo externo se modificou em princípio da realidade. Esta relação parece claramente implicar que a pulsão de morte é primária em relação à pulsão de vida. Na afirmação de Freud fica claro que a ação da pulsão de vida – vista com a entrada do princípio do prazer – é posterior a ação da pulsão de morte – vista com presença do princípio do Nirvana deste o início. Deste modo, a dualidade primária

entre as duas classes de pulsões fica abalada.

Apesar destas evidências que dificultam a defesa da originariedade da pulsão de vida, Freud sempre afirmou que ambas as pulsões são primárias. Em favor de sua hipótese, desde o artigo *Além do princípio do prazer* seguindo em *O eu e o id* e em *O problema econômico do masoquismo* ele discursa sobre a presença da pulsão de vida e de morte no interior de cada célula (quando fala da união celular). Também em *Análise terminável e interminável* apresenta a similaridade entre sua teoria dualista e à teoria de Empédocles de Agragos. Freud aponta que suas pulsões primárias são, tanto em nome quanto em função, as mesmas que os princípios amor e discórdia de Empédocles.

A nosso ver, é com a noção de masoquismo erógeno que Freud parece de fato tentar sustentar a hipótese das pulsões originárias. Este fenômeno representa a união entre as pulsões na época em que o eu era o objeto original (o narcisismo primário). A noção de masoquismo erógeno (também chamado de masoquismo do eu ou primário) diz respeito ao momento, em que as pulsões se encontram unidas, anteriormente à exteriorização da pulsão destrutiva. Freud retoma a hipótese da união celular no artigo *O problema econômico do masoquismo* descrevendo que as pulsões de vida presente em cada uma destas substâncias se unem e conseguem inibir parte da pulsão de morte, também presente em cada uma delas, desviando-a para o mundo externo. Ao que parece, a questão da primariedade das pulsões continua sendo um impasse na teoria. Pois, apesar de Freud ter introduzido, no artigo de 1924, a noção de masoquismo erógeno (que parece sustentar a pulsão de morte e de vida como primárias), neste mesmo artigo, ele parece deixar bem claro a precedência da pulsão de morte em relação a pulsão de vida quando discursa sobre os princípios que regem o aparelho psíquico. E ainda o fato dele ter abandonado a hipótese do caráter regressivo para a pulsão de vida no final da teoria, que como apontamos, dificultou falar em pulsão de vida primária.

Seguindo o percurso teórico, Freud inicialmente em *Além do princípio do prazer*, havia apontado que a pulsão sexual representaria a classe da pulsão de vida e a pulsão de autoconservação à classe da pulsão de morte. No entanto, ele não pôde desconsiderar que o fenômeno do narcisismo, o qual evidenciara que o eu também é investido de libido, tinha dissolvido esta primeira oposição de classes pulsionais. A pulsão de vida passou a ser representada pela pulsão sexual e pela pulsão de autoconservação e a pulsão de morte perdeu seu representante. Freud supôs, ainda neste texto de 1920, que o sadismo atenderia a esta necessidade e alega que a pulsão de morte é perceptível quando é direcionada para o mundo externo. Os representantes da pulsão de

morte são então vistos como a pulsão agressiva e o sadismo. No artigo *O problema econômico do masoquismo* Freud fez as reformulações finais sobre o masoquismo, descreveu dois tipos de masoquismo (o primário e o secundário) e apresentou suas três formas (masoquismo primário, feminino e moral). Além do masoquismo erógeno, ele formulou entre os artigos *O eu e o id* e o *Mal-estar na civilização* a noção de supereu sádico, sendo este também uma forte evidência da ação mortífera da pulsão de morte.

Observamos que apesar de Freud insistir no estado puro da pulsão de morte e da pulsão de vida, isto é, na independência entre elas, sua argumentação sempre o levou a indicar que as espécies de pulsões trabalham em conjunto, e que entre elas haveria uma relação de autonomia. Assim, enquanto a união pulsional indica a combinação das duas pulsões em diferentes proporções, a desunião pulsional parece se referir aos eventos em que a pulsão de morte assume maior autonomia em relação a pulsão de vida e não necessariamente à separação destas pulsões. No entanto, em *O mal-estar na civilização* ele ressaltou enfaticamente que não é possível desconsiderar que parte da pulsão de morte pode se manifestar independentemente da pulsão de vida. Mas mesmo fazendo tal colocação, não há uma justificativa que apoie essa afirmação.

Em favor da independência entre as pulsões, Freud apresenta elucidacões como visto em *O eu e o id* – quando ele descreve como a pulsão de morte é tratada no organismo –, além da pulsão de morte ser evidenciada na forma de sadismo e de masoquismo, haveria uma terceira parte desta pulsão que não se funde com a pulsão de vida, e prossegue silenciosamente e sem obstáculos conduzindo o organismo à morte. Também em *Análise terminável e interminável* Freud aponta que na origem do conflito entre as tendências homossexuais e heterossexuais há de considerar a intervenção de um elemento de agressividade livre. Mas nestas exemplificações apenas é mencionada a independência da pulsão de morte.

Se, como observamos, as pulsões operam sempre juntas por que Freud insistiu em classificá-las em duas classes independentes? É certo que, para Freud, o conflito entre as pulsões está na raiz dos transtornos psíquicos. Mas ao que parece, não é necessário conjugar duas classes pulsionais para falar em conflito. O conflito entre pulsão sexual e pulsão de autoconservação, ambas sendo libidinais, exemplifica isso. Talvez pulsão de vida e pulsão de morte não precisassem pertencer a classes diferentes para que o conflito aconteça. Talvez elas

pudessem ser pensadas como dois aspectos de um mesmo impulso.

Outro agravante na separação das pulsões em classes parece ter sido o fato da pulsão de autoconservação, em um primeiro momento, ter representado a pulsão de morte e depois ter sido considerada representante da pulsão de vida, sem que Freud tenha apresentado nenhum argumento que contradiga a relação entre as pulsões de autoconservação e a pulsão de morte.

Assim, talvez tenhamos que considerar que Freud tenha proposto um dualismo em sentido diferente do primeiro. Enquanto o primeiro dualismo está relacionado a duas classes de pulsões (sexuais e de autoconservação), derivadas de um funcionamento biológico distinto (as funções de conservação da espécie e do indivíduo, respectivamente), o segundo dualismo parece caracterizar dois aspectos antagônicos da existência pulsional, fundamentada numa tensão inerente à vida e que se estabelece entre duas tendências: uma tendência à complexidade e à organização e outra tendência à eliminação da tensão e a retornar ao inanimado.

Parece correto indicar que, no segundo dualismo pulsional, a pulsão seja considerada como pura potência indeterminada, e as diferentes qualidades da pulsão viriam dos diferentes modos como a pulsão é inscrita no aparelho psíquico e não de uma diferença ontológica entre elas. Portanto, toda pulsão seria, simultaneamente, pulsão de vida e de morte.

As considerações apresentadas não encerram as discussões sobre os impasses presentes na teoria do segundo dualismo. Podemos dizer que apesar de Freud insistir na necessidade da suposição do segundo dualismo pulsional, encontramos uma série de dificuldades nos argumentos fornecidos para sustentá-lo, o que faz com que tal hipótese permaneça como um dos pontos problemáticos da última etapa do pensamento freudiano.

BIBLIOGRAFIA

- Armengou, F., G. (2009). The Death Drive: Conceptual Analysis and Relevance in the Spanish Psychoanalytic Community. *Int. J. Psycho-Anal.*, 90, 263-289. Recuperado em 30 de julho de 2013, de <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1745-8315.2008.00121.x/full>
- Andrade, F., C., B. (2011). A metapsicologia do masoquismo em Freud e Laplanche. *Estudos de Psicanálise (Belo Horizonte-MG)*, 36, 55–68. Recuperado em 30 de julho de 2013, de <http://www.cbp.org.br/metapsicologiamasoquismo.pdf>
- Bomfim, T., H. (2008). A constituição dos conceitos de ego e objeto na metapsicologia freudiana. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos: UFSCar. Recuperado em 30 de julho de 2013, de <http://www.dfmc.ufscar.br/uploads/publications/4f05def205c0b.pdf>
- Baldi, C., (2009). Reflexões sobre o Pensamento Social Freudiano – um Encontro entre o Poder e a Pulsão de Destruição. Dissertação de mestrado, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro. Recuperado em 30 de julho de 2013, de <http://www.uff.br/dcp/wp-content/uploads/2011/10/Disserta%C3%A7%C3%A3o-de-2009-Cynthia-Baldi.pdf>
- Caropreso, F. (2008). O inconsciente psíquico na metapsicologia freudiana: desenvolvimento e articulações conceituais. In: Aires, S. & Ribeiro, C. (Org.). *Ensaio de filosofia e psicanálise*. Campinas: Mercado de Letras.
- Caropreso, F. (2010). *Freud e a Natureza do Psíquico*. São Paulo: Annablume.
- Caropreso, F., & Simanke, R., T. (2006). Compulsão à repetição: um retorno às origens da metapsicologia freudiana. *Ágora – estudos em Teoria Psicanalítica*, 9, 207-224. Recuperado em 30 de julho de 2013, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982006000200004&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt
- Caropreso, F., & Simanke, R., T. (2011). Vida e morte na metapsicologia freudiana: uma reavaliação do segundo dualismo pulsional. In: *Entre o corpo e a consciência: ensaios de interpretação da metapsicologia freudiana*. São Carlos: Edufscar.
- Elisha, P. (2010). Psyche and soma in the work of sigmund freud. In: *The Conscious Body: A Psychoanalytic Exploration of the Body in Therapy*. Editora: Amer Psychological Assn.
- Figueiredo, L., C. (1999). *Palavras cruzadas entre Freud e Ferenczi*. São Paulo: Escuta.
- Fortes, I. (2007). Erotismo versus masoquismo na teoria freudiana. *Psicol. Clin.* 19, 35-44. Recuperado em 30 de julho de 2013, de http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-56652007000200003&script=sci_abstract&tlng=pt

- Freud, S. (1978). Tres ensayos de teoría sexual. In *Obras Completas*. (José L. Etcheverry, trad.) (Vol. 07, [1901-1905]). Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Trabalho originalmente publicado em 1905).
- Freud, S. (1979). La interpretación de los sueños. In *Obras Completas* (José L. Etcheverry, trad.) (Vol. 04, [1900]). Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Trabalho originalmente publicado em 1900 [1899]).
- Freud, S. (1979). La perturbación psicógena de la visión según el psicoanálisis. In *Obras Completas*. (José L. Etcheverry, trad.) (Vol. 11). Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Trabalho originalmente publicado em 1910).
- Freud, S. (1979). Introducción al psicoanálisis de las neurosis de guerra. In *Obras Completas* (José L. Etcheverry, trad.) (Vol. 17, [1917-1917]). Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Trabalho originalmente publicado em 1919).
- Freud, S. (1980). Análisis terminable e interminable. In *Obras Completas*. (José L. Etcheverry, trad.) (Vol. 23, [1937-1939]). Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Trabalho originalmente publicado em 1937).
- Freud, S. (1980). Esquema del psicoanálisis. In *Obras Completas*. (José L. Etcheverry, trad.) (Vol. 23, [1937-1939]). Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Trabalho originalmente publicado em 1940 [1938]).
- Freud, S. (1982). Proyecto de psicología. In *Obras Completas*. (José L. Etcheverry, trad.) (Vol. 01, [1886-1899]). Buenos Aires: Amorrortu Editores. (Trabalho originalmente publicado em 1950 [1895]).
- Freud, S. (2010). Introdução ao narcisismo. In *Obras Completas*. (Paulo César de Souza, trad.). (vol. 12, [1914-1916]). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho originalmente publicado em 1914).
- Freud, S. (2010a). Os instintos e seus destinos. In *Obras Completas*. (Paulo César de Souza, trad.). (vol. 12, [1914-1916]). São Paulo: Companhia das Letras. (Texto original publicado em 1915).
- Freud, S. (2010b). A repressão. In *Obras Completas*. (Paulo César de Souza, trad.). (vol. 12, [1914-1916]). São Paulo: Companhia das Letras. (Texto original publicado em 1915).
- Freud, S. (2010c). O inconsciente. In *Obras Completas*. (Paulo César de Souza, trad.). (vol. 12, [1914-1916]). São Paulo: Companhia das Letras. (Texto original publicado em 1915).
- Freud, S. (2010). Luto e melancolia. In *Obras Completas*. (Paulo César de Souza, trad.). (vol. 12, [1914-1916]). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho originalmente publicado em 1917).
- Freud, S. (2010). O inquietante. In *Obras Completas*. (Paulo César de Souza, trad.). (vol. 14, [1917-1920]). São Paulo: Companhia das Letras. (Texto original publicado em 1919).

- Freud, S. (2010). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico. In *Obras Completas*. (Paulo César de Souza, trad.). (vol. 10, [1911-1913]). São Paulo: Companhia das Letras. (Texto original publicado em 1911).
- Freud, S. (2010). Além do princípio do prazer. In *Obras Completas*. (Paulo César de Souza, trad.). (vol. 14, [1917-1920]). São Paulo: Companhia das Letras. (Texto original publicado em 1920).
- Freud, S. (2010). O mal-estar na civilização. In *Obras Completas*. (Paulo César de Souza, trad.). (vol. 18, [1930-1936]). São Paulo: Companhia das Letras. (Texto original publicado em 1930).
- Freud, S. (2010). Por que a guerra?. In *Obras Completas*. (Paulo César de Souza, trad.). (vol. 18, [1930-1936]). São Paulo: Companhia das Letras. (Texto original publicado em 1932).
- Freud, S. (2010a). Novas conferências introdutórias à psicanálise. Conferência XXXI: A dissecação da personalidade psíquica. In *Obras Completas*. (Paulo César de Souza, trad.). (Vol. 18, [1930-1936]). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho originalmente publicado em 1933).
- Freud, S. (2010b). Novas conferências introdutórias à psicanálise. Conferência XXXII: Angústia e instintos. In *Obras Completas*. (Paulo César de Souza, trad.). (Vol. 18, [1930-1936]). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho originalmente publicado em 1933).
- Freud, S. (2011). Psicologia das massas e análise do eu. In *Obras Completas*. (Paulo César de Souza, trad.). (vol. 15, [1920-1923]). São Paulo: Companhia das Letras. (Texto original publicado em 1921).
- Freud, S. (2011a). “Psicologia” e “Teoria da Libido”: dois verbetes para um dicionário de sexologia. In *Obras Completas*. (Paulo César de Souza, trad.). (vol. 15, [1920-1923]). São Paulo: Companhia das Letras. (Texto original publicado em 1923).
- Freud, S. (2011b). O eu e o id. In *Obras Completas*. (Paulo César de Souza, trad.). (vol. 16, [1923-1925]). São Paulo: Companhia das Letras. (Texto original publicado em 1923).
- Freud, S. (2011). O problema econômico do masoquismo In *Obras Completas*. (Paulo César de Souza, trad.). (vol. 16, [1923-1925]). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho originalmente publicado em 1924).
- Freud, S. (2011). A negação. In *Obras Completas*. (Paulo César de Souza, trad.). (vol. 16, [1923-1925]). São Paulo: Companhia das Letras. (Texto original publicado em 1925).
- Freud, S. (2014). Conferências introdutórias sobre psicanálise. Parte III. Conferência XXVI: A teoria da libido e o narcisismo. In *Obras Completas*. (Paulo César de Souza, trad.). (vol. 13, [1916-1917]). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1917).

- Garcia-Roza, L., A. (1936). *Freud e o inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Garcia-Roza, L., A. (2008). *Artigos de metapsicologia, 1914-1917: narcisismo, pulsão, recalque, inconsciente*. Vol. 3, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Giacóia, O., J. (2008). *Além do princípio do prazer: um dualismo incontornável*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira (Para ler Freud).
- Hanns, L., A. (1999). *A teoria pulsional na clínica de Freud*. Rio de Janeiro, Imago.
- Laplanche, J., & Pontalis, J., B. (2001). *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes. (Texto original publicado em 1982).
- Maldonado, G. (2005). *Um estudo sobre o conceito freudiano de pulsão de morte*. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia. Recuperado em 30 de julho de 2013, de http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/8285/8285_1.PDF
- Matteo, V. (1986). Do inconsciente ao id: gênese de uma idéia. *Symposium (Revista da UNICAMP)*, 28, 118-136. Recuperado em 30 de julho de 2013, de <http://veterinariosnodiva.com.br/books/7-Do%20inconsciente%20ao%20id.pdf>
- Monzani, L., R. (1989). *Freud: o movimento de um pensamento*. Campinas: Editora da Unicamp.
- Monzani, L. R. (1990). Discurso filosófico e discurso psicanalítico: balanço e perspectivas. In Prado Jr. Bento (Org.). *Filosofia da psicanálise*. São Paulo: Brasiliense.
- Nagera, H. (1970). *Conceitos Psicanalíticos básicos da Teoria dos Instintos*. São Paulo: Ed. Cultrix.
- Nakasu, M., V., P. (2007). *Sublimação, pulsão de morte, supereu: o papel das teses freudianas sobre a cultura na elaboração das concepções metapsicológicas*. Tese de Doutorado, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP. Recuperado em 30 de julho de 2013, de <http://www.dfmc.ufscar.br/publicacoes/iten/45>
- Nakasu, M., V., P. (2009). Para além do silêncio da pulsão de morte. *Cadernos de Psicanálise (Círculo Psicanalítico/RJ)*, 31, 187-196. Recuperado em 30 de julho de 2013, de http://www.cprj.com.br/imagenscadernos/14.Para_alem_do_silencio_da_pulsao_de_morte.pdf
- Nakasu, M., V., P. (2011). Supereu: inquilino do eu. *Rev. Filos., Aurora*, Curitiba, 32, 183-200. Recuperado em 30 de julho de 2013, de http://www.producao.usp.br/bitstream/handle/BDPI/32185/art_NAKASU_Supereu_ego_tenant_2011.pdf?sequence=1
- Nakasu, M. V. P. (2012). Avatares da instância crítica: supereu entre o isso e o princípio de morte. *Psicologia USP*, São Paulo, 23, 467-480. Recuperado em 30 de julho de 2013, de

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642012000300003.

- Plastino, C., A. (2001). O primado da afetividade: A crítica freudiana ao paradigma moderno. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Rosenberg, B. (2003). Masoquismo mortífero e Masoquismo guardião da vida. São Paulo: Escuta.
- Roudinesco, E., & Plon, M. (1998). Dicionário de psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar. (Texto original publicado em 1944).
- Rudge, A., M. (1998). Pulsão e linguagem: esboço de uma concepção psicanalítica do ato. Rio de Janeiro: Zahar.